

A
A S B R A P
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES
DE HISTÓRIA E GENEALOGIA tem
por finalidade:

- ❑ Promover o intercâmbio entre pesquisadores de História, Genealogia e demais ciências afins, de todo o território nacional, bem como integrá-los com os arquivos de fonte primária existentes no país.
- ❑ Promover, em âmbito nacional, cadastramento de arquivos civis, militares, eclesiásticos, diplomáticos, universitários, particulares e outros, bem como o estudo e a divulgação de sua documentação.
- ❑ Coordenar e divulgar projetos de pesquisa em todo o território nacional, podendo firmar convênios e promover publicações de pesquisas.
- ❑ Promover cursos e palestras de História, Genealogia e ciências correlatas.
- ❑ Despertar o interesse das autoridades e do público em geral, para a importância dos arquivos.
- ❑ Apresentar propostas de melhorias no atendimento aos pesquisadores e na preservação de documentos.
- ❑ Colaborar com entidades e com órgãos públicos em todas as iniciativas que a ASBRAP julgar por bem.
- ❑ Credenciar pesquisadores junto às entidades e aos arquivos públicos e privados, nacionais e estrangeiros.
- ❑ Envidar esforços junto às autoridades competentes com vistas ao reconhecimento e regulamentação da profissão de pesquisador em História e Genealogia.

Participam desta revista:

Aguinaldo Cristofani Ribeiro da Cunha
Gilberto de Abreu Sodré Carvalho
Maria Celina Exner Godoy Isoldi
Maria da Graça Menezes Mourão
Sérgio Sodré de Castro
Sergio Weber

REVISTA DA ASBRAP

24

24



REVISTA DA ASBRAP

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES
DE HISTÓRIA E GENEALOGIA

2017

REVISTA DA ASBRAP Nº 24

REVISTA DA ASBRAP Nº 24



2017

RESPONSABILIDADE

Os conceitos e informações contidos nos artigos assinados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores.

DIREITOS AUTORAIS

Os direitos autorais sobre os artigos ora publicados foram cedidos, por seus autores, gratuitamente, para a presente edição e disponibilização na internet (*site* da ASBRAP).

PROPRIEDADE

ASBRAP

Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:

Rua Dr. Cid de Castro Prado, 79 – Planalto Paulista
04064-040 – São Paulo, SP - BRASIL

Visitem o nosso *site* na Internet: **www.asbrap.org.br**

E-mail da presidência: **presidencia@asbrap.org.br**

.....

MEDIDAS E PARÂMETROS A SEREM UTILIZADOS PARA EDITORAÇÃO DE
ARTIGOS PARA A REVISTA DA ASBRAP

(acessar a página: <https://www.asbrap.org.br/index.php?mpg=09.01.00>)

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

(ver a relação completa em:
https://www.asbrap.org.br/index.php?apg=biblio_acervo)

SUMÁRIO DA REVISTA DA ASBRAP Nº 24

MACRO-GENEALOGIA: GENEALOGIA COM O USO DAS “TEORIAS DAS REDES COMPLEXAS”	9
<i>Gilberto de Abreu Sodré Carvalho</i>	
O MESTRE ANTÔNIO LUCAS CHAVES E A TESSITURA DE SUA REDE DE COMPADRIO NA CULTURA POLÍTICA DE SEU TEMPO EM BARBACENA	23
<i>Maria da Graça Menezes Mourão</i>	
ORIGEM DO APELIDO SODRÉ NO PORTUGAL MEDIEVO	41
<i>Gilberto de Abreu Sodré Carvalho e Sergio Sodré de Castro</i>	
OS CUNHA, SENHORES E MORGADOS DA TÁBUA.....	53
<i>Aguinaldo Cristofani Ribeiro da Cunha</i>	
FAMÍLIA GOMES DE OLIVEIRA CAMPOS E AFINS	59
<i>Sérgio Weber</i>	
GENEBRA MACHADO, UM LAPSO A CORRIGIR	99
<i>Maria Celina Exner Godoy Isoldi</i>	
FAMÍLIA SILVEIRA VASCONCELLOS, DE BRAGANÇA PAULISTA	105
<i>Maria Celina Exner Godoy Isoldi</i>	
ASCENDÊNCIA DE GAETANO FIERRO E DE MARIA TERESA MENCHISE NA PUGLIA E NA BASILICATA (ITÁLIA)	131
<i>Aguinaldo Cristofani Ribeiro da Cunha</i>	

MACRO-GENEALOGIA: GENEALOGIA COM O USO DAS “TEORIAS DAS REDES COMPLEXAS”

Gilberto de Abreu Sodré Carvalho

Resumo: *Este artigo mostra as possibilidades da Macro-genealogia como ciência útil ao conhecimento do passado, mediante a sua própria metodologia. Os resultados das pesquisas genealógicas podem ser importantes por si sós para o estudo de um período, sem a necessidade adicional de conclusões históricas.*

Abstract: *This article shows the possibilities of a Macro-genealogy as a useful science for the knowledge of the past, by means of its own methodology. The results of the genealogical investigations can be important on its own value for the study about a given period, without the additional provision of historical conclusions.*

Genealogia e “redes complexas”

O campo de investigação da Genealogia pode ser gigantesco na medida em que as *teorias das redes complexas* sejam utilizadas. Chamo de “Macro-genealogia” a disciplina correspondente às investigações genealógicas de grande volume de dados com o uso destas teorias.

As *teorias das redes complexas* se desenvolveram a partir de muitas motivações científicas, como, por exemplo, o desejo de entender-se a contaminação de doenças, a dinâmica social da passagem de informações e o funcionamento das redes sociais. Estas *teorias* resultaram em *metodologias* de estudo com o uso de modelos matemáticos, desde os últimos anos do século 20¹. Existe aproveitamento derivado dessas teorias, fora da pesquisa científica propriamente dita, como o que ocorre com os “bancos de dados” da tecnologia da informação, em que se formam redes de dados para uso recorrente por empresa ou instituição.

¹ Para efeito de aprofundamento no tema, o leitor poderá consultar as noções de “experimento do mundo pequeno”, “rede complexa”, “modelagem matemática”, “seis graus de separação”, “banco de dados”, “grafo”, “teorias das redes”.

Essas metodologias se aplicam sobre fenomenologias complexas a serem entendidas mediante a descoberta das interações entre agentes. Estes *agentes* são pontos (“points” ou “knots”) em rede. Cada ponto apresenta

- *interação* com outros,
- *convergência* a outros,
- *continuidade* em outros, e
- *mutação*.

No âmbito da nossa possível Macro-genealogia, a rede genealógica tem características semelhantes à trama que mapeia a divulgação de notícias de boca-em-boca, à teia onde se visualiza a transmissão de doenças, ou à rede social que demonstra a aquisição coletiva de novos hábitos no vestuário. Nestes três casos, observa-se, além da interação, convergência e continuidade, também a mutação (transformação). A mutação acontece quando as notícias se deturpam após serem muito recontadas, as doenças se alteram na forma de novos vírus, a moda de vestuário se modifica com os ajustes subjetivos de seus seguidores.

Penso que seja imediata a percepção de que as redes macro-genealógicas apresentam interações, convergências e continuidades. Isso se pode observar na dinâmica da passagem genética ou de DNA entre os pontos, seja por matrilinearidade ou patrilinearidade. No entanto, como ocorreria a mutação?

A resposta a essa pergunta tem um desdobramento. A mutação poderá ser

- *genética*, pela fixação de caracteres convenientes ou inconvenientes, ou mutações na leitura de caracteres nas passagens de um indivíduo a outro; ou
- *social*, por ascensão ou descensão de posicionamento social intergeracional, em poder proprietário, poder de mando e/ou poder do prestígio.

As mutações genéticas são difíceis de ser identificadas por falta de documentação médica e de registros visuais das pessoas. As mutações sociais são passíveis de acompanhamento pelos registros em cartórios judiciais (inventários), de transações em geral e de testamentos, e outras fontes.

Volume de dados para estudos em Macro-genealogia

Pensamos em uma genealogia de grande número de pessoas, que passe a merecer um tratamento matemático, ou seja, a Macro-genealogia.

A primeira ideia para se perceber o tamanho e a complexidade de uma rede de pontos macro-genealógicos é ter em mente que cada humano, homem ou mulher (vou chamá-lo de *João*), segue necessariamente o padrão de ter, *em ascendência*, em direção ao passado, *planos geracionais* que se vão duplicando, como se vê na Ilustração 1.

Ilustração 1

João e seus irmãos inteiros (mesmo pai e mãe) têm

:

- 1 casal de genitores;
- 2 casais de avós;
- 4 casais de bisavós;
- 8 casais de trisavós;
- 16 casais de quartos-avós;
- 32 casais de quintos-avós;
- 64 casais de sextos-avós;

Total: 127 casais de antepassados até os sextos-avós

A mesma pessoa (ou casal) poderá ser encontrada tanto como sexto-avô ou avó como quinto-avô ou avó. Ocorre que os mesmos antepassados do trio joanino podem deslocar-se para até dois ou mais *planos geracionais* que tenham João e irmãos, como ponto de contagem. Isto ocorre por efeito das uniões entre primos distantes, entre primos próximos e até entre tios e sobrinhas, e ainda segundas e terceiras uniões de um mesmo agente.

Nesta visão, o número de 127 posições de antepassados do trio João e irmãos pode ser menor, uma vez que diversos pontos ou agentes podem ter tido mais de *interação* com um outro agente, vista a rede na real complexidade dos seus diversos *planos geracionais*. Observe-se que tais *interações* ensejarão *convergências, continuidades e mutações* que terão como elemento de analítico as referidas *interações*.

As repetições de antepassados(as) é comum, especialmente até a primeira metade do século 20, em que as pessoas tendiam a permanecer no seu lugar de nascimento ou arredores. Com o que muitos antepassados(as), em um levantamento real, teriam ocupado duas ou mais posições de ancestrais. Observe-

se que isso terá ocorrido tanto com os descendentes mais próximos de um ou mais dos casais sextos-avós do trio joanino como com pessoas vindas de fora. Os próprios casais dos sextos-avós podem ter repetição, ou ser resultado de uma segunda ou terceira união de alguém já constante de outra dupla na faixa dos sextos-avós. Por conta disso, cada outro genitor, homem ou mulher, de cada casal abaixo dos sextos-avós, poderá também ser descendente de um ou mais casais de sextos-avós. Haverá assim muitos caminhos para que, após gerações, alguém seja descendente da inteireza dos 64 sextos-avós, se for pesquisar seus planos geracionais em ascendência, ou seja, em direção ao passado.

...

A partir dos 64 casais sextos-avós do trio joanino se pode desenhar leque de planos geracionais em descendência, a dizer, no sentido do “futuro”, onde estará o trio joanino.

Na nossa esquematização hipotética, de cada casal em cada plano geracional haveria, suponhamos, três descendentes (filhos e filhas) chegados à idade adulta e que tenham procriado. Observe-se que os casais tinham mais de dois filhos ou filhas, até doze ou mais, sendo três um número prudente para ser usado como estimativa média dos sobreviventes até a idade adulta, por casal, ao longo dos planos geracionais em descendência.

Como se trata de uma esquematização teórica para efeito de exposição, não devemos nos preocupar com as descontinuidades (os casais sem geração) em cada um dos planos geracionais em descendência.

Assim:

Ilustração 2

(apenas de valor expositivo, não real)

- Cada um dos 64 casais de sextos-avós do trio joanino teria sido genitor do homem ou da mulher de
- 192 casais ($64 \times 3 = 192$), sendo 32 deles os quintos-avós do trio joanino. Cada casal dos 192 teria sido genitor do homem ou da mulher de
- 576 casais ($192 \times 3 = 576$), sendo 16 deles os quartos-avós do trio joanino. Cada casal dos 576 teria sido genitor do homem ou da mulher de
- 1.728 casais ($576 \times 3 = 1.728$), sendo 8 deles os trisavós do trio joanino. Cada casal dos 1.728 teria sido genitor do homem ou da mulher de

- 5.184 casais ($1.728 \times 3 = 5.184$), sendo 4 deles os bisavós do trio joanino. Cada casal dos 5.184 teria sido genitor do homem ou da mulher de
- 15.552 casais ($5.184 \times 3 = 15.552$), sendo 2 deles os avós do trio joanino. Cada casal dos 15.552 teria sido genitor do homem ou da mulher de
- 46.656 casais ($15.552 \times 3 = 46.656$), sendo 1 deles o casal genitor do trio joanino. Cada casal dos demais teria, de igual modo, sido genitor de um trio de irmãos inteiros.

Na Ilustração 2, cada um dos 46.656 trios, referidos por último, teria os mesmos 64 casais sextos avós do trio joanino como seus (suas) antepassados(as). Isto, no entanto, é impossível de ocorrer na vida real.

Ocorre que a igualdade inventada de ancestrais - construída por supostos ancestrais (homem ou por mulher) que seja descendente dos 64 casais, dos 192, e assim por diante – articula-se com a improbabilidade fática da exatidão geométrica de cada plano geracional poder gerar o seguinte, de cima para baixo. As pessoas em carne e osso não têm vidas robotizadas que as façam gerar filhos e filhas sincronicamente, a cada plano geracional padronizado, este também ocorrente para todos ao mesmo exato tempo cronológico.

...

A completa artificialidade da Ilustração 2 não significa que não se possa levantar a genealogia descendente de um casal de sextos-avós de um trio joanino. Isto é possível teoricamente, e na prática, com muito esforço. Mostrará uma teia de planos geracionais que se afastarão de qualquer correspondência em grau de ancestralidade com os planos geracionais ascendentes do trio joanino. Mais ainda isto é verdadeiro se lembrarmos que a dispersão genealógica na direção descendente se dá tanto pelos homens como pelas mulheres.

Se construíssemos uma rede para articular os dois levantamentos de planos geracionais (o em ascendência e o em descendência), o *grafo*, este é o nome técnico destas representações complexa, seria enorme.

Tal grafo que imaginamos mostraria os planos em ascendência de uns tantos joões e joanas (vamos imaginar 10 pessoas, filhas de genitores diferentes, em um mesmo espaço demográfico), ocorrentes em um dado lugar e tempo histórico, até o plano geracional de seus sextos-avós, que como explicado acima não serão os mesmos.

O resultado será um emaranhado de antepassados (as) em comum, quanto mais aquele espaço demográfico, uma cidade ou região, e tempo histórico, tenham recebido menos entrantes vindos de fora da repertório genealógico endógeno.

Disto se conclui que importa, primeiro, o estudo em ascendência, fixadas as pessoas de ponto de partida, o lugar (espaço demográfico) e o segmento de tempo. Só em seguida se fará o cruzamento dos dados no sentido descendente.

Sobre as linhagens dos linhagistas e as linhagens e caminhos no âmbito da Macro-genealogia

O levantamento de linhagens serviu para os linhagistas do passado frente às suas preocupações de legitimação de heranças físicas e patrimônio imaterial, bem como para documentar a nobreza de alguém.

Na angulação da realidade objetiva e não do “linhagismo nobiliárquico”, cada João e Joana é referência de uma infinidade de linhagens possíveis, em todas as alternativas de zigzagues, identificadas no campo em rede da chamada “árvore genealógica ascendente”, em direção ao “passado”, bem como seu entorno genealógico é observável em mapeamento *em descendência* a partir de cada casal específico de seus antepassados.

O estudo do entorno genealógico *em descendência* mostrará os parentescos colaterais, em que eventualmente vão-se ver coincidências de colaterais como antepassados (as). No conjunto, todos os *caminhos* de todos os casais antepassados, tendo o João ou Joana como destino, e corresponderão exatamente a todas as *linhagens* joaninas possíveis de alinhar para cima.

Por força das inúmeras *linhagens* ou *caminhos* que podem ser levantados, aquelas 10 pessoas, filhas de genitores diferentes, em um mesmo espaço demográfico, tendem a ser parentes, a algum título, umas das outras.

Quanto mais se ampliarem o espaço demográfico e o segmento de tempo, mais quaisquer 10 pessoas escolhidas a esmo tenderão a ser parentes entre si.

As únicas exceções, para essa dinâmica de parentescos, podem talvez ser as comunidades humanas que se mantenham absolutamente isoladas, como grupos indígenas fora por inteiro do caudal do gênero humano. Mesmo assim haverá conexão se a ampliação de espaço demográfico e segmento de tempo for radical. Mesmo as pessoas de etnia chinesa, zulu, esquimó, japonesa ou tibetana estariam na genealogia de todos os humanos, uma vez que essas etnias, uma vez alcançadas por um único ponto se ligam por inteiro ao resto.

Essa rede social de todos os seres humanos leva a possibilidade de descobrirem-se ou de descreverem-se muitos trilhões de *linhagens* e de *caminhos*. Existem “infinitos” trilhões de histórias genealógicas possíveis de serem contadas.

Nenhuma narrativa genealógica é isolada. Mesmo que a ação se desenvolva na ilha mais remota, terá um ponto comum com outra história.

Na literatura de ficção e na vida real, tudo tem começo, discussão e conclusão; podem ser romances, sátiras, contos, comédias, novelas históricas, poemas encenados, epopeias, canções teatralizadas. Muitas narrativas

genealógicas vão ser abortadas no seu curso; ou vão minguar ou sumir. Outras vão ser interceptadas por estórias mais volumosas de elenco ou mais densas em dramaticidade e se tornarão episódios cooptados no caudal da estória abrangente. Narrativas de pouca dinâmica revigoraram-se inesperadamente e tornaram-se vibrantes.

Uma possível pesquisa genealógica no Piauí dos séculos 18 e 19

O uso das *teorias das redes complexas* e das suas decorrentes metodologias de pesquisa melhor se dá quando há uma grande massa de dados genealógicos relacionados com uma base territorial definida e um recorte de tempo.

Os seres humanos existem em um espaço geográfico. A Demografia, como ciência geográfica, é que estuda ordinariamente essa relação. No caso da pesquisas macro-genealógicas é importante a definição de um espaço geográfico e de um período certo no tempo; essas definições correspondem ao estabelecimento de um “objeto de pesquisa”.

A história da ocupação de um espaço, a continuidade da ocupação do território e o desenvolvimento de novas intervenções no território se dão em articulação com o que se pode chamar de *processo genealógico*. A história acontece no espaço e no tempo; a Macro-genealogia é uma forma de contar a história.

Como exemplo de como uma pesquisa macro-genealógica poderia se dar, penso no levantamento de Edgardo Pires Ferreira² no Piauí, no período de 1700 até o ano de 1900³, acompanhado de levantamentos de outras tantas descendências de casais contemporâneos no ano de 1700, aos que Edgardo tomou como “pontos de origem”.

O uso da obra de Edgardo é primordial em vista de ele ter sido o primeiro estudioso a levantar com sucesso, genealogias descendentes volumosas, a partir de “pontos de origem”. A escolha que faço do Piauí está em o Piauí ter sido objeto da pesquisa de Edgardo e de mostrar uma configuração demográfica, nos séculos 18 e 19, decorrente de uns poucos casais que servem como “fundadores”.

Não é preciso que se cubra o total da realidade genealógica (“objeto da pesquisa”), ou seja, todas as pessoas viventes no intervalo de tempo e espaço físico determinados. Basta que se tenha uma boa massa de pontos (pessoas), os possíveis de captura por registros paroquiais de nascimento, casamento e óbito.

² Ver em Referências.

³ A fixação de um momento de início e de final tende, de a ser arbitrária quando se esboça um projeto de pesquisa. Logo, com os primeiros dados, se observa que se devem fazer ajustes.

Teríamos uma rede enorme, só ilustrável tridimensionalmente, com inúmeras conexões ligando cada pessoa a todas as outras, em conexões diretas (pai e mãe) e indiretas por vias pontuadas por duas, três ou dezenas de pessoas intermediárias. Tal quadro é irrealizável na prática como um desenho ou um modelo tridimensional físico. O quadro só se poderia mostrar, em uma concepção digital, como uma gigantesca teia apresentada por pontos (as pessoas) e os seus acessos a todos os demais pontos.

Eu imagino uma animação digital em que se pudesse “viajar” nas inúmeras narrativas genealógicas, ou seja, linhagens, caminhos e itinerários transversos para a obtenção de dados a contar de interações, convergências, continuidades e transformações, com o uso de “tios”, “tias”, “primos” e “primas”.

As árvores genealógicas em ascendência de um casal vivente no final do século 19, no Piauí. Conforme dados que colhi na obra de Edgardo Pires Ferreira mostram a frequência com que ocorriam casamentos entre primos⁴. A sequência de planos geracionais começa no final do século 17. O homem é José Carvalho de Almeida e a mulher é Philomena Rosa Borges Leal; vai-se até os casais quintos-avós deles; um casal sexto-avô aparece apenas porque também estava entre os quintos.

Há muitos vazios a demandar preenchimento a considerar-se a necessária expansão vista na Ilustração 1. Por certo, essas lacunas são fáceis de preencher com algum tempo de pesquisa⁵; mas, mesmo com a incompletude, pode-se observar a intensa presença de pessoas e casais em mais de um plano geracionais e em um mesmo plano.

É notável, nos exemplos de José e Philomena, a alta presença de antepassados(as) repetidos em cada um e comuns aos dois:

- No plano geracional dos sextos-avós, José e Philomena têm, juntos, o casal Francisco da Cunha Castello Branco e Maria Eugênia de Mesquita, 2 vezes (1 em José e 1 em Philomena).
- No plano geracional dos quintos-avós, José e Philomena contam, juntos:
 - 7 vezes, o casal Francisco da Cunha Castello Branco e Maria Eugênia de Mesquita (3 vezes em José e 4 vezes em Philomena),

⁴ Principalmente, mas não apenas, em PIRES FERREIRA (2013). Faço retificações.

⁵ O preenchimento das lacunas levaria, provavelmente, ao robustecimento do fenômeno dos casamentos entre primos. No resto da obra de Edgardo ou nos trabalhos genealógicos de Valdemir Miranda de Castro esses vazios poderão ser ocupados.

- 5 vezes, o padre Miguel Carvalho de Almeida (2 vezes em José e 3 vezes em Philomena),
- 2 vezes, o casal Domingos Dias da Silva e Isabel de Almeida (1 em José e 1 em Philomena), e
- 2 vezes, o casal João Gomes do Rêgo Barros e Ana Castello Branco de Mesquita (1 em José e 1 em Philomena).
- No plano geracional dos quartos-avós, o José e Philomena contam juntos:
 - 2 vezes, o casal João Gomes do Rêgo Barros e Ana Castello Branco de Mesquita (1 em José e 1 em Philomena),
 - 5 vezes, o casal Manuel Carvalho de Almeida e Clara da Cunha e Silva Castello Branco se apresenta (2 em José e 3 em Philomena), e
 - 2 vezes, o casal Antônio Carvalho de Almeida e Maria Eugênia de Mesquita Castello Branco (1 em José e 1 em Philomena).
- No plano geracional dos trisavós, José e Philomena contam juntos:
 - 3 vezes, o casal João Borges Leal e Clara da Cunha e Silva Castello Branco (1 em José e 2 em Philomena),
 - 2 vezes, o casal Antônio Carvalho de Almeida e Maria Eugênia de Mesquita Castello Branco (1 em José e 1 em Philomena), e
 - 2 vezes, o casal Francisco da Cunha e Silva Castello Branco e Ana Rosa Pereira Teresa do Lago (1 em José e 1 em Philomena),

- No plano geracional dos bisavós, José e Philomena contam juntos:
 - 2 vezes, o Francisco Borges Leal Castello Branco e Teresa Rosa do Lago Castello Branco (1 em José e 1 em Philomena), e
 - 2 vezes, o casal Antônio Carvalho de Almeida, filho, e Ana Maria da Conceição Rodrigues (1 em José e 1 em Philomena),
- No plano geracional dos avós, José e Philomena contam 2 vezes o casal José Carvalho de Almeida, senior, e Francisca Vitalina Castello Branco (1 em José e 1 em Philomena).

Este alto padrão de consanguinidade ou de casamentos entre primos parece ter sido também muito praticado entre as pessoas simples. É mais provável que os já conhecidos se casem, se unam ou tenham filhos e filhas naturais. A proximidade provoca suscitem-se as compatibilidades e as afinidades de todo o tipo. Não se trata de endogamia no sentido de comportamento para a proteção de uma etnia (língua, religião, costumes e reiteração do ancestral comum) em ambiente hostil, como ocorrente entre os israelitas e os chineses antigos, mas sim de falta de alternativas razoáveis.

A exogamia, ou seja, os casamentos, uniões e relações rápidas entre gente antes desconhecida, que resultem em filhos e filhas, é fenómeno das cidades grandes do século 19 português e brasileiro. Nas circunstâncias das cidades grandes, as pessoas se podem encontrar nas escolas, em igrejas maiores, nos bailes, quermesses, procissões volumosas e festejos onde se adensam muita gente. A exposição de umas pessoas antes desconhecidas das outras se dá nesses locais de encontro geral. Aí, vão-se observar encontros de gente distante quando às suas moradas e quanto a poder de compra, a poder político e a poder estamental.

Hipóteses que poderiam ser confirmadas pela pesquisa

Pergunto:

Quais seriam as hipóteses de trabalho dessa pesquisa sobre as teias de parentesco do Piauí dos séculos 18 e 19, desde o ano de 1700 ao de 1900, em vista do que se conhece por indicações de estudos genealógicos de cunho restrito?

Penso que seriam as seguintes, ao menos eu as sugeriria a quem fosse levar a frente um projeto de tal magnitude:

REPETIÇÃO DE ANTEPASSADOS (AS) EM UM MESMO PLANO GERACIONAL

As pessoas se repetem como pontos em um mesmo *plano geracional* de um dado descendente. Ou seja, um casal ou um dos indivíduos – homem ou mulher - de um casal surgem mais de uma vez como antepassados do dado descendente, como seus trisavós, quartos-avós, quintos-avós ou sextos-avós.

REPETIÇÃO DE ANTEPASSADOS (AS) EM MAIS DE UM PLANO GERACIONAL

As pessoas se repetem como pontos em dois ou mais *planos geracionais* de um dado descendente. Ou seja, um casal ou um dos indivíduos – homem ou mulher - de um casal (como companheiro (a) em outra configuração de casal) surgem tanto como seus trisavós como seus quartos-avós, ou quintos-avós ou sextos-avós. É possível a repetição no âmbito de até três *planos geracionais*.

FILHOS E FILHAS FORA DO CASAMENTO CONCENTRADOS NO TEMPO ANTERIOR A UMA UNIÃO FORMAL

No meio das pessoas de alto poder de compra e de *status* é comum que todos os irmãos homens esperem que o irmão mais velho se case para depois eles, os outros, casarem. Isso leva a que se haja muitos filhos e filhas naturais vindos de todos os irmãos homens, inclusive do primogênito.

CASAMENTOS DE TIOS E SOBRINHAS E ENTRE PRIMOS

Os antepassados homens nos estudos das linhagens e dos caminhos se casam significativamente em termos estatísticos com suas sobrinhas ou com primas de mesmo *plano geracional* ou um abaixo ou um acima de onde ele, o antepassado homem, está. Esse fenômeno faz com que o antepassado homem se desloque para também posicionar-se como parte do casal que tem sua mulher como referência.

ERRADO SE FALAR EM “GERAÇÕES” DE 25 EM 25 ANOS

Não existe qualquer sustentação para a ideia de que as “gerações” sejam contadas de 25 em 25 anos, ou qualquer outra medição objetiva. As gerações decorrentes de um casal

(“árvore genealógica descendente”) perdem logo a sincronicidade, os bisnetos e bisnetas podem apresentar diferenças de idade mais de trinta e cinco anos. Isto posto, a contagem objetiva de gerações de 25 em 25 só tem sentido se dermos importância total ao ambiente social e geral onde estejam as pessoas nascidas no momento 0 (zero) de uma sequência de 25 anos, sendo descartados todos os que venham a nascer nos anos seguintes.

MANUTENÇÃO INTERGERACIONAL DE PODER DE COMPRA, DE PODER POLÍTICO E DE PODER ESTAMENTAL

Transformações dramáticas relacionadas à mobilidade social tendem a não ocorrer. Os descendentes se mantêm, de regra, dentro do mesmo plano de poder de compra, de poder político e de poder estamental dos antepassados, sem trocas maiores de posicionamento com os posicionados em outros planos de poder de compra, de poder político e de poder estamental. A expectativa é de que no Piauí, nos séculos 18 e 19, não tenham ocorrido mudanças decorrentes de imigrantes ou advindas de mudança de modelo econômico.

A ASCENSÃO SOCIAL POR SUBIDA EM PODER DE COMPRA E EM *STATUS* COINCIDE COM MAIOR PODER POLÍTICO

As três dimensões (a de compra, a política e a simbólica) tendem a acompanhar uma às outras, ou seja, cada qual alimenta ou dá força aos demais.

CONCENTRAÇÃO DE DNA POR CONVERGÊNCIA

Os casais com parentesco, próximo ou remoto, constroem conglomerados de DNA do casal que foi o seu antepassado em comum. A carga genética desse DNA em cada indivíduo pode ser medida com uma razoável aproximação daquela possível com os exames laboratoriais de DNA de hoje.

UM MODELO DOMINANTE DE TOMADA DE SOBRENOMES E NOMES

Na adoção intergeracional de sobrenomes, uma vez levantada, mostrará, possivelmente, um modelo dominante e as exceções. Deve haver uma relação entre a escolha do sobrenome e algum movimento de ascensão econômica e de *status* de indivíduos.

Do mesmo modo, a escolha de nomes, por ocasião do Batismo, mostrará algum critério dominante que remeta aos antepassados.

MUDANÇA, NO SÉCULO 19, DOS PROCEDIMENTOS DA TOMADA DE SOBRENOME

Houve, em meados do século 19, mudança do costume português do Antigo Regime, passando as mulheres a tomar o sobrenome dos maridos, do que resultou a adoção mais uniforme de sobrenomes pelos filhos e filhas, à moda dos franceses.

BUSCA DE *STATUS* DETERMINOU A ADOÇÃO DE SOBRENOMES

A fixação (adoção intergeracional de sobrenomes) se dava em favor dos apelidos que fossem indicativos de posse de *status*. No caso de uniões em que a mulher era de *status* elevado, mas sem recursos, com homem rico ou de poder político, os sobrenomes dos filhos e filhas eram buscados dentro da tradição da mãe e não na do pai.

PRESENÇA DA MATRILINEARIDADE NA TOMADA DE SOBRENOMES PELAS MULHERES

Os sobrenomes das mulheres, até meados do século 19, tendiam a repetir os apelidos da tradição matrilinear. Isso mais acontecia com a existência de apelidos de *status* em meio à tradição matrilinear.

Conclusão

A Genealogia pode valer-se das teorias das redes complexas para a extração de dados muito interessantes para o estudo das sociedades, em períodos históricos específicos. Em lugar de se posicionar como uma disciplina auxiliar da História, a Genealogia pode apresentar-se como tendo escopo, dimensões teóricas e metodologia próprias. O que em conjunto fazem-na ser útil potencialmente à Geografia Humana na investigação do passado e à Sociologia Histórica, além de já o ser para a História.

A esta nova possibilidade da Genealogia se pode chamar Macro-genealogia em contraste com a Micro-genealogia que atenderia às ocorrências de estudos específicos, nos moldes tradicionais desta antiquíssima área do conhecimento.

O exercício que fiz acima da simulação de um esboço de pré-projeto de pesquisa serve para trazer clareza sobre os vários aspectos da Macro-genealogia. Outros exemplos poderiam ser dados das possibilidades de outros objetos de pesquisa.

Em alternativa ao Piauí, entre 1700 e 1900, um objeto de pesquisa interessante seria o da cidade de São Paulo, entre 1800 e 1950. Vislumbra-se uma riqueza de resultados notável, em vista das transformações no âmbito da mobilidade social decorrentes do ingresso dos novos imigrantes e das mudanças na economia.

Outra possibilidade é a da capitania do Rio de Janeiro, entre o final do século 16 e o final do 18. Ou seja, desde a ocupação até o final do Ciclo do Ouro, na América Portuguesa.

O MESTRE ANTÔNIO LUCAS CHAVES E A TESSITURA DA SUA REDE DE COMPADRIO NA CULTURA POLÍTICA DE SEU TEMPO EM BARBACENA

Maria da Graça Menezes Mourão

Especialista em História e Cultura de Minas Gerais

Resumo: Através do diário pessoal de Antônio Lucas Chaves, - mestre da Instrução Primária no apogeu do Segundo Império em Barbacena, filho do ministro do Supremo Tribunal de Justiça e Conselheiro do Estado Antônio José de Carvalho Chaves, militar, português com altos cargos no Primeiro Império -, o artigo analisa o seu envolvimento com grupos politicamente coesos, pessoas gradadas barbacenenses e homens da Corte, evidenciando mecanismos comumente usados no século XVIII e XIX, como a formação de compadrio para obtenção de benesses e apoio social, desta forma construindo sua Cultura Política.

Abstract: Through the personal diary of Antônio Lucas Chaves, a teacher of primary education at the apogee of the Second Empire in Barbacena, son of the minister of the Supreme Court of Justice and Counselor Antônio José de Carvalho Chaves, a Portuguese military officer with senior positions in the First Empire - , the article analyzes its involvement with politically cohesive groups, people from Barbacena and men of the Court, showing mechanisms commonly used in the eighteenth and nineteenth centuries, such as the formation of compadrio to obtain benefits and social support, thereby building their Political Culture.

1- A adoção do modo de pensar como Cultura Política

A partir de uma situação particular, Álvaro Araújo Antunes (2004) usando as premissas de Chartier (1994) para estudar o “universo relacional de um advogado setecentista” enunciou que os ‘os indivíduos produzem o mundo social, por meio de suas alianças e seus confrontos, através dos conflitos que os ligam ou dos que os opõem’ e ‘que as relações sociais equivaliam de certa forma, a um capital’.¹ Capital este, referindo-se àquele poder com o qual o indivíduo poderá

¹ ANTUNES.2004, p.19.

contar ao longo de sua vida com pessoas de prestígio, tal como uma economia ou poupança guardada para uso diante de uma necessidade.

Na extensão do mesmo assunto, Antunes (2004), citando Boudon (1995), mostra também que o estabelecimento destas redes e laços entre as pessoas favorece à circulação de ideias que promove o mecanismo do modo de pensar destas mesmas pessoas, ‘fazendo circular as informações que exprimem seus interesses, gostos, paixões e opiniões’.² Assim sendo, diante do pensamento desse historiador, prevejo que no convívio com estas mesmas ideias, encontra-se a formação da Cultura Política do indivíduo.

A Cultura Política como a ideologia dos homens públicos foi, desde muito foi assunto para os filósofos antigos. No horizonte da política clássica desde os estudos de Platão, Aristóteles e Sócrates, havia preocupação com a capacidade política dos cidadãos e o seu papel na sociedade.³

Roiz (2007) comenta ‘que o interesse dos historiadores pela Cultura Política deve-se ao fato de permitir reconstituir o comportamento político de indivíduos e grupos, tendo em vista suas próprias representações e visões de mundo, com as quais definiriam suas memórias, vivências e sensibilidades’. De modo geral, este conceito ‘permitiria circunscrever o sistema de representações, com os quais, de modo complexo (e às vezes imprevisto), indivíduos e grupos demarcam seus projetos e iniciativas’.⁴

Na atualidade são inúmeros os estudos no campo da Cultura Política desenvolvidos por Debrun (1989). Correspondendo à Cultura Política de um determinado grupo, há um estágio que ele define como “ideologia primária”. Esta se constituiria de ‘grupos de indivíduos vivendo suas experiências políticas e elaborando suas conclusões’, que corresponde ao ‘conjunto de atitudes e orientações dos cidadãos em relação aos fenômenos políticos’.⁵ Assim, as ideologias primárias seriam aquelas engendradas ‘na práxis imediata dos atores, particularmente a dos atores dominantes’ cujos ‘novos significados se internalizam nas práticas sociais’.⁶

No Brasil, um dos primeiros passos a respeito da Cultura Política, teve início no final do século XX, com Rodrigo Patto Sá Motta (2000), quando também um grupo de historiadores franceses empenhava-se na apropriação deste conceito.⁷ Como a Cultura Política envolve um campo conceitual muito fértil, Motta o expôs segundo as potencialidades a que estes formuladores franceses se inspiraram, baseando-se principalmente em Tocqueville, que desenvolveu a ideia

² Boudon, in ANTUNES, 2004, p.28

³ BAQUERO, 2001, p. 4.

⁴ ROIZ, 2008

⁵ DEBRUN, 1989, p. 175.

⁶ DEBRUN, 1983, p. 19.

⁷ MOTTA, 2000.

de que ‘a força da organização política dos norte americanos derivava não somente das instituições, mas tinha relação com os hábitos e costumes daquele povo, o que ele chamou de hábitos de coração’.⁸

Portanto, se a força de uma organização política reside nos “hábitos de coração”, ou seja, naquilo que costumeiramente um povo sente a respeito, a Cultura Política reside na vivência de pessoas que favorece à circulação de ideias fruto do mesmo modo de pensar de um determinado grupo expresso pelos seus ‘interesses, gostos, paixões e opiniões’, caracterizando assim, segundo Boudon, como ‘um feixe de discursos, a atividade política de uma comunidade’.⁹

Mas, o uso da categoria Cultura Política não deve ser visto como um esquema classificatório, e sim como ‘um método de análise de certo grupo, tentando articular um modelo de interpretação da sua rede de crenças’. Assim, a inserção a respeito da Cultura Política neste artigo – e é aí que se insere a presente análise – é contribuir para explicar o comportamento do Mestre Antônio Lucas Chaves, destacando ‘a forma como os valores culturais são componentes endógenos da tomada de decisão’.¹⁰

2- O mundo político da época

A análise de parte do conteúdo do diário do professor barbacenense Mestre Antônio Lucas Chaves denuncia sua práxis vivida entre os barões do Império e a sua consequente desilusão política vivenciada como homem público. Com o devido cuidado a não reduzir todas as suas relações com pessoas gradas e da Corte, a um jogo de interesses, apoio-me nas referidas citações teóricas, procurando desvendar a constituição da ideologia política deste homem, que segundo cita o Almanaque Administrativo, Civil e Industrial da Província de Minas Gerais, nos anos 1864 (pág. 47) e 1874(pág. 504 e 546), o referido se encontrava na Instrução Primária em Barbacena, Minas Gerais.

Muito embora, presumindo que o seu pai Conselheiro Antônio José de Carvalho Chaves também praticasse o compadrio pelos cargos políticos exercidos no Primeiro Império e que fosse exemplo para Antônio Lucas Chaves, o mestre barbacenense procurou inserir ou consolidar suas amizades em redes sociais compostas por uma clientela de prestígio e de profissão. Tessituras estas que se organizavam e se moldavam, segundo as formas de sociabilidade no apogeu do Segundo Império (1850-1870), como também no início da sua queda.

O conhecimento da personalidade do Mestre Antônio Lucas Chaves e suas interpretações a respeito da vida política de seu país possibilitam

⁸ Formisiano, 2001:393-426 .In MOTTA, p.15.

⁹ Boudon, in ANTUNES, 2004, p.28.

¹⁰ RENNÓ, 1998, p. 86.

compreender a práxis política deste tempo, a partir do seu diário, escrito desde data incerta, pois faltam páginas, até o dia 22.03.1870.

No entanto, as lamentações das páginas analisadas não deixam nenhuma dúvida quanto à predição do fim da Monarquia pelo Mestre Antônio Lucas Chaves, cuja crise (1870-1889) é deflagrada em 3.12.1870, com a publicação do Manifesto pelo jornal “A República”.

O Brasil, de regime monárquico, era visto como uma anomalia na América, tendo em vista serem republicanos todos os países à sua volta. E uma mesma proposição norteava a direção do pensamento com relação aos homens que formaram o quadro da República, pois muitos conjugavam a ideia anunciada no Manifesto Republicano de 1870.

Todos comungavam a mesma ideia, liberais, republicanos e conservadores, segundo observou em 1882, o liberal Martinho Campos. Para ele ‘são duas coisas muito parecidas – um liberal e um conservador – e podia mesmo acrescentar-se um republicano, porque têm todos os mesmos ares de família. Vivemos às mil maravilhas na mesma canoa e não temos dificuldades quanto às opiniões’.¹¹

Quando a República se dá em 1889, a proclamação é considerada como uma concretização popular levada a efeito por um grupo de homens idealistas e corajosos que conseguiram integrar o país nas tendências do século.¹²

3-As origens do Mestre Lucas Chaves

Antônio Lucas Chaves nasceu na cidade de Cuiabá, Mato Grosso. Era filho do português Conselheiro Antônio José de Carvalho Chaves que como militar, serviu em Moçambique em 1802. Retornando a Portugal, formou-se em Leis pela Universidade de Coimbra, conforme carta de Bacharel datada de 23.11.1809. Viajou para o Brasil, ao ser nomeado juiz de fora da Comarca de Cuiabá pelo decreto de 13.05. 1811. Através do alvará de 4.02.1812, tornou-se Provedor da Fazenda dos Defuntos e Ausentes, Resíduos e Capelas e havendo bem desempenhado o cargo, foi a ele reconduzido com o predicamento do primeiro banco, em decreto de 13.03.1815. Foi presidente da Junta Provisória da Província do Mato Grosso (1822-1823) e ministro do Supremo Tribunal de Justiça e Conselheiro do Estado no Império. Pela resolução de 6.08.1821, tomada sobre consulta da Mesa do Desembargo do Paço, veio a ser Desembargador da Relação da Bahia.

Emília Viotti Costa (1999) aponta que a primeira tarefa dos homens que assumiram o poder depois da Independência foi substituir as instituições coloniais

¹¹ JAVARI, 1962, p.196.

¹² COSTA, in Anais do Museu Paulista, no.18, SP, 1964.

por outras mais adequadas a uma nação independente. Não se tratava de homens inexperientes que enfrentavam pela primeira vez problemas relacionados com política e administração. Eram na maioria, homens de mais de cinquenta anos, com carreiras notáveis de servidores públicos, que haviam desempenhado vários cargos a serviço da Coroa portuguesa durante o período colonial, e por isso, estavam bem preparados para levar a cabo sua missão.¹³

Assim, Antônio José de Carvalho Chaves era um experiente político que viria a constituir uma carreira notável. Após a Independência, no cargo de Ouvidor durante o Governo Provisório, na 2ª. junta de Cuiabá, ele foi nomeado presidente da Província do Mato Grosso, assumindo o cargo em 20.09.1822 e dele saindo em 30.07.1823, quando veio para o Rio de Janeiro.

Na Corte Imperial no Rio de Janeiro, o pai do Mestre Antônio Lucas Chaves por decreto de 2.08.1826, foi agraciado por D. Pedro I com o grau de Cavaleiro da Ordem do Cruzeiro. Em 12.10.1827, passou para a Casa da Suplicação como Desembargador Ordinário e de Agravos. Em decretos de 12.10.1827 e em 18.10.1829, foi nomeado Corregedor do Crime da Corte e Casa. Com a extinção da Casa da Suplicação ficou pertencendo à Relação do Rio de Janeiro, conforme foi declarado em portaria de 11.03.1833 do Ministro da Justiça e com o foro de Fidalgo Cavaleiro, em decreto de 18.01.1830. Neste mesmo ano, recebeu o Oficialato da Ordem da Rosa, em decreto de 17 de outubro.

Através de Decreto de 15.09.1842, Antônio José de Carvalho Chaves foi nomeado Ministro do Supremo Tribunal de Justiça na vaga proveniente do falecimento de Euzébio de Queiroz Coutinho da Silva, tomando posse em 27 do mencionado mês. Através de D. Pedro II, recebeu o título do Conselho, em carta de 26.09.1842.

Em 14.10.1843, por escritura pública, Antônio José de Carvalho Chaves, tornou-se efetivo no cargo de ministro do Supremo Tribunal de Justiça e Conselheiro do Estado. Faleceu no Rio de Janeiro em 1847, deixando sua aposentadoria em seu testamento a seu filho o Mestre Antônio Lucas Chaves.¹⁴

A respeito do pai, o Mestre Antônio Lucas Chaves de Carvalho escreveu em seu diário que ele morreu em '22.07.1847 e foi sepultado na Fazenda de Nossa Senhora da Conceição da cidade de Niterói no Rio de Janeiro. Nasceu em Condeixa, Bispado de Coimbra, na Província de Beira, Reino de Portugal, filho legítimo do Doutor José Manoel Chaves e de D. Maria de Carvalho Chaves, já falecida nesta data. Fez o seu testamento a 27.01.1846, na mesma cidade, aprovado pelo Tabelião João Pinto de Miranda, da Corte do Rio de Janeiro. Perfilhou filhos legítimos a Antônio Lucas Chaves, Luiz Antônio Chaves e

¹³COSTA, 1999, p.131.

¹⁴MOURÃO, Revista da ASBRAP-nº.14-2008, p.71.

Antônio Elias Maria Chaves, todos filhos da cidade de Cuiabá na Província de Mato Grosso'.¹⁵

A seu próprio respeito, o Mestre Antônio Lucas Chaves escreveu em seu diário que era casado desde 21.07.1834 na Vila do Patrocínio, termo de Araxá com D. Joaquina Eufrásia de Matildes Chaves, filha legítima de Bento José da Silva e sua mulher Ana Eufrásia de Matildes, nascida a 07.07.1823 e batizada na capela do Faria da Freguesia da cidade de Barbacena. E que faleceu em 25.06.1867 pelas 5 horas e ½ hora da tarde, sábado de N. Senhora. Teve 20 partos, tendo a idade de 38 anos e sete dias.¹⁶

4-A tessitura da rede de compadrio do Mestre Antônio Lucas Chaves

Antônio Lucas Chaves teve dezesseis rebentos, tendo vingado somente as filhas com as quais viveu até o final de seus dias. A partir dos apadrinhamentos dos batismos de sua prole, pode-se analisar a rede de compadrio tecida por ele, o que era costume nas Minas Gerais desde os tempos coloniais, mais conhecidamente entre os escravos, segundo os repertórios acadêmicos. É justamente nessa rede que se desenvolve toda a trama de sua vida.

As investigações sobre compadrio na população livre são raras e, no que diz respeito às elites políticas, só muito recentemente começaram a serem realizadas, principalmente em se tratando do século XIX. A fonte que ora temos em mãos – instrumento para identificação da cultura política e ou ideologia – pode conter indícios que apontam aspectos cristalizados no Mestre Antônio Lucas Chaves.

Renato Venâncio e outros (2006) analisaram em um artigo, os laços políticos e sociais estabelecidos através do “sacramento do batismo” entre os membros da elite de Vila Rica no século XVIII. Nesse estudo, usa-se como hipótese central, a de que na ‘sociedade da época, a noção de “prestígio” vinculava-se à capacidade de dispor de recursos - fossem eles pessoais ou do aparelho de Estado -, gerando assim uma “economia de favores”, de dom e contra dom; em outras palavras, de reciprocidade social envolvendo desiguais. Ao benfeitor cabia conceder e ao beneficiado cabia ser fiel, não sendo esse gesto visto como um desvio da “norma”, mas sim como sua corporificação’.¹⁷

A julgar pelas escolhas feitas pelo Mestre Antônio Lucas Chaves, a prática do compadrio tornou-se comum também no período imperial quando certamente era usada para fidelização de apoio partidário. Nas anotações de seu diário, ele relaciona os nascimentos de seus filhos, com os respectivos padrinhos

¹⁵ Manuscrito: Curiosidades-1823, p. 49, ICMCN.

¹⁶ Manuscrito: Curiosidades-1823, p.49, ICMCN

¹⁷ VENÂNCIO e outros, 2006.

estendendo esse registro também à crisma, o que favorece ainda mais o encontro dessa particularidade ainda no século XIX.

A terceira filha do Mestre Antônio Lucas Chaves, Maria Eufrásia de Chaves, nascida em 26.06.1838 teve como padrinho, o Conselheiro José Cesário de Miranda Ribeiro e como madrinha a viúva D. Maria, irmã de João Gualberto Teixeira de Carvalho, importante personagem do cenário político de Barbacena, irmão do Juiz Ordinário Pedro Teixeira de Carvalho que pertencia à rede de relacionamentos dos importantes irmãos Andradas da política imperial brasileira.

O Conselheiro José Cesário de Miranda Ribeiro, Visconde de Uberaba - muito amigo do pai do Mestre Lucas Chaves que o visitou quando retornava de Cuiabá em 1823 - tornou-se em 1821, bacharel em leis pela Universidade de Coimbra e chegou a Ministro do Supremo Tribunal de Justiça. Foi Presidente da Província de São Paulo em 1836 e de Minas Gerais em 1837, representando-a na Corte Portuguesa em 1821-1822 e na Assembleia Geral nas legislaturas de 1826 a 1844, quando foi nomeado Senador pela Província de São Paulo e Conselheiro de Estado em 1842.

Após a Independência do Brasil em 1822, quando se destacou a figura de José Bonifácio de Andrada e Silva, Barbacena se fez presente também através do P^e. Manoel Rodrigues da Costa, um dos inconfidentes de 1789, que se firmou como principal líder político da região. Este padre se ligava por parentesco aos Sá Fortes e Bustamante, família esta, por sua vez, ligada aos citados Teixeira de Carvalho.

Quando Dom Pedro I dissolveu a Assembleia Nacional Constituinte, no episódio conhecido como "Noite da Agonia", o P^e. Manoel Rodrigues da Costa voltou para Barbacena. Após a outorga da Constituição de 1824 foi eleito deputado para a primeira legislatura da Câmara Federal. Porém, por motivos pessoais, renunciou ao cargo e voltou para Barbacena. Somente em 1834, com o Ato Adicional, Barbacena voltou a eleger representantes para a Câmara Federal e a contar com elementos na Assembleia Provincial, como o bacharel Antônio Joaquim Fortes Bustamante.

Toda esta plêiade de políticos citados fazia parte do convívio do Mestre Antônio Lucas Chaves, conforme se vê nos apadrinhamentos que seguem:

*Lydia Eufrásia de Chaves nasceu a 16.01.1848 pela 1 hora e meia da tarde, foi batizada a 03 de fevereiro do dito ano; Padrinhos **Antônio Teixeira de Carvalho** e D. Francisca mulher do seu tio Antônio José da Silva Paiva.*

Lauro Antônio Chaves nasceu a 29-MAR-1855 em uma 5^a. feira as 9 horas do dia e foi batizado no sábado 14.04 pelas 4 horas da tarde pelo Padre Joaquim Barbosa, sendo seus

*padrinhos **Pedro Teixeira de Carvalho e D. Marciana** mulher do comandante Antônio Teixeira.*

*Minervina Eufrásia de Chaves nasceu a 21.10.1865 pelas 2 horas e meia da madrugada do dito dia; batizou-se a 29 do dito mês e ano. **Padrinhos Carlos de Sá Fortes e D. Ana, irmã de João Gualberto** (Teixeira de Carvalho).¹⁸*

Além das famílias citadas, surgiram duas outras que monopolizaram a cena política na região barbacenense, ligados ao Partido Liberal. Trata-se dos Ferreira Armond, encabeçada por Mariano José Ferreira Armond, eleito em 1835 para a Assembleia Provincial e os Oliveira Pena, pelo Comendador João Fernandes de Oliveira Pena, antigo capitão-mor da localidade, eleito também para as legislaturas de 1840, 1842 e 1844.

O Mestre Antônio Lucas Chaves escolhe como padrinhos de sua sétima filha, Amélia Eufrásia Chaves, nascida em 31.05.1842 e batizada em 10.05.1842, o Dr. Camilo Maria Ferreira Armond e sua mulher D. Josefina Camila Gomes de Souza. Posteriormente, Adelinda, crismada em 16.12.1851, teve como madrinha D. Gertrudes, filha de José Gonçalves Gomes Souza e serviu neste ato por procuração da mesma, D. Josefina, mulher do doutor Camilo Maria Ferreira Armond.

O Dr. Camilo Maria Ferreira Armond era filho do primeiro Barão de Pitangui, Marcelino José Ferreira Armond, nascido em Barbacena em 1786. Na nobiliarquia do Império foi Barão de Prados, Visconde e depois Conde de Prados quando se tornou médico do Imperador. Nascido em Barbacena, estudou no Caraça, partindo em 1832 para a França onde concluiu Medicina em 1837. Regressando ao Brasil em 1838 clinicou até 1851. Foi um dos chefes do movimento revolucionário de 1842, na Província de Minas sendo preso e mais tarde anistiado. Elegeu-se para a Assembleia Provincial em 1846, e em 1848 para a Câmara Federal.

Após a Revolução Liberal de 1842, Barbacena e região cresceu sob a influência do Partido Conservador, despontando um jovem médico, filho de Feliciano Coelho Duarte e Dona Constança Emília Duarte Lima, proprietários da Fazenda da Borda do Campo. José Rodrigues de Lima Duarte e sua mulher aparecem também na rede de compadrio formada pelo Mestre Lucas Chaves.

*16°. Filha- Rosária Maria Eufrásia Chaves nasceu a 12.09.1860 pelas 6 horas e 3 horas e $\frac{3}{4}$ do dia domingo; e foi batizada a 03.10.1860; seus padrinhos foram Dr. **José***

¹⁸ Manuscrito: Curiosidades-1823, p.49, ICMCN

Rodrigues Lima Duarte (1826-1896) e sua mulher D. Carlota de Lima Duarte em Barbacena.

Adelaide Feliciano Lima Duarte, casada com Antônio Carlos Ribeiro Andrada, filha de Feliciano Coelho Duarte e de Constança Emília Duarte Lima, portanto sobrinha de José Rodrigues de Lima Duarte tornou-se também madrinha de crisma de Rosária Maria Eufrásia Chaves em 28.10.1861.

Nascido em 1827, José Rodrigues de Lima Duarte, chegou à Barbacena, já formado, por volta de 1850. Apesar das tendências conservadoras do pai, o futuro Visconde de Lima Duarte aproximou-se do Conde de Prados, que lhe deu apoio profissional e, também, o estimulou a entrar na vida pública. Foi eleito deputado provincial de 1852 a 1860, de maneira ininterrupta. Em 1860, inclusive, acumulou os cargos de Deputado Provincial e de Deputado à Câmara do Império, pois foi eleito suplente e, nos períodos de afastamento do titular, ocupava a cadeira. Dentro do Partido Liberal, após 1870, passou a ocupar o lugar do Conde de Prados como principal liderança da região. Chegou a ser indicado três vezes ao Senado Imperial, sempre como o mais votado dentro das listas tríplexes que eram submetidas ao Imperador. Finalmente, foi escolhido Senador do Império em 1884. Anteriormente, em 1880, fez parte, a convite do Imperador, do Conselho de Ministros, ocupando a Pasta da Marinha de Guerra, no Gabinete Ministerial do Conselheiro José Saraiva. O convite foi feito em função de sua destacada liderança e apreço popular como chefe do Partido Liberal na província. Em 1884, com sua entrada para o Senado, foi eleito para a Câmara do Império o seu cunhado Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, paulista nascido em Santos, que veio para Barbacena na década de 1860 por motivos de saúde, aqui se casando com a irmã do futuro Visconde de Lima Duarte. Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, irmão de José Bonifácio e de Martim Francisco (II) foi eleito Deputado Geral em 1881, no lugar do Visconde de Lima Duarte, e reeleito em 1885. Porém, em função de suas tendências republicanas, exacerbadas pelo seu gênio intempestivo, retirou-se da vida pública em 1886, afastando-se do Partido Liberal.

Além de toda essa rede de compadrio, o Mestre Antônio Lucas Chaves deixou enumeradas outras pessoas com as quais ele mantinha relacionamento, a saber:

-José Simpliciano de Teixeira Barreto – dono de uma fábrica de selins em Barbacena, no final XIX.¹⁹

¹⁹ MRSJDR- Marcelina Angélica de PADILHA (testador)-1829/30- BARRETO, José Simpliciano de Souza (testamenteiro). **Informatização Livros de Testamento** Testador/Capela.

-Francisco José Lepage - major ajudante de ordens do Comando Superior da Guarda Nacional da Comarca de Barbacena em 1893, imigrante italiano.²⁰

-João Vidal Barbosa Câmara- Descendente do médico conjurado Domingos Vidal Barbosa Lage (1761-1793), destacado nos autos, porque chegou a transferir-se de Montpellier para o curso médico de Bordeaux, com o objetivo de preparar esta cidade para receber as exportações brasileiras, após a independência prevista pela conjuração. Voltou para Minas em setembro de 1788 e logo foi para Vila Rica. Tinha 28 anos de idade quando foi preso como Inconfidente, em 1789. Nos autos, confessou seu conhecimento das articulações na França para conseguir o apoio dos Estados Unidos ao movimento, através do embaixador americano Thomas Jefferson. Em 1787, quando retornava de Montpellier para Coimbra, na companhia do professor José Joaquim Maria Viagrou, encontrou-se com Jefferson, em Nîmes. Também foi acusado de ter, na viagem de volta ao Brasil, discutido com o advogado José Pereira Ribeiro, que voltava de Coimbra, sobre o livro proibido do abade Raynal, História Filosófica e Política. Condenado à morte, sua pena foi comutada para degredo no Arquipélago de Cabo Verde, onde morreu em 1793.

-Joaquim Rodrigues de Araújo- primeiro Barão de Pirassununga.

-Francisco José de Oliveira Fortes - Pai de Crispim Jaques Bias Fortes, governador na primeira república.

-Joaquim Carlos de Figueredo- Vereador da Câmara da cidade imperial de Ouro Preto.

-Rodrigo José Ferreira Bretas (1814-1866)- um dos famosos irmãos Bretas de Ouro Preto e como Antônio Lucas Chaves, professor de Primeiras Letras. Foi o primeiro biógrafo de Aleijadinho, cujo texto intitulava-se Traços biográficos relativos ao finado Antônio Francisco Lisboa, distinto escultor mineiro, mais conhecido pelo apelido de - Aleijadinho; bem como o pequeno estudo Aleijadinho (Esboço biográfico). A publicação original do dera-se em 1858, nas páginas do Correio Oficial de Minas, nºs 169 e 170.

-João Inocêncio de Faria Alvim- tio de Alphonsus Guimarães e irmão de José Cesário de Faria Alvim, o primeiro presidente da Província de Minas Gerais.

-Antônio Fernandes Fábregas - professor de Primeiras Letras no Colégio em Sabará e Luminárias, Minas Gerais.

- Antônio Pedro Pinto-Professor de Primeiras Letras em Vila do Presídio.

-Pe. João de Sousa Godinho - Vigário do Rio Preto e Professor de Primeiras Letras.

-Francisco de Paula Camilo - morador em Chapéu d'Uvas. Nascido em 26.08.1830 em Barbacena, onde iniciou seus estudos. Seu pai, Francisco de Paula

²⁰ ANDRADA, 2006, pág.21.

Camilo Araújo, além de fazendeiro em Chapéu de Uvas, era político em Barbacena, onde foi líder da Revolução Liberal de 1842.

-Francisco Galdino da Costa Cabral- Juiz Municipal em Barbacena, falecido em Ouro Preto.

A lista dos relacionamentos do Mestre Antônio Lucas Chaves continua citando homens como, 'Mariano Procópio Ferreira Lage; Joaquim Procópio d' Araújo de Juiz de Fora; Urbano Ferreira Alvim; José Leopoldo Gonçalves; Luís Portilho; Dr. Caetano Herculano da Silva Pereira; P^e. Manoel Fernandes Fraga; Manoel Muniz d'Azevedo Rangel de S. João del Rei; Francisco d'Assis Fortes Rangel da Vila de São José Tiradentes; Joaquim José dos Reis da Vila de Pomba; Domingos José da Silveira; Antônio Rodrigues da Fonseca; Francisco Rodrigues de Paula da Fazenda Pão d'Angu no Rio do Peixe; Tibúrcio d'Araújo Lima do Espírito Santo; Dr. Luiz Antônio Chaves, seu irmão, morador no Piraí- Rio de Janeiro; Manoel Ferreira de Faria- Rio de Janeiro; Belmiro Ferreira Pais; João da Costa dos Anjos tabelião na vila do Patrocínio; Francisco Rosa Campos de Formiga; José Antônio Alves de São José del Rei; Pe. Antônio de Sousa Braga - morador em O. Preto; Dr. José Marçal dos Santos; Manoel José Monteiro Amarante-RJ; Elisa Adelaide Perdigão Amarante- RJ; Dr. Marcelino d'Assis Fortes- Juiz de Fora; Joaquim Ferreira- São Tiago (morador em Oliveira); Antero José Lage Barbosa de Juiz de Fora, Dr. Caetano Ferreira da Silva Pereira, Francisco d' Assis Fortes Rangel-Arraial da Lage'.

O diário do Mestre Antônio Lucas Chaves aponta também que ele tinha uma vida social no Império, relativamente muito intensa:

No dia 18 de junho (1861) parti para Juiz de Fora na Comissão da Câmara; no dia 24 foi o Beijamão na casa do Vale Amado e sua Majestade Imperial dignou-se a aceitar a comissão com agrado e prometeu de vir a Barbacena em abril de 1863. [...] No dia 26 de junho fiz entrega dos meus papéis a Ministro da Justiça para ser entregue a S. M. Imperial pedindo sentença ou benefício pelos serviços de meu falecido pai que ele legou-me em testamento. O Sr. Barão de Pitangui ficou encarregado de procurar a resposta. Não consegui a boa resposta e já recebi os documentos faltando a cópia do testamento e o requerimento.²¹

No dia 3 de novembro de 1861 houve a Eleição para 6 Deputados Provinciais Mineiros, eu fui nomeado secretário

²¹ ICMC- Diário do Mestre Lucas Chaves, p.124.

*e concluiu-se a eleição no dia seguinte, dia 4. Neste mesmo dia 3 o Dr. José Rodrigues Lima Duarte deu um esplêndido jantar a seus amigos; eu me achei nesse jantar, bem como grande número de pessoas gradas desta cidade.*²²

À medida que os anos passam sua vivência entre os importantes do Império sediados em Barbacena e no próprio dia a dia como indivíduo envolvido na vida pública, o fazem emitir opiniões em seu diário, refletindo a sua mudança de postura, como também observador de muitas irregularidades:

*No dia 5 de maio principiou a Sessão ordinária da Câmara do 3º. Turno que não se fez em abril; tem havido muito expediente e bem oneroso; acho-me presidindo esta sessão e muito tenho me arrependido de ter ido a estas sessões: os empregos públicos servem para pessoas de boa fortuna e que possam ser independentes, ao contrário, é uma Burla a Legislação...*²³

A vida de Mestre Antônio Lucas Chaves foi uma sucessão de ocupações públicas, além de professor de Primeiras Letras e do Colégio em Barbacena. Em 4.09.1862 recebeu o diploma de 4º. Suplente de Delegado de Polícia, do qual tomou posse em 27.04.1863.

*[...] Fui membro da Comissão do Relatório do Fil. de Orçamento de 63 a 64 e Revisor de C. de Proc. da Comissão a onde estranhei o não por os números dos Talões e Guias dos Distritos de fora e achei irregularidades; principalmente no Talão de Joaquim Francisco Pereira de Andrade e fiz emendas no Talão deste...*²⁴

No 7 de setembro de 1863 houve eleição para três deputados a Assembléia Geral fui secretário nesta mesa; e saíram deputados Barão de Prado, Dr. José Roiz Lima Duarte e o Conselheiro Cristiano Benedito Otoni com 39 votos cada um,

²² ICMC- Diário do Mestre Lucas Chaves, p.125 v.

²³ ICMC- Diário do Mestre Lucas Chaves, p.126.

²⁴ ICMC- Diário do Mestre Lucas Chaves, p.128.

sendo este o número de eleitores neste Colégio e concluiu-se no dia 8 pelas 4 horas da tarde.²⁵

O Mestre Antônio Lucas Chaves mostrou-se engajado e leitor de livros que certamente vão apurando-o como um liberal republicano:

No dia 22 de dezembro de 1866 acabei de ler a história da revolução da França por Lamartine – dos Girondinos. Copiei alguns trechos desta história sanguinária.²⁶

Ele lia, portanto, o que mais recentemente chegava da Europa, cujo assunto estava na boca dos jovens da época, como confirma Joaquim Nabuco falando de si em Minha Formação:

As palavras de um Crente de Lamennais, a História dos Girondinos de Lamartine, o Mundo Caminha de Pelletan, os Mártires da Liberdade de Esquiros eram os quatro Evangelhos da nossa geração [...] Lia de tudo igualmente. O ano de 1866 foi para mim o ano da Revolução Francesa: Lamartine, Thiers, Mignet, Louis Blanc, Quinet, Mirabeau, Vergniaud e os Girondinos, tudo passa sucessivamente pelo meu espírito; a Convenção está nele em sessão permanente.²⁷

Os trechos anotados em seu diário pelo Mestre Antônio Lucas Chaves durante a leitura de Lamartine (1851) na maioria a respeito do despotismo, bem mostram as marcas das vicissitudes da sua vida. A sua prática política foi impondo à sua personalidade a formatação final da sua ideologia.

La nécessité d'une révolution pour apprendre à l'homme ses devoirs est une système ancien et funeste qui produit les plus grand maux des la Société: Le decrí ou il a fait tomber la raisom chez le plus grand nombre des homes, rend le crime des legislatureurs mystiques presque irreparable.²⁸
[...] *Tous les principes d'une gouvernement sont près dans la nature de l'home et de la planete qu'il habite ; il est fait pour*

²⁵ ICMC- Diário do Mestre Lucas Chaves, p.131.

²⁶ ICMC- Diário do Mestre Lucas Chaves, p.146.

²⁷ LAMARTINE.1851

²⁸ ICMCN- Diário do Mestre Lucas Chaves, p.107.

la terre, como une Republique, et un theocratie sont faites pour le ciel e como le despotisme est fait pour les enfers... D^{to}. Pg.231 .²⁹

Alphonse de Lamartine (1790-1869) criticava o radicalismo revolucionário e enfatizando o caráter reformista da Revolução Francesa mostrou as transformações ocorridas na sociedade. O escritor afirmava que ‘o caminho da liberdade poderia ser alcançado sem a radicalização, tal como a ocorrida no período do Terror e exortava a construção de uma paz social, alicerçada na condução das massas pela elite burguesa’.³⁰

As decepções encontradas entre aqueles de prestígio que ao longo da vida pudesse contar, levam-no a perder a crença nos homens.

No dia 7.11.1868 fui a Coletoria levar 84.600 réis de cobranças que eu fiz, porém o Coletor não me quis pagar a percentagem, alegando falsos pretextos de despesas de livros e cadernetas que eu ainda tinha a pagar. Forte fatalidade para mim!! Cada vez fico mais crente que o verdadeiro homem de bem é como o bom diamante, que é difícilimo ser encontrado!...

Nos apontamentos que se sucedem registrados no seu diário percebe-se que a honestidade o faz ser afastado das eleições levando a ser indiciado como responsável por situações comprometedoras durante as eleições de 1869.

No dia 9 do corrente fui avisado que o delegado de Polícia Dr. Teixeira pretendia formar-me processo sobre duas armas da Polícia que haviam sumido= 2 Clavinotes= para assim arredar-me das Eleições de janeiro de 1869. Ora, como eu possa ser responsável por armas que outros assumiram, tendo eu largado a Delegacia em Maio e conservar armas guardadas até novembro? E havendo ocorrido outros Delegados posteriormente. Fatalismo!!!³¹

²⁹ ICMCN- Diário do Mestre Lucas Chaves, p.108.

³⁰ FONTANA.2004

³¹ ICMCN- Diário do Mestre Lucas Chaves, p.153 v.

Desempregado, afastado do Serviço Público, Antônio Lucas Chaves continua a desfiar nesse período, inúmeros pedidos de ajuda, recorrendo à rede de compadrio que esforçara por tecer durante a sua vida, inclusive à mãe do Barão de Pitangui. Não obtendo êxito, registra em seu diário, o fatalismo, exclamado que 'uns nascem com boa estrela, outros em má'. Neste trecho, ele escreve a respeito da fatalidade que acompanha a sua vida, amargurado, pois aconteceu para outro a nomeação para um cargo de escrivão que ele pretendia.

No dia 22.12.1868 fui às 8 horas da noite pedir à Comadre D. Possidônia, para escrever a seu filho, o Barão de Pitangui, para que me obtenha o lugar de agente de Armazém da Companhia União Férrea desta Cidade que está a vagar pela demissão do atual. A carta foi no dia 24 do corrente. (Forte fatalismo de que se pertende!!!! Uns nascem com boa estrela, outros em má! ³²

Segundo Emília Viotti Costa, o partido conservador e o liberal recorriam a todo tipo de manobras. 'Na época de eleições, os gabinetes demitiam funcionários, criavam distritos eleitorais, ou seja, paróquias onde tinham amigos e aboliam os controlados pelos seus adversários. Perseguiam os que votavam na oposição, ameaçando-os com o recrutamento, enquanto recompensavam os aliados com empregos, promoções e sinecuras. As urnas eram roubadas e reapareciam recheadas com um número maior de votos do que se podia esperar dos eleitores registrados'.³³

No dia 10.01.69 deu-se principio a fatura das listas=Cédulas para a Eleição de Eleitores no dia 31 do corrente. Esta eleição tem de ser muito disputada. Preparou-se duzentas cédulas com bem dificuldade por se achar as meninas fora de casa em Companhia de Maria. No dia 31 de janeiro de 1869 houve Eleição para 24 eleitores, apresentaram-se 744 Cédulas e os 24 Eleitores Liberais obtiveram cada um para mais de 490 votos os mais votados e nada menos de 400: os suplentes mais votados foram de 250 a mais. Esta Eleição foi a mais disputada que tem havido. Os Governistas (saquaremas) puseram em plano as mais sinistras intenções; porém não puseram em prática tantas promessas, as mais aterradoras; por pouco que não puseram em prática. Porém,

³² ICMCN- Diário do Mestre Lucas Chaves, p.154.

³³ COSTA, 1999, p.161.

*teriam que arrependem-se deixando para o futuro a memória mais vergonhosa para os Conservadores sanguinários e infames!!!!*³⁴

Este desabafo do Mestre Lucas Chaves bem caracteriza o “ar de família” de que falava Martinho Campos. A semelhança entre os dois partidos, o Conservador e o Liberal, era produto da semelhança de suas bases sociais. No passado alguns historiadores identificaram o Partido Liberal com grupos urbanos e o Partido Conservador com os fazendeiros e outros também que consideravam os homens de negócios e os burocratas ligados aos conservadores e os liberais com aqueles ligados com a agricultura.

Logo, essas assertivas foram sendo corroboradas e mais recentemente José Murilo de Carvalho (1974) concluiu que, tanto em um como noutro partido, havia interesses agrários. E que comerciantes e burocratas encontravam-se em maior número no partido conservador e profissionais liberais no partido liberal.³⁵

Chegamos ao final deste artigo concluindo que a função hegemônica do liberalismo acabou sendo desempenhada pela ética da patronagem, ao se estabelecer relações verticais definidas em termos de favores recíprocos entre indivíduos das classes dominantes e os das classes subalternas.

A patronagem ocultou tensões entre raças e entre classes, com exceção entre senhores e escravos. Através dela, indivíduos de talento, pertencentes às classes subalternas, eram cooptados pelas elites, fazendo jus ao ditado “Quem não tem padrinho, morre pagão”.

Mesmo tendo formado uma excelente rede de apadrinhamento, no final da vida Mestre Antônio Lucas Chaves se achava só e desvalido e para ele o bando de conservadores eram ‘sanguinários e infames’ e ‘teriam que se arrependem deixando para o futuro a memória mais vergonhosa para os Conservadores’.³⁶

³⁴ ICMCN- Diário do Mestre Lucas Chaves, p.154 v.

³⁵ CARVALHO, 1974, p.34.

³⁶ ICMCN- Diário do Mestre Lucas Chaves, p.154 v.

REFERÊNCIAS**Documentais:**

Anais do Museu Paulista, no.18, SP, 1964.

Diário do Mestre Lucas Chaves in Manuscrito: Curiosidades-1823, p. 49, Instituto Cultural Maria de Castro Nogueira-Itaúna –MG

Museu Regional de São João Del Rei - Marcelina Angélica de PADILHA (testador)-1829/30- BARRETO, José Simpliciano de Souza (testamenteiro). Informatização Livros de Testamento-Testador/Capela.

Bibliográficas

ANDRADA, Antônio Carlos Doorgal de. A imigração Italiana em Barbacena-1888-1898-, Bar Gráfica e editora Cidade de Barbacena 2006.

ANTUNES, Álvaro de Araújo- O espelho de cem faces: o universo relacional de um advogado setecentista.. São Paulo: Annablume: PPGH. UFMG. 2004

BAQUERO, M. Democracia, cultura e comportamento eleitoral: uma análise da situação brasileira. Paper apresentado no Seminário: Democracia: teoria e prática. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 20-22 de setembro de 2001. [[Links](#)].

BORBA, Julian. Cultura política, ideologia e comportamento eleitoral: alguns apontamentos teóricos sobre o caso brasileiro. In Opinião Pública, vol.11 no.1 Campinas Mar. 2005.

CARVALHO, José Murilo. A composição social dos partidos políticos imperiais. Cadernos do Departamento de Ciências Públicas da universidade de Minas Gerais, v. 2, p.1-34, dez.1974.

COSTA, Emília Viotti. Da Monarquia à República. Momentos Decisivos.7ª. Ed. SP. UNESP,1999.

COSTA, Emília Viotti. 1964, in Anais do Museu Paulista, SP, no. 18

DEBRUN, M.- A ocultação ideológica: da "ideologia primária" à "ideologia secundária". In: DASCAL, M. *Conhecimento, linguagem, ideologia*. São Paulo: Perspectiva; EDUSP, 1989.

FONTANA, Joseph. A história dos Homens. Bauru:SP. EDUSP.2004.

JAVARI, Barão. Organizações e Programas Ministeriais. 2ª. Ed. RJ. 1962.

LAMARTINE, Alphonse Marie Louis Prat de. Histoire des Girondins. Bruxelles.1851.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Culturas Políticas na História: novos Estudos. Argvmentvm. FH.2000

MOURÃO, Maria da Graça Menezes- O Conselheiro Antônio José de Carvalho Chaves e seu filho Antônio Lucas Chaves- Revista da ASBRAP-nº-14-2008.

ROIZ, Diogo da Silva. Entre a "cultura histórica" e a "cultura política": os ingredientes necessários para a renovação da "historiografia" e do "ensino de história". Rev. Bras. Educ. vol.13 no.39 Rio de Janeiro Sept./Dec. 2008

RENNÓ, L. Teoria da cultura política: vícios e virtudes. *BIB*, Rio de Janeiro, n. 45, p. 71-92, 1. semestre de 1998.

VENÂNCIO, Renato Pinto e alt. O Compadre Governador: redes de compadrio em Vila Rica de fins do século XVIII. Rev. Bras. Hist. vol.26 no.52.SP. Dez.2006.

ORIGEM DO APELIDO SODRÉ NO PORTUGAL MEDIEVO

Gilberto de Abreu Sodré Carvalho

Sergio Sodré de Castro

Resumo: Este artigo trata das origens portuguesas remotas (século XIV) do apelido SODRÉ e, para tanto, demonstra o parentesco entre dom Vasco da Gama e o freire Duarte Sodré.

Abstract: This article studies the Portuguese remote origins (14th century) of the surname SODRÉ, and it shows the kinship between Dom Vasco da Gama and monk Duarte Sodré.

Sumário

Francisco Sodré Pereira e Catarina da Silva Sandoval
Dom Vasco da Gama e Duarte Sodré
Quanto à tomada de apelidos
Bibliografia

Francisco Sodré Pereira e Catarina da Silva Sandoval

Os dois autores descendem de Francisco Sodré Pereira e Catarina da Silva Sandoval. Francisco e Catarina casaram-se na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, em Niterói, na capitania do Rio de Janeiro, em 1669.

Sobre esse casal, a começar pelo que importa a Catarina, se tem o seguinte.

Julião Rangel de Macedo e Beatriz Sardinha foram pais de Paula Rangel de Macedo, a mais velha dos filhos.

Julião Rangel de Macedo foi filho de Damião Dias Rangel, neto de Diogo Dias Rangel, Comendatário de Cete e Vilhela, e bisneto de Pedro Álvares Rangel, fidalgo da Casa do rei dom Afonso III, e de Inês de Macedo, senhores do morgado do Rongel ou Rangel, junto a Coimbra.

Julião Rangel de Macedo foi fidalgo da casa do rei dom Filipe I, de Portugal. Passou à conquista do Rio de Janeiro e, aqui, foi feito Juiz de Órfãos, nos fins do século 16. Em 1583, substituiu a Salvador Correia de Sá, no Governo Geral e a quem ajudou na fundação da cidade do Rio de Janeiro. Chegou ao Rio de Janeiro, em companhia do Governador-geral Mem de Sá.

A mulher de Julião, de nome Beatriz Sardinha, foi irmã inteira do primeiro bispo do Brasil, dom Pedro Fernandes Sardinha, e filha, com o irmão bispo, de João Gomes Sardinha e de Filipa Gomes, da Ilha da Madeira, ambos com origem em Setúbal.

Paula Rangel de Macedo, referida no início desta nota, teve, com Diogo de Mariz Loureiro, a Maria de Mariz. Diogo de Mariz Loureiro foi Provedor da Fazenda Real, no Rio de Janeiro.

Maria de Mariz e João Gomes da Silva tiveram a Catarina da Silva Sandoval.

João Gomes da Silva, nascido em 1580 e morto em 1640, foi capitão da infantaria e das fortalezas de Santo Antônio da Barra na Bahia e de São João da Barra, no Rio de Janeiro, Provedor da Fazenda Real e Juiz de Órfãos, também no Rio de Janeiro.

Francisco Sodré Pereira, vindo do Reino, casou-se, em meados do século 17, no Rio de Janeiro, com Catarina da Silva Sandoval. Os dois autores deste artigo são descendentes desse referido casal, ao qual sucederam, passadas muitas gerações, no uso do apelido Sodré.

Francisco Sodré Pereira, cônjuge de Catarina, foi filho de

- Duarte Sodré Pereira, 10.º senhor de Águas Belas, em Ferreira do Zêzere, Portugal (e Guiomar Ramires de Souza), filho de
- Fernão Sodré Pereira, 9.º senhor de Águas Belas (e Branca Caldeira), filho de
- Duarte Sodré Pereira, 8.º senhor de Águas Belas (e Dionísia de Sande), filho de
- Francisco Sodré (e de Violante Pereira, 7.ª senhora de Águas Belas), filho de
- Duarte Sodré, alcaide-mor das vilas de Tomar e de Seia, veador da Casa do rei dom Manuel, e comendador de Cartiga, na Ordem de Cristo (e de Catarina Nunes); ver abaixo sobre Duarte Sodré.

Violante Pereira, mulher de Francisco Sodré, penúltimo acima referido, foi filha de João Pereira, 4.º senhor de Águas Belas (e Isabel Ferreira). João Pereira, por sua vez, foi filho de

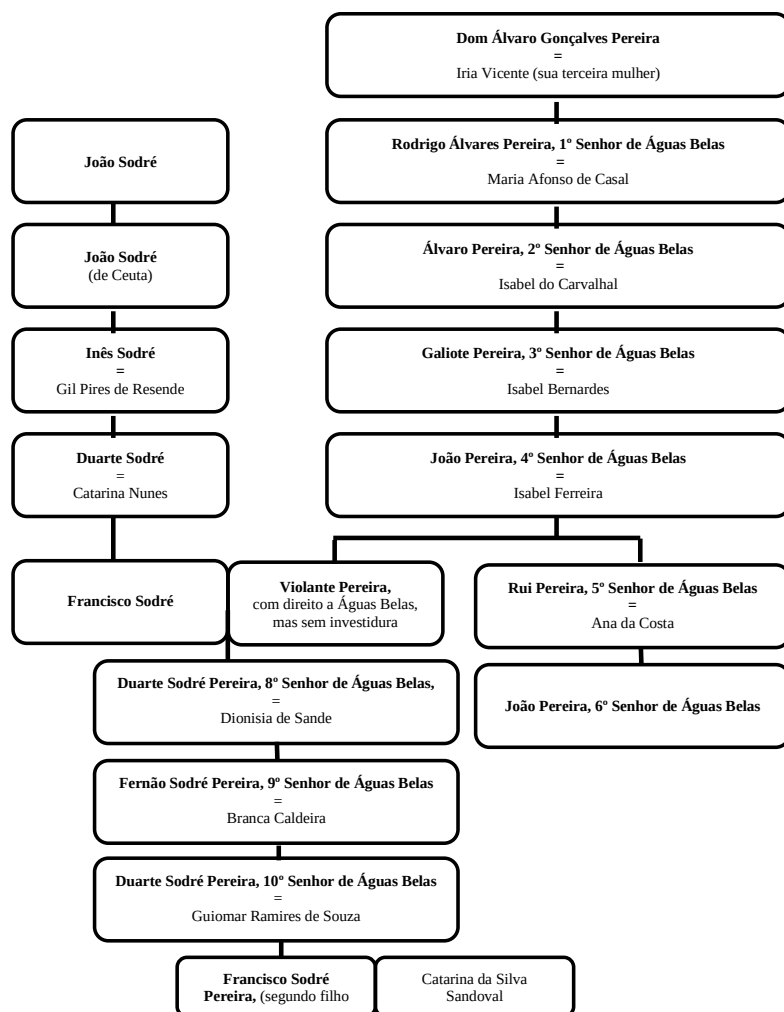
- Galiote Pereira, 3.º senhor (e Isabel Bernardes), filho de
- Álvaro Pereira, 2.º senhor (e Isabel Carvalhal), filho de
- Rodrigo **Álvares** Pereira, 1.º senhor (e Maria Afonso de Casal), filho de
- Dom Álvaro Gonçalves Pereira, prior do Crato (e Iria Vicente).

Este dom Álvaro foi também pai, com outra mulher, de dom Nun'Álvares Pereira, o grande herói português.

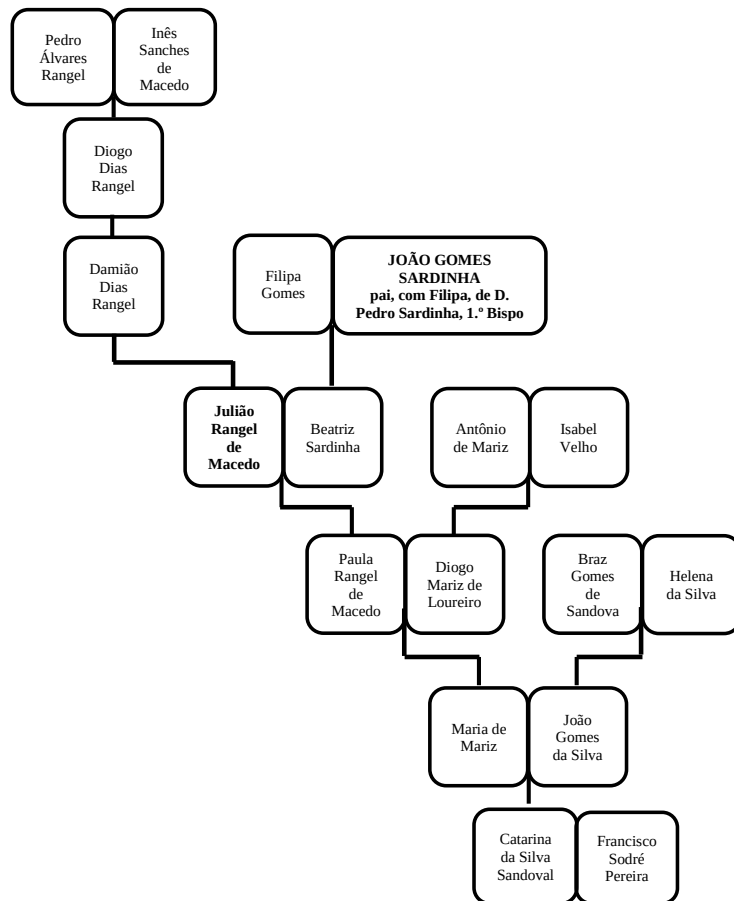
Francisco Sodré Pereira foi filho segundo de Duarte Sodré. Transmigrou para o Rio de Janeiro e lá casou-se com Catarina da Silva Sandoval.

É dado um resumo do escrito acima pelos dois diagramas a seguir. Neles, podem-se observar, com clareza, a formação do apelido duplo Sodré Pereira e a genealogia ilustre de Catarina da Silva Sandoval.

Formação do apelido Sodré Pereira



**Parte do passado genealógico de Catarina da Silva Sandoval,
mulher de Francisco Sodré Pereira**



Dom Vasco da Gama e Duarte Sodré

As investigações sobre a origem do sobrenome Sodré levam aos dois primeiros personagens que notabilizaram esse apelido: dom Vasco da Gama e o freire da Ordem de Cristo Duarte Sodré.

As considerações a seguir são resultado do esforço de compatibilizar as datações e os personagens documentados.

Em Portugal, no final do século 15, houve dois personagens que tinham parentesco entre si, mas que não tiveram, que nos sejam conhecidas, histórias que se cruzassem, muito menos parecem ter sido aliados ou amigos. Eles foram dom Vasco da Gama e Duarte Sodré. Ocorreu – é o que hoje se tem como possivelmente tendo ocorrido – de um trisavô materno de dom Vasco, de nome João Sodré (primeiro do nome), ter sido também bisavô materno de Duarte Sodré. A existência do João Sodré referido, que se torna o “primeiro do nome”, faz sentido no estágio atual do cruzamento das pesquisas, mas é ainda dependente de documentação.

Esse presumível João Sodré (primeiro do nome), talvez inglês de origem, com o nome possível de John Sudeley ou John de Sudeley, pode ter vindo a Portugal, já adulto, antes do reinado de rei dom João I, no período da regente dona Leonor Telles ou mesmo de dom Fernando I, como sugerem SOVERAL e MENDONÇA (2008), página 124. Teria vindo a Portugal, talvez na década dos 1370, acompanhado de uma irmã freira; tudo ainda a comprovar documentalmente.

João Sodré (primeiro do nome) foi pai, ao que se supõe, de (i) João Sodré (segundo do nome), conhecido como tendo estado na conquista de Ceuta, entre 1415 e 1418, e de (ii) Fernão Sodré, com idade assemelhada ao do seu irmão. Fernão Sodré foi criado e escudeiro da Casa Real. Foi ainda escrivão da alfândega de Lisboa.

Essa configuração genealógica (João, de Ceuta, e Fernão como irmãos) decorre da presunção da existência do seu pai em comum a nos referimos como João Sodré (primeiro do nome).

Fernão Sodré, com Violante Galo, foi pai de João Sodré (terceiro do nome). Este João Sodré (terceiro do nome) casou-se com Isabel Serrã. Esta Isabel Serrã foi filha de Afonso Lopes e de Teresa Eanes.

Sobre a união de João Sodré (terceiro do nome) e Isabel Serrã tem-se o seguinte. A referida Teresa Eanes (mãe de Isabel Serrã), depois de viúva de Afonso Lopes, já referido, casou-se - em segundas núpcias de ambos - com Fernão Sodré, este já pai, com a falecida Violante Galo, de João Sodré (terceiro do nome).

Fernão Sodré e Teresa Eanes (viúvos de Violante Galo e de Afonso Lopes, respectivamente) fizeram casar o seu filho e sua filha das suas uniões anteriores: João Sodré (terceiro do nome) e Isabel Serrã. Assim, Fernão Sodré e

Teresa Eanes promoveram o matrimônio entre esses dois dos seus filhos de anteriores casamentos e, a 9 de junho de 1447, fazem-lhes doação de todos os seus bens sitos em Montemor-o-Novo, Alcácer, Almada, Lisboa e Mafra. Registre-se que Isabel Serrã, antes, fora donzela da infanta dona Beatriz.

João Sodré (terceiro do nome) foi almoxarife do Armazém de Lisboa, escudeiro e criado da Casa Real, em 1447. O rei dom Afonso V fez-lhe doação de uma quinta no Porto, em 25 de março de 1455.

João Sodré (terceiro do nome) e Isabel Serrã tiveram a Isabel Sodré, a Vicente Sodré e Brás Sodré, muito conhecidos na conquista da Índia.

Isabel Sodré casou-se com Estêvão da Gama. Este Estêvão da Gama e a referida Isabel Sodré foram pais de Paulo da Gama (primogênito), de dom Vasco da Gama, de João Sodré (quarto do nome) e de Pedro da Gama. Estêvão da Gama, com mulher solteira, foi pai de outro Vasco, que também se chamou “da Gama”.

...

Duarte Sodré é outro personagem português de destaque daquele final de século 15 e início do século 16, ainda que de expressão histórica muito menor que dom Vasco.

Sobre Duarte Sodré tem-se o seguinte.

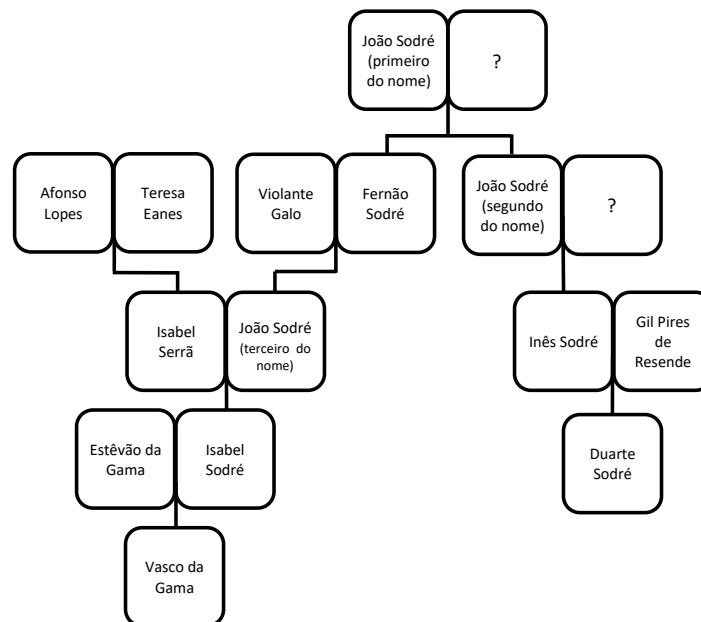
Duarte Sodré nasceu em Santarém, cerca de 1435, e morreu em 1500. Em 1465, era escudeiro da casa do infante dom Pedro. Foi cavaleiro da Ordem de Cristo e cavaleiro da Casa Real, vedor da casa do duque de Viseu, dom Diogo II, e mais tarde do duque de Beja, o futuro rei dom Manuel. Em 23 de agosto de 1486, o rei dom João II autorizou Duarte a constituir morgado, ou seja, terra senhorial. Pelo menos desde 1494, foi alcaide-mor de Seia. Em 26 de janeiro de 1493, era comendador e alcaide-mor de Tomar. Foi ainda provedor das capelas do infante dom Henrique, ou seja, titular da responsabilidade de cumprimento dos sufrágios pela alma do Infante. Foi comendador de Cartiga, na Ordem de Cristo, e, em 1496, vedor da Casa Real.

Duarte Sodré foi filho de Gil Pires de Resende e de Inês Sodré, filha de João Sodré (segundo do nome) e sobrinha de Fernão Sodré, acima citado. Gil Pires de Resende foi provedor dos valados de Santarém, contador régio nos almoxarifados de Santarém e Abrantes, vedor das obras régias de Almerim, procurador régio, escrivão da sisa e da dízima dos pescados do rio Tejo. Descendia de Martim Vasques de Resende, a quem o rei dom João I confirmou a posse do couto de Resende.

O primeiro filho de Duarte Sodré chamou-se João Sodré (quinto do nome, na ordem expositiva que escolhemos) e foi frade franciscano. O segundo filho de Duarte Sodré, Francisco Sodré, casou-se com Violante Pereira, e desse consórcio

nasce a linhagem dos Sodré Pereira, que são aparentados dos Bragança, por via de dom Nun'Álvares Pereira, condestável de Portugal e santo católico.

O parentesco Sodré entre dom Vasco da Gama e Duarte Sodré



Quanto à tomada de apelidos

Para os estudiosos de Genealogia não chama a atenção o fato de Duarte Sodré ter assumido e usado o apelido materno Sodré - e também o brasão do seu avô João Sodré (segundo do nome) - em lugar de Resende, que lhe caberia pelo seu pai, que de seu lado assumira o brasão de Resende. Não havia, desde as origens

portugalenses até o século 19, a obrigação da herança patrilinear quanto a apelido e brasão.

A pessoa fazia a sua adoção de apelido por ocasião do Crisma, ou quando tivesse de assinar documentos, ou ao casar, se mulher. No batismo católico, só constava o nome (o que alguns chamam de prenome) da criança. A escolha do apelido (sobrenome) poderia mudar no curso da vida, ou mesmo conforme o ato de que participasse, sendo referido ou como signatário.

Ainda a dizer que também Gil Pires de Resende, pai de Duarte Sodré, tinha seu apelido Resende e as armas correspondentes a esse nome, por via de sua mãe.

Desde a Idade Média, na tradição portuguesa, igualamos em valor os apelidos e heranças culturais vindos de ambos os genitores. Pai e mãe nos são iguais. Trata-se da “bilinearidade das tradições”, ainda que haja uma tendência para o uso apelido que o pai usa, em especial pelo filho primogênito, ou pela mulher que fosse herdeira na falta de um primogênito varão, quando houvesse um morgado ou herança imobiliária com vínculo. As assunções, como já exemplificado, de apelidos vindos da mãe por filhos homens eram comuns, que os adotam como uma escolha que honradamente podem fazer, conforme os costumes.

Esse conjunto de fatos chamava a atenção de estrangeiros, que se espantam ao notar que em Portugal as pessoas tomam os apelidos que lhes agradam, vendo-se que dois irmãos de mesmo pai e mãe podiam ter apelidos diferentes.

Ainda quanto à assunção de apelidos ligados a senhorios, quando uma mulher herdeira levava ao casamento os direitos sobre um morgado, o seu marido, se fosse ele um secundogênito sem herança, poderia adotar o apelido da esposa.

Quando alguém tomava, cumulativamente, o apelido do seu pai e mais o da sua mãe, o apelido paterno aparecia antes, sendo por último o da genitora. Um exemplo do padrão de primeiro o apelido do pai e, em seguida, o da mãe é o do estadista brasileiro José Bonifácio de Andrada e Silva, que teve por pai Bonifácio José Ribeiro de Andrada e por mãe Maria Bárbara da Silva. A Casa Imperial brasileira é chamada de Orleans e Bragança, uma vez que Bragança é denominação do lado feminino, ou seja, da princesa Isabel. Como reforço do que alegamos, dom Pedro I do Brasil, quando referido com seu apelido de casa se dizia “de Bragança e Borbón”. Borbón por conta de sua mãe Dona Carlota Joaquina.

A obrigação de o nome completo da pessoa (o nome e mais o apelido) ser definido logo ao seu nascimento pelos pais, ou na sua falta, por um responsável, só surge em Portugal, no final da década de 1920 e no Brasil no finalzinho da de 1930.

Conclusão

Os autores, como o leitor pode observar, não adentraram qualquer discussão sobre a possível, mas ainda não comprovada, origem inglesa do apelido Sodré.

A preocupação específica foi de estabelecer em público o que está assentado sobre as origens do sobrenome Sodré no ano de 2017. Por enquanto, basta que tenhamos Sodré como sobrenomeação portuguesa, com primeira ocorrência em meados para o fim do século 14, na região de Lisboa e Santarém, ou seja, no terço médio do território de Portugal.

O ramo Sodré Pereira, que nasce patrilinearmente de Sodré, parece ser aquele de maior expressão genealógica, uma vez que também decorre dos Pereira medievais. Quando da sucessão de Águas Belas, na pessoa de Violante Pereira, que se casou com Francisco Sodré, o apelido duplo “Sodré Pereira” impôs-se, como que obrigação, pelas circunstâncias de a sobrenomeação “Pereira” ser aquela vinculada ao senhorio na sua constituição. Foi o filho de Violante e Francisco, Duarte Sodré Pereira, quem se fez reconhecer na continuação da estirpe de Rodrigo Álvares Pereira, o primeiro senhor de Águas Belas.

Bibliografia

BAIÃO, António. *A vila e concelho de Ferreira do Zêzere – Apontamentos para sua história documentada*. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa, 1918

BELCHIOR, Elysio de Oliveira. *Conquistadores e Povoadores do Rio de Janeiro, Coleção Vieira Fazenda nas Comemorações do Centenário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira Editora, 1965. Reimpressão: 2008.

CARVALHO, Gilberto de Abreu Sodré. *A Inquisição no Rio de Janeiro no começo do século XVII*, Rio de Janeiro: Imago Editora, 2008.

_____. *Dos nomes completos e apelidos na cultura luso-brasileira*. In “Revista da ASBRAP – Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia”; número 20, páginas 9-26, São Paulo: 2013.

_____. *Apelidos na cultura luso-brasileira*. Posfácio de “A mística do parentesco – Uma genealogia inacabada, volume 5 – Os Castello Branco e seus entrelaçamentos familiares no Piauí e no Maranhão (segunda edição revista e ampliada)”, por Edgardo Pires Ferreira, São Paulo: ABC Editorial, 2013.

SODRÉ DE CASTRO, Sergio. *Ligações familiares de Vasco da Gama pelo lado materno*. In “Armas e Troféus – Revista de História, Heráldica, Genealogia e Arte”, páginas 453-465. Lisboa: Instituto Português de Heráldica, 2003 (Nota: Este artigo está revisado no blog do seu autor <http://sodre.blogs.sapo.pt>).

_____. <http://sodre.blogs.sapo.pt> (neste blog, encontra-se a concentração de material atualíssimo de Sergio Sodré de Castro, sobre o apelido “Sodré” e sobre os “Pereira” medievais, que quem Sergio descende pelo sobrenome duplo “Sodré Pereira”).

_____. diversas manifestações e contributos, por troca de e-mails entre os autores do artigo do corpo do texto, durante fevereiro de 2017.

MACEDO SOARES, Antônio Joaquim de. *Nobiliarquia Fluminense ou Genealogia das Principais e Mais Antigas Famílias da Corte e da Província do Rio de Janeiro*. Edição ampliada e publicada por seu filho, o desembargador Julião Rangel de Macedo Soares. 2 volumes. Niterói, Imprensa Estadual do Rio de Janeiro, 1947.

MONTEIRO, Nuno Gonçalo. *Nomes e apelidos em Portugal*. In “História da Vida Privada em Portugal – Idade Moderna”, José Matoso (direção) e Nuno Gonçalo Monteiro (coordenação). Lisboa: Temas e Debates – Círculo de Leitores, páginas 151-157, 2008.

PEREIRA, Isaiás da Rosa. *Origens de Sodré em dom Vasco*. In publicação da Academia Portuguesa de História. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1990. .

RHEINGANTZ, Carlos G. *Primeiras Famílias do Rio de Janeiro (séculos XVI e VII)*. Coleção Vieira Fazenda nas Comemorações do Centenário do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira Editora, 1965.

SOVERAL, Manuel Abranches de; MENDONÇA, Manuel Lamas de. *Ensaio sobre a origem dos Resende/Sodré*. 2008. Separata da revista Armas e Troféus, IX série. Janeiro/Dezembro de 2008, 75 páginas.

OS CUNHA, SENHORES E MORGADOS DE TÁBUA

Aguinaldo Cristofani Ribeiro da Cunha

Resumo: Primeiras gerações da família Cunha, dos senhores e morgados de Tábuia, em Portugal, antepassados de troncos brasileiros.

Abstract: First generations of the family Cunha, of the lords and morgados of Tábuia, in Portugal, ancestors of Brazilian trunks.

APRESENTAÇÃO

Na Revista da ASBRAP n.º 9 foi publicada a genealogia da Família Ribeiro da Cunha – família formada no Brasil, através do casamento do Alferes Antonio Ribeiro da Silva (neto do português Capitão João Ribeiro da Silva, de Amarante, no Douro) com Luísa Leocádia da Cunha de Carvalho (neta do português Coronel Antonio da Cunha de Carvalho, de Celorico de Basto, no Minho), em novembro de 1810, em Baependi, no sul de Minas Gerais.

Nesse texto, de 2004, uma das principais fontes de dados foi a obra **Os Carvalhos de Basto**¹ – publicada em Portugal sobre a genealogia da família Carvalho, descendente de Martim Pires Carvalho, o Cavaleiro de Basto, alcaide-mor do castelo de Arnóia. A origem desses Carvalho, família ancestral de Luísa Leocádia, fundadora da família Ribeiro da Cunha, foi bem apresentada no texto citado.

Porém, o outro ramo de família de Luísa Leocádia, os Cunha, ficaram num segundo plano no referido texto, mencionados apenas à página 203 e à página 206 (casamento de Mécia Vaz da Cunha com Álvaro Roiz Carvalho, por

¹ Obra de grande envergadura, fruto do trabalho de seu autores e editores, Eugénio de Andrea da Cunha e Freitas, Maurício Antonino Fernandes, Francisco Maia e Castro, Nuno Marramaque Ferraz de Andrade e Antonio Duarte Rebelo de Carvalho, devendo ser mencionados, ainda, Maria Adelaide Cardoso de Menezes Pereira de Moraes, Manoel Artur Norton, Abílio Pacheco Carvalho e João Gomes de Abreu e Lima.

volta de 1430/40, união que representou a ligação entre as duas famílias, Cunha e Carvalho).

O objetivo do atual artigo é registrar a origem e a genealogia desses Cunha, senhores e morgados de Tábua, descendentes de Paio Guterres da Cunha, filho de D. Guterre, nobre francês a serviço e companheiro de Henrique de Borgonha, o primeiro Conde de Portucale.

O entrelaçamento dos Cunha e Carvalho no século XV deu origem a diversos ramos Cunha de Carvalho e/ou Carvalho da Cunha, alguns dos quais imigraram para o Brasil no decorrer da segunda metade do século XVIII, notadamente os ramos chefiados pelos três irmãos Cunha de Carvalho, do Solar das Eiras, freguesia de Santo André de Molaes, concelho de Celorico de Basto: Antonio, Francisco e Domingos.

A fonte básica dos dados aqui apresentados é a GeneaLLnet Portugal. Portanto, dados secundários, coletados na internet, e fidedignos, uma vez que atestados pela Genealogia Portuguesa citada acima. Também a Wikipédia foi consultada, em casos específicos, acerca da biografia de alguns personagens.

1. INTRODUÇÃO

O sobrenome Cunha, dessa família que originou os senhores e morgados de Tábua, veio de feitos militares, pelo que se verifica na Wikipédia.²

O primeiro da família a usar esse sobrenome foi D. Paio Guterres, no tempo do primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques (século XII). Na tomada de Lisboa, D. Paio quebrou as portas da cidade com cunhas de ferro, a fim de facilitar a entrada do soberano e, mais tarde, no cerco de Lisboa pelos mouros, atuando na defesa, sustentou o estandarte real com duas cunhas, de forma a que “se aguentasse apesar do vento”. E fez isso em meio ao ataque inimigo, expondo-se a perigos de toda ordem.

Desse uso das cunhas, veio-lhe o apelido de família, que incorporou a seu nome.

A partir dele, os chefes da família, obtendo sucessivamente o senhorio e depois o morgadio de Tábua (freguesia e concelho do mesmo nome, na região de Coimbra), além de outras honras e propriedades senhoriais, passaram a participar ativamente dos acontecimentos do reino nos séculos XII, XIII e XIV.

² Verbete PAIO GUTERRES DA CUNHA.

O neto de D. Paio, D. Lourenço Fernandes da Cunha, rico e poderoso, primeiro foi companheiro de armas do rei D. Sancho I – que, mais tarde, o perseguiu – posteriormente foi partidário de D. Afonso II.

Seu neto, Martin Vasques da Cunha, 4º morgado de Tábua, foi alcaide-mor dos castelos de Linhares da Beira e, sob o rei D. Dinis, do de Celorico de Basto.

Um neto deste, também chamado Martin Vasques da Cunha, 6º senhor de Tábua, casou-se com uma irmã do Condestável Nuno Álvares Pereira

Na época da revolução de 1385, quando sobe ao trono D. João I, inaugurando uma nova dinastia, a de Avis, a família Cunha divide-se: alguns mantêm-se leais ao monarca, outros, optam por apoiar os castelhanos contra os Avis.

No século XV a participação dos Cunha na corte de Portugal continuou intensa e é nesse século que Mécia Vaz da Cunha, filha de Estêvão Soares da Cunha, segundo filho de Vasco Martins da Cunha, 7º senhor de Tábua, casa-se com um dos Carvalho de Basto e une ambas as famílias.

Nos séculos seguintes, os Cunha continuam a desempenhar um papel importante, social e político. Um deles foi conjurado na trama que elevou ao trono D. João IV, o primeiro dos Bragança, na Restauração de 1640.

OS CUNHA, DO MORGADO DE TÁBUA

- I- D. GUTERRE – nasceu c. 1060, na Gasconha, sul da França. Companheiro de armas de Henrique de Borgonha, a quem acompanhou à Península Ibérica e a quem serviu após Henrique casar-se com Teresa de Leão e tornar-se o primeiro Conde de Portucale.
- II- PAIO GUTERRES DA CUNHA – filho do precedente, nasceu c. 1100 na França, acompanhando posteriormente seu pai à Península Ibérica. Foi companheiro de armas do rei D. Afonso Henriques (Afonso I de Portugal). Participou da defesa do castelo de Leiria, do tomada de Lisboa pelos cristãos e do cerco de Lisboa pelos mouros. Seus feitos militares garantiram-lhe a alcunha de “Cunha”. Casou-se em primeiras núpcias com MOR RANDULFES, também conhecida como AUSENDA TRASTAMIREs, e em segundas, com URRACA RABALDES.

- III – FERNÃO PAIS DA CUNHA, filho do precedente e de Mor Randulfes, nasceu c. 1140 e foi o 1º senhor de Tábua. Casou-se com MOR RENDULFE, filha de Rendelfo Soleima, senhor do Couto de Rendulfe, freguesia de Rendulfe, concelho de Amares, e de sua esposa, Eixa.
- IV – LOURENÇO FERNANDES DA CUNHA, filho do precedente, nasceu c. 1180 na freguesia de São Miguel de Cunha, concelho de Braga. Casou-se em primeiras núpcias com D. Sancha Lourenço Macieira e em segundas com D. Maria Martins do Vinhal. Faleceu entre outubro de 1225 e outubro de 1228.
- V – VASCO LOURENÇO DA CUNHA, filho do precedente e de D. Sancha Lourenço Macieira, nasceu c. 1210 e foi o 2º morgado de Tábua. Casou-se com D. Teresa Pires Portel, filha de D. Pedro Pires de Portel e de D. Froile Rodrigues de Pereira.
Dom Pedro Pires era filho de D. Fernão Ramires e de D. Etevainha Soares. D. Froile era filha de D. Rui Gonçalves Pereira e de D. Sancha Henriques de Portocarreiro.
- VI – ESTÊVÃO VASQUES DA CUNHA, filho do precedente, 3º senhor do morgado de Tábua.
- VII – MARTIM VASQUES DA CUNHA, irmão do precedente, a quem sucedeu, e filho de Vasco Lourenço da Cunha, foi o 4º senhor do morgado de Tábua, tendo nascido c. 1235. Alcaide-mor do Castelo de Linhares da Beira. No reinado de D. Dinis, foi alcaide-mor do Castelo de Celorico de Basto. Senhor de Pombeiro, Angeja e Bemposta. Participou da Batalha de Trancoso em 1385, vencida pelos portugueses, contra o rei D. João I de Castela. Casou-se com D. Joana Rodrigues de Nomães, filha de D. Rodrigo Martins de Nomães e de Beatriz Anes Redondo.
- VIII – VASCO MARTINS DA CUNHA, o Seco. Filho do precedente e de Joana de Nomães. Nasceu c. 1260 e faleceu em 1325. Foi o 5º. Senhor do morgado de Tábua. Casou-se com Senhorinha Fernandes de Chacim, filha de Fernão Gonçalves Chacino e de Maior Afonso de Cambra.
- VIII – MARTIM VASQUES DA CUNHA, filho do precedente e de Senhorinha Fernandes Chacim. Foi o 6º. Senhor do morgado de Tábua. Casou-se com D. Violante Lopes Pacheco.

IX – VASCO MARTINS DA CUNHA, o Velho. Filho do precedente e de Violante Lopes Pacheco. Nasceu c. 1325 e faleceu em 1407. Foi o 7º. senhor do morgado de Tábua e senhor de Cunha-a-Velha. Casou-se em primeiras núpcias com Leonor Lopes de Albergaria.

Filhos desse casamento:

- Martims Vasques da Cunha, 1º. Conde de Valencia de Capos.
 - Estêvão Soares da Cunha, que segue.
 - Vasco Martins da Cunha, o Rabo d'Asno, senhor de Penalva.
 - Gil Vasques da Cunha, alferes-mor do reino de Portugal na época do rei D. João I. Casado em primeiras núpcias com D. Isabel Álvares Pereira, irmã do condestável Nuno Álvares Pereira, e em segundas núpcias com D. Leonor Gonçalves de Moura.
 - Lopo Vasques da Cunha, 1º. Senhor de Buendia e de Azanón.
 - Rui Vasques da Cunha.
 - Mécia Vasques da Cunha, abadessa de Lorvão em 1409.
- Em segundas núpcias, Vasco Martins da Cunha casou-se com D. Teresa de Albuquerque.

X - ESTEVÃO SOARES DA CUNHA, nasceu c. de 1360. Casou-se com Constança Pires de Escobar.

XI - MÉCIA VAZ DA CUNHA (ou MÉCIA SOARES DA CUNHA), filha do precedente e de Constança Pires de Escobar. Casou-se com ÁLVARO ROIZ CARVALHO.

Com esse casamento, uniram-se as duas famílias, os Cunha, do morgado de Tábua, e os Carvalho, descendentes de Martim Pires Carvalho, Cavaleiro de Basto, de Celorico de Basto.

Desse casal procede em linha reta a família Ribeiro da Cunha, objeto de estudo na Revista da ASBRAP n. 9, de 2004.

XI - MARTIM VAZ DA CUNHA, filho de Vasco Martins da Cunha, o Rabo d'Asno, senhor de Penalva. Foi o 8º. senhor do morgado de Tábua. Casou-se com Maria Andrade.

XII - ÁLVARO DA CUNHA, filho do precedente e de Maria Andrade. Nasceu c. 1400. Foi o 9º. senhor do morgado de Tábua. Casou-se com Inês de Góis.

XIII - MÉCIA DA CUNHA, filha do precedente e de Inês de Góis.

Nasceu c. 1440. Foi a 10^a. senhora do morgado de Tábua. Casou-se com Pedro Gomes de Abreu em 1487. Perdeu o senhorio e o morgadio para sua primo, D. Luiz da Cunha. Consta na Geneall.net Portugal ter sido Mécia da Cunha a 12^a. senhora de Tábua e a 9^a. Morgada.

FAMÍLIA GOMES DE OLIVEIRA CAMPOS E AFINS

Sérgio Weber

Resumo: São apresentadas aqui gerações Gomes e Gomes de Oliveira, ainda em Braga, Portugal. Depois, prosseguem como Gomes de Oliveira Campos já no Rio de Janeiro/Brasil como seus afins Conrado.

Abstract: This genealogy shows generations of Gomes and Gomes de Oliveira in Braga, Portugal. After, as Gomes de Oliveira Campos at once as their relatives Conrado in Rio de Janeiro, Brazil.

§ 1º

- I- THOMÉ GOMES, nascido cerca de 1670 na Freguesia de São Jerônimo, Portugal. Casado com GREGÓRIA FRANCISCA, nascida na Freguesia de Santa Maria de Devesa, Portugal. Tiveram, pelo menos:
 - 1 (II)- ANA GOMES, batizada em 07-JUN-1699 na Igreja de Santa Maria, Freguesia de Mire de Tibães, Braga, Portugal (fls. 40v).
 - 2 (II)- ANTÔNIO GOMES, batizado em 07-AGO-1701 na Igreja de Santa Maria, Freguesia de Mire de Tibães (fls. 42v).
 - 3 (II)- ANTÔNIO GOMES, que segue.
- II- ANTÔNIO GOMES, nascido em 18-JUN-1704 em Mire de Tibães e batizado em 21-JUN-1704 na Igreja de Santa Maria (fls. 46). Em 29-OUT-1724, na Igreja de São Martinho de Tibães, na mesma freguesia, (fls. 57v), casou-se com ÚRSULA FRANCISCA, nascida em 03-FEV-1703 em Mire de Tibães e batizada em 11-FEV-1703 na Igreja de Santa Maria (fls. 45), filha legítima de Bento André e de Custódia Francisca, falecidos à época do casamento. Tiveram, pelo menos:
 - 1 (III)- ROZA GOMES, nascida em 06-MAIO-1725 em Mire de Tibães e batizada em 10-MAIO-1725 na Igreja de Santa Maria (fls. 28v).

- 2 (III)- CUSTÓDIA GOMES, nascida em 01-JUN-1727 em Mire de Tibães e batizada em 03-JUN-1727 na Igreja de Santa Maria (fls. 33).
- 3 (III)- GRÁCIA GOMES, nascida em 13-JAN-1729 em Mire de Tibães e batizada em 16-JAN-1729 na Igreja de Santa Maria (fls. 37v).
- 4 (III)- BENTO GOMES, que segue.
- 5 (III)- CUSTÓDIO GOMES, nascido em 02-MAR-1733 em Mire de Tibães e batizado em 06-MAR-1733 no Mosteiro de São Martinho (fls. 46). Em 08-JUN-1757, neste Mosteiro (fls. 83v), casou-se com CUSTÓDIA GOMES, filha legítima de Domingos Gonçalves e de Custódia Gomes.
- 6 (III)- JOÃO GOMES, nascido em 13-JAN-1735 em Mire de Tibães e batizado em 20-JAN-1735 na Igreja de Santa Maria (fls. 49).

III- BENTO GOMES, nascido em 14-MAR-1731 em Mire de Tibães e batizado em 18-MAR-1731 na Igreja de Santa Maria (fls. 43-43v). Casou-se em primeiras núpcias em 10-MAIO-1752 com ÚRSULA MARTINS DE OLIVEIRA, nascida em 30-NOV-1720 em Cabreiros, Braga, e batizada em 04-DEZ-1720 na Igreja de São Miguel (fls. 84-84v), filha de Domingos Martins de Oliveira e de Grácia de Freitas. Úrsula faleceu com testamento em Cabreiros em 21-FEV-1780 (fls. 59v).

Bento, viúvo e lavrador, casou-se em segundas núpcias, em 10-OUT-1787 na Capela do Bom Jesus, Cabreiros (fls. 23), com ROSA FRANCISCA DA SILVA, falecida em 10-JAN-1809 em Cabreiros (fls. 1v), filha de Manoel da Silva e de Maria Francisca.

Da primeira esposa Úrsula, teve ao menos:

- 1 (IV)- ESPERANÇA MARIA GOMES, nascida em 12-FEV-1753 em Cabreiros e batizada em 18-FEV-1753 na Igreja de São Miguel (fls. 105).
- 2 (IV)- QUITÉRIA MARIA GOMES, nascida em 22-SET-1754 em Cabreiros e batizada em 25-SET-1754 na Igreja de São Miguel (fls. 110v).
- 3 (IV)- DOMINGOS JOSÉ GOMES, nascido em 17-DEZ-1755 em Cabreiros e batizado em 23-DEZ-1755 na Igreja de São Miguel (fls. 115v).
- 4 (IV)- ROZA MARIA GOMES, nascida em 30-AGO-1757 em Cabreiros e batizada em 04-SET-1757 na Igreja de São Miguel (fls. 123v). Em 07-MAR-1783, na Igreja de São Miguel, Cabreiros (fls. 16),

casou-se com CUSTÓDIO JOSÉ DE ANDRADE, filho de Luiz Antônio e de Maria Andrade. Tiveram, pelo menos:

- 1 (V)- BENTO JOSÉ GOMES, nascido em 27-FEV-1785 em Cabreiros e batizado em 03-MAR-1785 na Igreja de São Miguel (fls. 11v).
- 5 (IV)- JOÃO FELIPE GOMES, nascido em 04-DEZ-1758 em Cabreiros e batizado em 10-DEZ-1758 na Igreja de São Miguel (fls. 126).
- 6 (IV)- MANOEL FELIX GOMES DE OLIVEIRA, Capitão, que segue.
- 7 (IV)- BENTO JOSÉ GOMES DE OLIVEIRA, Alferes. Segue no § 32º.
- 8 (IV)- ANTÔNIO GOMES DE OLIVEIRA, nascido em 19-DEZ-1764 em Cabreiros e batizado em 25-DEZ-1764 na Igreja de São Miguel (fls. 7-7v).

Bento Gomes teve, da segunda esposa Rosa, ao menos:

- 9 (IV)- JOSÉ ANTÔNIO GOMES, nascido em 05-FEV-1788 em Cabreiros e batizado em 08-FEV-1788 na Igreja de São Miguel (fls. 83).
- 10 (IV)- MANOEL JOSÉ GOMES, nascido em 10-MAR-1789 em Cabreiros e batizado em 11-MAR-1789 na Igreja de São Miguel (fls. 87).
- 11 (IV)- ANTÔNIO JOSÉ GOMES, nascido em 04-JAN-1791 em Cabreiros e batizado em 06-JAN-1791 na Igreja de São Miguel (fls. 92v).
- 12 (IV)- MARIA ROZA GOMES, nascida em 19-JUN-1794 em Cabreiros e batizada em 20-JUN-1794 na Igreja de São Miguel (fls. 102v).
- 13 (IV)- FRANCISCO GOMES, nascido em 01-JUN-1796 em Cabreiros e batizado em 03-JUN-1796 na Igreja de São Miguel (fls. 107).

IV- MANOEL FELIX GOMES DE OLIVEIRA, Capitão, nascido em 03-MAR-1760 em Cabreiros, Braga e batizado em 08-MAR-1760 na Igreja de São Miguel (fls. 135). Em 11-NOV-1789, na Igreja de São João Batista, altar do Carmo, Rio de Janeiro (fls. 84), casou-se com LEONOR MARIA DA CONCEIÇÃO, batizada na Igreja de N. Sr.ª da Apresentação de Irajá, filha de Antônio Gomes de Abreu e de Rita Maria da Conceição. Tiveram, pelo menos:

- 1 (V)- MANOEL GOMES DE OLIVEIRA CAMPOS, que segue.
- 2 (V)- MARIA GOMES DE OLIVEIRA, batizada em 15-MAR-1792 na Igreja da Candelária, Rio de Janeiro (fls. 304).
- 3 (V)- ANNA GOMES DE OLIVEIRA, nascida em 09-SET-1793 no Rio de Janeiro e batizada em 20-SET-1793 na Igreja da Candelária (fls. 351).

- 4 (V)- FRANCISCO GOMES DE OLIVEIRA, nascido em 23-MAR-1795 no Rio de Janeiro e batizado em 13-ABR-1795 na Igreja da Candelária (fls. 408).
 - 5 (V)- ANTÔNIO GOMES DE OLIVEIRA, nascido em 07-AGO-1796 no Rio de Janeiro e batizado em 13-AGO-1796 na Igreja da Candelária (fls. 452).
 - 6 (V)- BÁRBARA GOMES DE OLIVEIRA, batizada em 07-ABR-1798 na Igreja da Candelária, Rio de Janeiro (fls. 512v).
 - 7 (V)- LUIZA GOMES DE OLIVEIRA, batizada em 23-JUN-1799 na Igreja da Candelária, Rio de Janeiro (fls. 557).
- V- MANOEL GOMES DE OLIVEIRA CAMPOS, nascido em 26-FEV-1791 no Rio de Janeiro e batizado em 19-MAR-1791 na Igreja da Candelária (fls. 266v). Em 06-NOV-1824, na mesma igreja (fls. 149v), casou-se com CARLINDA FRANCISCA DE SOUZA, filha legítima de Francisco José de Souza e de Luiza Francisca de Souza. Manoel faleceu em 11-ABR-1851 no Rio de Janeiro (hábito da Ordem Terceira do Carmo - Cemitério de São Francisco de Paula, fls. 161v). Carlinda faleceu em 18-NOV-1850 e foi sepultada no mesmo local que o esposo. Tiveram, pelo menos:
- 1 (VI)- JOSÉ GOMES DE OLIVEIRA CAMPOS, que segue.
 - 2 (VI)- IGNÁCIO GOMES DE OLIVEIRA CAMPOS, nascido no Rio de Janeiro em 25-OUT-1826 e batizado em 27-JAN-1827 na Igreja do Santíssimo Sacramento. Em 02-JUN-1849, no oratório particular da residência de Leonardo de Barros Franco (Igreja da Candelária, fls. 107v), casou-se com LEONARDA DE BARROS FRANCO, filha de Narciso José Freire e de Senhorinha Maria de Barros Franco, natural e batizada na Freguesia de São José, Rio de Janeiro.
 - 3 (VI)- MARIA LUIZA DE OLIVEIRA CAMPOS, nascida em 23-JUN-1828 no Rio de Janeiro, batizada em 13-JUL-1828 na Igreja do Santíssimo Sacramento e falecida em 26-JAN-1843 no Rio de Janeiro (Capela da Ordem Terceira do Carmo, hábito de N. Sr.^a da Conceição, fls. 43).
- VI- JOSÉ GOMES DE OLIVEIRA CAMPOS, nascido em 07-MAIO-1825 no Rio de Janeiro e batizado em 27-JUN-1825 na Igreja do Santíssimo Sacramento. Em 28-AGO-1847, na casa de residência de Gonçalo José Machado, em Niterói/RJ “em altar somente para este fim preparado” (Igreja da Candelária, Rio de Janeiro, fls. 93v), casou-se em primeiras núpcias com

ISABEL FRANKLINA DE MARQUES LIMA, filha natural de Manoel Marques Pereira Lima, natural e batizada na matriz de Desterro, Estado de Santa Catarina.

José, viúvo, casou-se em segundas núpcias, em 15-NOV-1862 na Matriz de São Francisco Xavier, às 5 horas da tarde (Igreja da Candelária, Rio de Janeiro, fls. 255v) com LEONOR LEOPOLDINA CARRERO CONRADO [do Título Conrado, §1 n.º 9 (III), abaixo], nascida em 17-SET-1846 no Rio de Janeiro e batizada em 01-NOV-1847 na Freguesia de Santana (fls. 269), filha legítima do Tenente-Coronel Joaquim Félix Conrado e de Maria Josefa Carrero Conrado, moradores no Engenho Velho. Leonor faleceu em 05-AGO-1891 em São Paulo, sendo sepultada no Cemitério da Consolação (Sepultura 59 Quadra Geral 47).



Leonor Leopoldina Carrero Conrado, do Título Conrado § 1 n.º 9 (III) e 2ª esposa do § 1 n.º VI, desta família.
Acervo Família Weber.

José teve, da primeira esposa Isabel, pelo menos:

- 1 (VII)- CARLINDA DE OLIVEIRA CAMPOS, nascida em 11-JUN-1848 no Rio de Janeiro e batizada em 17-DEZ-1848 na Igreja da Candelária (fls. 102). Casou-se com MANOEL VALENÇA, português. Tiveram, pelo menos:
 - 1 (VIII)- MANOEL VALENÇA (Maná).
- 2 (VII)- MANOEL DE OLIVEIRA CAMPOS, nascido em 10-ABR-1850 no Rio de Janeiro e batizado em 09-JUL-1850 na Igreja da Candelária (fls. 143).
- 3 (VII)- LEOPOLDO DE OLIVEIRA CAMPOS, nascido em 05-JAN-1852 no Rio de Janeiro e batizado em 19-MAR-1852 na Igreja da Candelária (fls. 184). Falecido em 04-JUN-1853 na mesma cidade, sepultado no Cemitério São Francisco Xavier (Igreja da Candelária, fls. 196v).

José teve, de sua segunda esposa Leonor, ao menos os 12 filhos seguintes:

- 4 (VII)- MATHILDES GOMES DE OLIVEIRA CAMPOS, nascida no Rio de Janeiro em 30-SET-1863 e batizada em 02-ABR-1864 na Igreja da Candelária (fls. 89).
- 5 (VII)- ELMIRA GOMES DE OLIVEIRA CAMPOS. Segue no § 10º.
- 6 (VII)- LEONOR DE OLIVEIRA CAMPOS (Nonóca), nascida no Rio de Janeiro em 15-OUT-1866 e batizada em 13-JUN-1867 na Igreja da Candelária (fls. 134). Casada com ARTHUR ALVES BARBOSA, de Niterói (RJ), sem sucessão. Adotaram:
 - 1 (VIII)- SYLVIO BARBOSA DA GAMA BENTES, de Petrópolis (RJ), casado com DORA BENTES (Pepita), com geração.
- 7 (VII)- MARIA JOSÉ DE OLIVEIRA CAMPOS. Segue no § 23º.
- 8 (VII)- ANTÔNIO JOSÉ DE OLIVEIRA CAMPOS, nascido em 17-JUL-1869 em Niterói e batizado em 12-JUN-1870 na Igreja de São João Batista (fls. 144v), tendo por padrinhos o Reverendo Pe. Antônio Mendes Fernandes de Paiva e por protetora Nossa Senhora. Aos 06-FEV-1892, na Capela do Hospital Militar da Freguesia de São José, Rio de Janeiro (fls. 14v), casou-se com ROSA FLORINDA DOS SANTOS CAMPOS, nascida, batizada e residente na referida Freguesia de São José, filha legítima de José Francisco dos Santos e de Florinda Roza dos Santos.

- 9 (VII)- ARLINDO GOMES DE OLIVEIRA CAMPOS, nascido no Rio de Janeiro em 05-JAN-1871 e batizado em 14-FEV-1871 na Igreja do Santíssimo Sacramento (Igreja da Candelária, fls. 4).
- 10 (VII)- CARLOS DE OLIVEIRA CAMPOS, nascido em 15-AGO-1872 em Niterói e batizado em 07-MAIO-1873 na Capela de N. Sr.^a da Conceição (Igreja de São João Batista, fls. 110-110v), tendo por padrinhos Manoel Gomes de Oliveira Campos e D. Mariana Montenegro Cordeiro. Casou-se com NICOLINA CAMPOS. (Cemitério Paquetá, Santos/SP).
- 11 (VII)- ALFREDO GOMES DE OLIVEIRA CAMPOS, nascido em Niterói em 26-SET-1873 e batizado em 21-FEV-1874 na Igreja de São João Batista. Casado com JUDITH PARASITA DE CALDAS (Sinhá), nascida em 1873, 4ª filha de José Manoel dos Santos Pereira Júnior e de Marianna Carolina Pereira de Magalhães. (Consultar Família Vital Brasil). Sem sucessão.
- 12 (VII)- JOSÉ GOMES DE OLIVEIRA CAMPOS FILHO, que segue.
- 13 (VII)- LAURA LEOPOLDINA DE OLIVEIRA CAMPOS. Segue no § 30º.
- 14 (VII)- HERMÍNIA DE OLIVEIRA CAMPOS. Segue no § 31º.
- 15 (VII)- ROBERTO DE OLIVEIRA CAMPOS, nascido em 18-JUL-1880 no Rio de Janeiro e batizado em 01-JAN-1881 na Igreja do Santíssimo Sacramento (fls. 129v), tendo como padrinhos João Leopoldino Teixeira Bastos e sua irmã Elmira de Oliveira Campos, todos moradores na Freguesia de São José. Casado com ESTHER CAMPOS. Tiveram:
- 1 (VIII)- STELA DE OLIVEIRA CAMPOS.
- 2 (VIII)- ROBERTO DE OLIVEIRA CAMPOS.
- VII- JOSÉ GOMES DE OLIVEIRA CAMPOS FILHO (Zeca), nascido em Niterói em 26-MAIO-1875 e batizado em 21-JAN-1877 na Igreja de São João Batista. Em 08-FEV-1896 na Igreja de N. Sr.^a da Assunção, São Paulo, casou-se com PALMIRA JÚLIA MONTEIRO, filha de José Bernardo Monteiro e de Gabriela da Silva Monteiro. Zeca e Palmira tiveram:
- 1 (VIII)- OSWALDO DE OLIVEIRA CAMPOS.
- 2 (VIII)- LEONOR DE OLIVEIRA CAMPOS. Segue no § 6º.
- 3 (VIII)- JUDITH DE OLIVEIRA CAMPOS.
- 4 (VIII)- RUY DE OLIVEIRA CAMPOS, que segue.
- 5 (VIII)- NAIR DE OLIVEIRA CAMPOS.

- 6 (VIII)- LAURO DE OLIVEIRA CAMPOS (Lalá).
- 7 (VIII)- ALTAMIR DE OLIVEIRA CAMPOS. Segue no § 7º.
- 8 (VIII)- ÍTALO DE OLIVEIRA CAMPOS. Segue no § 8º.
- 9 (VIII)- LYGIA DE OLIVEIRA CAMPOS. Segue no § 9º.
- 10 (VIII)- SÔNIA DE OLIVEIRA CAMPOS. Casada com LUIZ HIDALGO GARCIA.



José Gomes de Oliveira Campos Filho, § 1º nº VII.
Acervo Família Weber.

- VIII- RUY DE OLIVEIRA CAMPOS, nascido em 30-NOV-1903 em Santos (SP) e falecido em 01-MAIO-1981 em São João da Boa Vista (SP). Casou-se em 22-SET-1928, em Santos, com sua prima LAURA SOFIA CAMPOS WEBER [do § 30º nº 7 (VIII)], nascida em 23-ABR-1909 em Santos, filha de Carlos Arthur Weber e de Laura Leopoldina Campos Weber. Ruy e Laura tiveram:
- 1 (IX)- YEDDA DE OLIVEIRA CAMPOS. Segue no § 2º.
 - 2 (IX)- RENEE DE OLIVEIRA CAMPOS, que segue.

- 3 (IX)- SELMA DE OLIVEIRA CAMPOS, nascida em 21-MAIO-1936 em Santos. Formou-se Bacharel em Direito em 04-MAR-1977 pela Faculdade de Direito de São João da Boa Vista. Faleceu em 06-MAR-1981 em São João da Boa Vista.
- 4 (IX)- MARIA GISELA DE OLIVEIRA CAMPOS. Segue no § 3º.
- 5 (IX)- JOSÉ CARLOS DE OLIVEIRA CAMPOS. Segue no § 4º.
- 6 (IX)- LENI DE OLIVEIRA CAMPOS. Segue no § 5º.



Ruy de Oliveira Campos, § 1º nº VIII.
Acervo Família Weber.

IX- RENEÉ DE OLIVEIRA CAMPOS, nascido em 01-JUN-1932 em Santos e falecido em 16-JAN-1992 em São João da Boa Vista. Casado com MERCEDES BUENO, nascida em 13-FEV-1936 em Santos. Tiveram:

- 1 (X)- MARIA LAURA BUENO DE OLIVEIRA CAMPOS, nascida em 27-JAN-1952 em Jundiaí (SP).
- 2 (X)- REGINA STELA BUENO DE OLIVEIRA CAMPOS, nascida em 23-AGO-1953 em Santos. Casou-se em 05-NOV-1977 em São João da Boa Vista com ACYR OLIVEIRA.
- 3 (X)- PAULO ROGÉRIO BUENO DE OLIVEIRA CAMPOS, nascido em 04-NOV-1954 em Santos. Casado com WANDA CAMPOS.
- 4 (X)- PEDRO RUI BUENO DE OLIVEIRA CAMPOS, nascido em 14-FEV-1956.

§ 2º

IX- YEDDA DE OLIVEIRA CAMPOS, filha de Ruy de Oliveira Campos, do § 1º VIII. Nascida em 02-JUN-1931 em Santos. Casou-se em 27-NOV-1964 com PARRASIO PINTO, nascido em 25-OUT-1920 em São João da Boa Vista. Tiveram:

- 1 (X)- SUSANA HELENA PINTO, nascida em São João da Boa Vista e casada com MARCO ANTÔNIO MALDONADO, nascido em 21-JUL-1954 na mesma cidade, filho de Agostinho Jesus Maldonado e de Teresa dos Reis Maldonado.
- 2 (X)- RITA MARIA PINTO, nascida em São João da Boa Vista.
- 3 (X)- PARRASIO PINTO JÚNIOR, nascido em São João da Boa Vista.
- 4 (X)- LAURA CÁSSIA PINTO, nascida em São João da Boa Vista.
- 5 (X)- MÔNICA STELLA PINTO, nascida em São João da Boa Vista.

§ 3º

IX- MARIA GISELA DE OLIVEIRA CAMPOS, filha de Ruy de Oliveira Campos, do § 1º VIII. Nascida em 02-MAR-1943 em Santos. Casou-se em São João da Boa Vista em 14-DEZ-1963 com ALMINDO MARIN MOLES, nascido em 16-FEV-1936 em São João da Boa Vista, filho de Francisco Marin e de Carmen Moles Marin. Tiveram:

- 1 (X)- ANDREA CAMPOS MARIN, nascida em 23-FEV-1965 em São João da Boa Vista e casada em 27-FEV-1988 na mesma cidade

com JOSÉ ROBERTO SILVEIRA, filho de Sebastião Silveira e de Ignez Aziani Silveira.

- 2 (X)- ROBERTA CAMPOS MARIN, nascida em 26-fev-1969 em São João da Boa Vista. Casou-se em 25-MAIO-1996 na mesma cidade com JOSÉ ORESTES GOMES SILVA, filho de José Roque Gomes Silva e de Teresa Cirto Gomes Silva.
- 3 (X)- MICHELE CAMPOS MARIN, nascida em 13-JUN-1976 em São João da Boa Vista.

§ 4º

- IX- JOSÉ CARLOS DE OLIVEIRA CAMPOS, filho de Ruy de Oliveira Campos, do § 1º n.º VIII. Nascido em 25-JUN-1945 em Santos e falecido em São Paulo em 10-MAIO-2012. Em 28-SET-1968, em Santos, casou-se com OLÍMPIA DE JESUS FERNANDES, nascida em 12-JUN-19---. Tiveram:

- 1 (X)- KARLA FERNANDES CAMPOS, nascida em 18-DEZ-1978 em São Paulo.
- 2 (X)- RUI CAMPOS NETO, nascido em 09-OUT-1985 em São Paulo.

§ 5º

- IX- LENI DE OLIVEIRA CAMPOS, filha de Ruy de Oliveira Campos, do § 1º n.º VIII. Nascida em 20-ABR-1949 em Santos. Em 04-JAN-1975, em São João da Boa Vista, casou-se com ANTÔNIO MADRUGA DE LIMA, nascido em 09-SET-1946 na mesma cidade e falecido em DEZ-1996 na mesma cidade, filho de Sebastião de Lima Valim e de Ondina Madruga de Lima. Tiveram:

- 1 (X)- FABRÍCIO CAMPOS DE LIMA, nascido em 22-JUL-1976 em São João da Boa Vista. Casou-se em 10-OUT-1998 em Águas da Prata (SP) com PRISCILA XAVIER DE OLIVEIRA, filha de Rubens Xavier de Oliveira e de Rachel Custódio de Oliveira.
- 2 (X)- FERNANDA CAMPOS DE LIMA, nascida cerca de 1977. Em 15-DEZ-2006, em São João da Boa Vista, casou-se com LEANDRO TOFANIN, filho de Arcílio Tofanin e de Luzia Viana Tofanin, de São João da Boa Vista.

§ 6º

VIII- LEONOR DE OLIVEIRA CAMPOS (Nenê), filha de José Gomes de Oliveira Campos Filho, do § 1º nº VII. Nascida em 22-DEZ-19---. Casada com ANTÔNIO FERREIRA PINTO, de Santos (SP). Tiveram:

- 1 (IX)- AARÃO FERREIRA PINTO, casado com MARIA JOSÉ PINTO.
- 2 (IX)- LEONOR PINTO (Nonóca).
- 3 (IX)- TÉRCIA PINTO, casada com JOCELIN F. LOPES.
- 4 (IX)- NELI PINTO, casada com ALBERTO A. MARRA.
- 5 (IX)- NEIDA PINTO, casada com WLADIMIR NUNES.

§ 7º

VIII- ALTAMIR DE OLIVEIRA CAMPOS (Mimi), filho de José Gomes de Oliveira Campos Filho, do § 1º nº VII. Casado com OFÉLIA FESTINI. Tiveram:

- 1 (IX)- MARÍLIA DE OLIVEIRA CAMPOS.
- 2 (IX)- WILMA DE OLIVEIRA CAMPOS.
- 3 (IX)- VALÉRIA DE OLIVEIRA CAMPOS.

§ 8º

VIII- ÍTALO DE OLIVEIRA CAMPOS, filho de José Gomes de Oliveira Campos Filho, do § 1º nº VII. Casado com HELENA MEDEIROS CAMPOS (Baia). Tiveram:

- 1 (IX)- WALTER DE OLIVEIRA CAMPOS. Casado com NEUSA CAMPOS.
- 2 (IX)- MAGALI DE OLIVEIRA CAMPOS. Casada com BENEDITO MONTEIRO. Tiveram:
 - 1 (X)- REGINA CAMPOS MONTEIRO.
- 3 (IX)- MARIA HELENA DE OLIVEIRA CAMPOS.
- 4 (IX)- JOSÉ ROBERTO DE OLIVEIRA CAMPOS.
- 5 (IX)- PAULO SÉRGIO DE OLIVEIRA CAMPOS.

§ 9º

VIII- LYGIA DE OLIVEIRA CAMPOS, filha de José Gomes de Oliveira Campos Filho, do § 1º nº VII. Casada com JOSÉ ÁLVARO NOGUEIRA DE SÁ. Tiveram:

- 1 (IX)- JOSÉ ÁLVARO NOGUEIRA DE SÁ FILHO.
- 2 (IX)- ANTÔNIO SÉRGIO NOGUEIRA DE SÁ.
- 3 (IX)- LUIZ FERNANDO NOGUEIRA DE SÁ.
- 4 (IX)- MARCO AURÉLIO NOGUEIRA DE SÁ.
- 5 (IX)- TÂNIA NOGUEIRA DE SÁ.
- 6 (IX)- PAULO NOGUEIRA DE SÁ.

§ 10º

VII- ELMIRA GOMES DE OLIVEIRA CAMPOS, filha de José Gomes de Oliveira Campos, do § 1º nº VI. Nascida em 15-AGO-1865 no Rio de Janeiro e batizada em 14-DEZ-1866 na Igreja da Candelária (fls. 126). Em 02-FEV-1891 na Matriz de N. Sr.ª da Glória, Rio de Janeiro (fls. 124), casou-se com ALFREDO LUIZ DEL PORTO, nascido e batizado em Havana, Ilha de Cuba, filho de Cosme Antonio Del Porto e de Adelaide Duval Del Porto. Elmira faleceu em 14-AGO-1948 em São Paulo (SP). Tiveram:

- 1 (VIII)- CORDÉLIA DEL PORTO. Segue no § 14º.
- 2 (VIII)- SÍLVIA DEL PORTO.
- 3 (VIII)- JOSÉ DEL PORTO.
- 4 (VIII)- CIRO DEL PORTO, que segue.
- 5 (VIII)- MARIA DE LOURDES DEL PORTO.
- 6 (VIII)- YARA DEL PORTO. Segue no § 22º.



Elmira de Oliveira Campos, § 10º nº VII.
Acervo Família Del Porto

VIII- CIRO DEL PORTO, nascido em 06-ABR-1900 e falecido em 22-MAR-1963 em São Paulo. Casado em 28-DEZ-1921 com CELINA PIRES COSTA. Tiveram:

- 1 (IX)- LUIZ ALFREDO DEL PORTO, nascido em 18-MAR-1923 em São Paulo e falecido em 29-JAN-1981 em São Paulo.
- 2 (IX)- CID RÔMULO DEL PORTO, que segue.
- 3 (IX)- DIRCE AURÉLIA DEL PORTO. Segue no § 11º.
- 4 (IX)- DAISE DEL PORTO. Casada com ANTÔNIO CARDOSO LOPES.
- 5 (IX)- SÍLVIO DEL PORTO.
- 6 (IX)- LAÍS DEL PORTO. Segue no § 12º.
- 7 (IX)- CELINA ISABEL DEL PORTO. Segue no § 13º.
- 8 (IX)- CIRO ALFREDO DEL PORTO, casado com ARACI DEL PORTO.

IX- CID RÔMULO DEL PORTO. Casado com EDINE DEL PORTO. Tiveram:

- 1 (X)- CELSO DEL PORTO.
- 2 (X)- CÉSAR DEL PORTO.
- 3 (X)- CÉLIO DEL PORTO.

§ 11º

IX- DIRCE AURÉLIA DEL PORTO, filha de Ciro Del Porto, do § 10º nº VIII. Casada com LAIR DE OLIVEIRA NUNES. Tiveram:

- 1 (X)- MÁRCIO DE OLIVEIRA NUNES.
- 2 (X)- FÁBIO DE OLIVEIRA NUNES.
- 3 (X)- MARCOS DE OLIVEIRA NUNES.

§ 12º

IX- LAÍS DEL PORTO, filha de Ciro Del Porto, do § 10º nº VIII. Casada com VICENTE FIORAVANTE. Tiveram:

- 1 (X)- HELOÍSA FIORAVANTE.
- 2 (X)- ELIANA FIORAVANTE.
- 3 (X)- EDUARDO FIORAVANTE.

§ 13º

IX- CELINA ISABEL DEL PORTO (Noca), filha de Ciro Del Porto, do § 10º nº VIII. Casada com PAULO NEGRAIS. Tiveram:

- 1 (X)- PAULO NEGRAIS FILHO.
- 2 (X)- SUSANA NEGRAIS.
- 3 (X)- SÉRGIO NEGRAIS.
- 4 (X)- RENATO NEGRAIS.

§ 14º

VIII- CORDÉLIA DEL PORTO, filha de Elmira Gomes de Oliveira Campos, do § 10º nº VII. Nascida em 21-NOV. Casada com JAIME FERREIRA CARDOSO DA SILVA, nascido em 25-JAN-1882 em Cucujães, Portugal e falecido em 28-AGO-1952 em São Paulo, filho de Bernardino Ferreira Cardoso da Silva e Ana Josefina de Almeida e Silva. Tiveram:

- 1 (IX)- CORDÉLIA CARDOSO DA SILVA (Lia). Segue no § 15º.
- 2 (IX)- EUNICE CARDOSO DA SILVA. Segue no § 16º.
- 3 (IX)- JAIME VICTOR CARDOSO DA SILVA, que segue.
- 4 (IX)- SÍLVIA CARDOSO DA SILVA. Segue no § 17º.
- 5 (IX)- RAUL CARDOSO DA SILVA. Segue no § 18º.
- 6 (IX)- HORTÊNCIA CARDOSO DA SILVA. Segue no § 19º.
- 7 (IX)- PAULO CÉSAR CARDOSO DA SILVA. Segue no § 20º.
- 8 (IX)- THAÍS CARDOSO DA SILVA. Casada com JOSÉ ARRUDA LOBO.
- 9 (IX)- FLÁVIO CARDOSO DA SILVA.
- 10 (IX)- MARINA CARDOSO DA SILVA, falecida em 21-JAN-2003 em São Paulo, casada com VICENTE MARCHIONE, falecido na mesma cidade em 09-SET-1991.
- 11 (IX)- BEATRIZ CARDOSO DA SILVA. Segue no § 21º.

IX- JAIME VICTOR CARDOSO DA SILVA, falecido em 22-OUT-1994 em São Paulo. Casado com DOLORES GAMA. Tiveram:

- 1 (X)- ANA MARIA CARDOSO DA SILVA.
- 2 (X)- MARIA HELENA CARDOSO DA SILVA.
- 3 (X)- CORDÉLIA CARDOSO DA SILVA. Casada em segundas núpcias com ELSIE JONES.

§ 15º

- IX- CORDÉLIA CARDOSO DA SILVA (Lia), filha de Cordélia Del Porto, do § 14º nº VIII. Casada com AUGUSTO CÉSAR DE ASSIS MAIA. Tiveram:
- 1 (X)- ÂNGELA MAIA, falecida.
 - 2 (X)- ÂNGELA MAIA, nascida em 1939. Casada com BERNARDO WERNECK.
 - 3 (X)- FLÁVIO MAIA, que segue.
 - 4 (X)- SÉRGIO MAIA. Casado com SANDRA MAIA. Tiveram:
 - 1 (XI)- LAURO MAIA.
 - 2 (XI)- CAMILA MAIA.
 - 5 (X)- AUGUSTO CÉSAR MAIA. Casado com EDMAR MAIA. Tiveram:
 - 1 (XI)- RODRIGO OCTÁVIO MAIA.
 - 2 (XI)- JOÃO AUGUSTO MAIA.
- X- FLÁVIO MAIA. Casado. Teve:
- 1 (XI)- MARIA MAIA. Casada com CLÁUDIO AGOSTINI. Tiveram:
 - 1 (XII)- LUAN AGOSTINI.

§ 16º

- IX- EUNICE CARDOSO DA SILVA, filha de Cordélia Del Porto, do § 14º nº VIII. Casada com IVO FRAGALI MALLOZI. Tiveram:
- 1 (X)- SUZANA MALLOZI, falecida criança.
 - 2 (X)- SUZANA MALLOZI.
 - 3 (X)- GERALDO MALLOZI.

§ 17º

- IX- SÍLVIA CARDOSO DA SILVA, filha de Cordélia Del Porto, do § 14º nº VIII. Casada com RAFAEL SOARES. Tiveram:
- 1 (X)- FERNANDO SOARES.
 - 2 (X)- LUCIANO SOARES.
 - 3 (X)- CRISTIANO SOARES.
 - 4 (X)- MARÍLIA SOARES.

§ 18º

- IX- RAUL CARDOSO DA SILVA, filho de Cordélia Del Porto, do § 14º nº VIII. Casado com IVONE DE PAULA BUENO BRANDÃO. Tiveram:
- 1 (X)- RICARDO CARDOSO DA SILVA, nascido em 10-JUL-1982.
 - 2 (X)- INDIANA CARDOSO DA SILVA.

§ 19º

- IX- HORTÊNCIA CARDOSO DA SILVA, filha de Cordélia Del Porto, do § 14º nº VIII. Casada com SALISBURY RODRIGUES CUNHA. Tiveram:
- 1 (X)- EDUARDO RODRIGUES CUNHA, nascido em 13-JAN-1979, casado com CLÁUDIA SÁ VIANNA, filha de Humberto de Sá Vianna e de Leonina de Sá Vianna.
 - 2 (X)- FLÁVIO RODRIGUES CUNHA.

§ 20º

- IX- PAULO CÉSAR CARDOSO DA SILVA, filho de Cordélia Del Porto, do § 14º nº VIII. Casado com LIAMIR GUERRIERI CARDOSO DA SILVA. Tiveram:
- 1 (X)- MÔNICA CARDOSO DA SILVA. Casada com JOSÉ CARLOS MATEUCCI, filho de Daniel Georgetti Mateucci e de Madalena Lima Mateucci.

§ 21º

- IX- BEATRIZ CARDOSO DA SILVA (Bebê), filha de Cordélia Del Porto, do § 14º nº VIII. Casada com LUIZ AUGUSTO CARNEIRO. Tiveram:
- 1 (X)- MÁRCIA CARNEIRO.
 - 2 (X)- TARCÍSIO CARNEIRO.
 - 3 (X)- RENATO CARNEIRO.

§ 22º

VIII- YARA DEL PORTO, filha de Elmira Gomes de Oliveira Campos, do § 10º nº VII. Nascida em 28-DEZ-1906 no Rio de Janeiro e batizada em 21-NOV-1907 na Igreja da Candelária (fls. 50). Casada em 30-JUL-1925 em Santos (SP) com seu primo CARLOS ARTHUR WEBER JÚNIOR [do § 30º nº 3 (VIII)], filho de Carlos Arthur Weber e de Laura Leopoldina de Oliveira Campos. Tiveram:

- 1 (IX)- PAULO ALFREDO WEBER.
- 2 (IX)- ARAÍ CARLOS WEBER.
- 3 (IX)- MARCELO LUIZ WEBER.
- 4 (IX)- HÉLIO MARCOS WEBER.
- 5 (IX)- REGINA HELENA WEBER.



Yara Del Porto, § 22º nº VIII.
Acervo Família Weber.



Casal Arthur Thomaz Coelho e Maria José de Oliveira Campos, § 23º nº VII, com seus familiares.
Acervo Família Weber.

§ 23º

VII- MARIA JOSÉ DE OLIVEIRA CAMPOS (Zezé), filha de José Gomes de Oliveira Campos, do § 1º nº VI. Nascida em 07-OUT-1867 em Niterói e batizada em 13-JUN-1868 na Igreja de São João Batista, sendo seu padrinho Ignácio Gomes de Oliveira Campos e sob a proteção de N. Sr.^a do Parto. Em 27-JUL-1887 na Igreja de N. Sr.^a da Glória, Rio de Janeiro (fls. 50), casou-se com ARTHUR THOMAZ COELHO [do Título Conrado, § 1º nº 1 (IV), abaixo], nascido no Rio de Janeiro em 15-SET-1866 e batizado em 19-NOV-1866 na Igreja N. Sr.^a da Glória (fls. 55v). Arthur era filho de João Thomaz Coelho Júnior e de Maria Leopoldina Conrado e foi morador na cidade de Santos (SP), onde exerceu a função de despachante na Alfândega. Zezé e Arthur tiveram:

- 1 (VIII)- ARACY THOMAZ COELHO, que segue.
- 2 (VIII)- DJANIRA THOMAZ COELHO. Segue no § 29º.
- 3 (VIII)- JANDIRA THOMAZ COELHO. Segue no § 28º.

- 4 (VIII)- ARTHUR THOMAZ COELHO.
- 5 (VIII)- ALINA THOMAZ COELHO, nascida em 06-FEV. Casou-se com seu primo MARINO PIRES [do § 31º nº 3 (VIII)], filho de Mário Pires e Hermínia de Oliveira Campos. Com geração no § 31º.
- 6 (VIII)- ÁLVARO THOMAZ COELHO.
- 7 (VIII)- ARY THOMAZ COELHO, casado em primeiras núpcias com ZÍLIA COELHO e em segundas núpcias com CINIRA COELHO.
- 8 (VIII)- MOACYR THOMAZ COELHO, de Niterói (RJ), casado com LAURITA CAETANO.



Moacyr Thomaz Coelho, § 23º nº 8 (VIII).
Acervo Família Weber.

VIII- ARACY THOMAZ COELHO, casada com ERNESTO DE FREITAS JÚNIOR (Donga). Tiveram:

- 1 (IX)- ERNESTO DE FREITAS, que segue.
- 2 (IX)- ARACY DE FREITAS. Segue no § 24º.
- 3 (IX)- JACIRA DE FREITAS. Segue no § 25º.
- 4 (IX)- ALBERTO DE FREITAS. Segue no § 26º.
- 5 (IX)- YARA DE FREITAS.
- 6 (IX)- PAULO DE FREITAS. Segue no § 27º.
- 7 (IX)- CARLOS DE FREITAS.

IX- ERNESTO DE FREITAS (Donguinha), casado com NAIR MELLO. Tiveram:

- 1 (X)- MARIA LÚCIA MELLO, casada com MILTON GIMENES.

§ 24º

IX- ARACY DE FREITAS (Aracyzinha), filha de Aracy Thomaz Coelho, do § 23º nº VIII. Casada com ANTÔNIO ESCOBAR. Tiveram:

- 1 (X)- JOÃO ROBERTO DE FREITAS ESCOBAR.
- 2 (X)- MAURÍCIO DE FREITAS ESCOBAR.
- 3 (X)- LUIZ ANTÔNIO DE FREITAS ESCOBAR.
- 4 (X)- BENTO DE FREITAS ESCOBAR.

§ 25º

IX- JACIRA DE FREITAS, filha de Aracy Thomaz Coelho, do § 23º nº VIII. Casada com PAULO CAMARGO. Tiveram:

- 1 (X)- CRISTIANO DE FREITAS CAMARGO. Casado com CACILDA SILVEIRA.
- 2 (X)- MARCELO DE FREITAS CAMARGO.
- 3 (X)- PAULO DE FREITAS CAMARGO. Casado com CECÍLIA VEIGA SIQUEIRA.

§ 26º

- IX- ALBERTO DE FREITAS, filho de Aracy Thomaz Coelho, do § 23º nº VIII.
Casado com ANA MARIA COELHO. Tiveram:
- 1 (X)- LUIZ ALBERTO DE FREITAS.

§ 27º

- IX- PAULO DE FREITAS, filho de Aracy Thomaz Coelho, do § 23º nº VIII.
Casado com EDA COELHO. Tiveram:
- 1 (X)- EDUARDO DE FREITAS.
 - 2 (X)- HELOÍSA DE FREITAS.
 - 3 (X)- FERNANDO DE FREITAS.

§ 28º

- VIII- JANDIRA THOMAZ COELHO, filha de Maria José de Oliveira Campos, do
§ 23º nº VII. Casada com FERNANDO CALDEIRA. Tiveram:
- 1 (IX)- FERNANDO CALDEIRA FILHO.
 - 2 (IX)- NEUZA CALDEIRA.
 - 3 (IX)- NILZA CALDEIRA.
 - 4 (IX)- HELENA CALDEIRA.
 - 5 (IX)- DAYSE CALDEIRA.

§ 29º

- VIII- DJANIRA THOMAZ COELHO, filha de Maria José de Oliveira Campos, do
§ 23º nº VII. Casada com VALENTIM FERNANDES BOUÇAS. Tiveram:
- 1 (IX)- CLERY BOUÇAS.
 - 2 (IX)- MARINA BOUÇAS.
 - 3 (IX)- VITOR BOUÇAS.
 - 4 (IX)- JORGE BOUÇAS.
 - 5 (IX)- ODETTE BOUÇAS.
 - 6 (IX)- YOLANDA BOUÇAS.



Djanira Thomaz Coelho, § 29º nº VIII, e Valentim Fernandes Bouças.
Acervo Família Weber.

§ 30º

VII- LAURA LEOPOLDINA DE OLIVEIRA CAMPOS, filha de José Gomes de Oliveira Campos, do § 1º nº VI, e de sua segunda esposa Leonor. Nascida em 15-AGO-1876 no Rio de Janeiro e batizada em 10-MAIO-1877 na Matriz de São Cristóvão (Livro 3, fls. 8), tendo sido padrinhos José Rufino de Azevedo e D. Leopoldina Guedes de Azevedo. Faleceu em Niterói (RJ) em 18-MAR-1924 e foi sepultada no Cemitério Maruí. Em 29-JUL-1899, em Santos (SP), casou-se com CARLOS ARTHUR WEBER, filho de Johannes Weber e de Ludovina Hiermeyer. (Vide Família WEBER). Laura e Carlos tiveram:

- 1 (VIII)- IRENE MARIA WEBER, casada com OLÁVIO BASTOS NEVES.
- 2 (VIII)- ELZA HELENA WEBER, casada com EMANOEL ALBERTO ALLEN.
- 3 (VIII)- CARLOS ARTHUR WEBER JÚNIOR, casado com sua prima YARA DEL PORTO [do § 22º nº VIII], filha de Alfredo Luiz Del Porto e de Elmira Gomes de Oliveira Campos. Com geração acima.
- 4 (VIII)- FLÁVIO LUIZ WEBER, casado com IRACY GONÇALVES.
- 5 (VIII)- MERCEDES BEATRIZ WEBER, casada com HENRIQUE OSWALDO ALLEN.
- 6 (VIII)- OCTÁVIO AUGUSTO WEBER, casado com NAIR DE CASTRO.

- 7 (VIII)- LAURA SOFIA CAMPOS WEBER, casada com seu primo RUY DE OLIVEIRA CAMPOS [do § 1º nº VIII], filho de José Gomes de Oliveira Campos Filho e de Palmira Júlia Monteiro. Com geração acima.
- 8 (VIII)- LUCÍLIA EULÁLIA WEBER, casada com JOÃO BATISTA DE SOUZA.
- 9 (VIII)- JOÃO JORGE WEBER, casado com ALICE RIGHT GOES BITTENCOURT.
- 10 (VIII)- JOSÉ EDUARDO WEBER, casado com LEONOR LIMA.
- 11 (VIII)- MARIA DE LOURDES WEBER, casada com ALCÍDIO SALLES.
- 12 (VIII)- MARIA LEONOR WEBER, casada com ANÉSIO DA CRUZ NAVEGA.



Laura Leopoldina de Oliveira Campos, § 30º nº VII.
Acervo Família Weber

§ 31º

VII- HERMÍNIA DE OLIVEIRA CAMPOS, filha de José Gomes de Oliveira Campos, do § 1º nº VI, e de sua segunda esposa Leonor. Nascida no Rio de Janeiro em 14-SET-1877 e batizada em 13-ABR-1879 na Matriz de São Cristóvão (Livro 3, fls. 51), tendo sido padrinhos o Dr. José Pereira Peixoto e D. Heduviges de Lima Peixoto. Casada com MÁRIO PIRES, farmacêutico, de Niterói (RJ). Tiveram:

1 (VIII)- MURILO PIRES, nascido em 19-NOV-19--.

2 (VIII)- MILTON PIRES, nascido em 20-ABR-19--. Casado com IRENE PIRES.

3 (VIII)- MARINO PIRES, que segue.

VIII- MARINO PIRES, casado com sua prima ALINA THOMAZ COELHO [do § 23º nº 5 (VIII)], filha de Arthur Thomaz Coelho e de Maria José de Oliveira Campos. Tiveram:

1 (IX)-

2 (IX)-

3 (IX)- MOAHYR PIRES.

4 (IX)- LEONOR PIRES, que segue.

IX- LEONOR PIRES, nascida em 27-ABR. Casada com MÁRIO MARINHO. Tiveram:

1 (X)- MÁRIO MARINHO.

2 (X)- SÉRGIO MARINHO.



Leonor Pires, § 31º nº IX.
Acervo Família Weber

§ 32º

- IV- BENTO JOSÉ GOMES DE OLIVEIRA, Alferes, filho de Bento Gomes, do § 1º nº III, e de sua primeira esposa Úrsula. Nascido em 25-JUL-1762 em Cabreiros e batizado em 27-JUL-1762 na Igreja de São Miguel (fls. 3). Em 18-MAIO-1793, na capela do Sr. [ilegível] Gomes, pelas 6 horas da tarde (Igreja de São João Batista, Rio de Janeiro, fls. 124v), casou-se com JOAQUINA MARIA ROSA DO NASCIMENTO, da Freguesia de Santiago, filha legítima de João Paulo de Oliveira, da Freguesia de Iguassu, e de D. Anna

Antônia do Espírito Santo, desta Freguesia. Joaquina faleceu no Rio de Janeiro em 01-JUL-1853 (Cemitério de S. Francisco Xavier - Igreja da Candelária, fls. 198v). Tiveram, pelo menos:

- 1 (V)- MARIA GOMES DE OLIVEIRA, nascida em 06-MAR-1794 no Rio de Janeiro e batizada em 22-MAR-1794 na Igreja da Candelária (fls. 368).
- 2 (V)- JOAQUINA GOMES DE OLIVEIRA, nascida em 24-DEZ-1796 no Rio de Janeiro e batizada em 09-JAN-1797, em casa, por perigo de vida (Igreja da Candelária, Rio de Janeiro, fls. 430v).
- 3 (V)- BENTO GOMES DE OLIVEIRA, nascido em 07-MAR-1797 no Rio de Janeiro e batizado em 14-MAR-1797 na Igreja da Candelária (fls. 482v).
- 4 (V)- GENEROZA GOMES DE OLIVEIRA, nascida em 04-MAR-1799 no Rio de Janeiro e batizada em 03-ABR-1799 na Igreja da Candelária (fls. 541v).

&&&&&&&&&

Notas históricas e biográficas da família Gomes de Oliveira Campos

As primeiras gerações genealogicamente conhecidas desta família são localizadas na Freguesia de Mire de Tibães então pertencente ao Concelho de Barcelos, no século XVII.

As segunda, terceira e quarta gerações, no século XVIII, são descobertas na Freguesia de São Miguel de Cabreiros, atualmente do Concelho de Braga.

As gerações quinta e sexta, dos séculos XVIII e XIX, da linha em estudo, são encontradas no Rio de Janeiro-Brasil.

Da sétima geração em diante, a linha se estende, predominantemente, pelas cidades do Rio de Janeiro, Niterói no estado do Rio de Janeiro e, no Estado de São Paulo, pelas cidades de Santos, São João da Boa Vista e outras, no século XX.

José Gomes de Oliveira Campos, do § 1º n° VI.

Comerciante estabelecido à Rua da Quitanda, 147 – Rio de Janeiro/RJ, no ramo de fazendas, roupas feitas e implementos para a confecção em tecidos.

Ignácio Gomes de Oliveira Campos, do § 1º nº 2 (VI).

Industrial, estabelecido à Rua da Alfândega, 75 – Rio de Janeiro/RJ, no setor de fabricação e reparo de colchões e semelhantes.

Arthur Alves Barbosa, C.c. § 1º nº 6 (VII).

Como político foi o sexto prefeito de Petrópolis/RJ (8/8/1918-30/9/1918), tendo sido, anteriormente, vereador e vice-presidente e presidente da Câmara Municipal daquela cidade. Igualmente, em 1922, venceu as eleições para prefeito. Não foi empossado uma vez que José de Barros Franco Júnior foi favorecido por ganho de causa na justiça e recurso impetrado por Joaquim Francisco Moreira. Neste ano foi preso pelo governo de Arthur Bernardes, perdendo direitos políticos e profissionais, o que abalou sua saúde. Foi ele também deputado estadual por duas legislaturas. No serviço público, foi escriturário na Fazenda Estadual, no Tribunal da Relação e na Secretaria do Interior e na Secretaria de Obras Públicas e Indústria. Dedicou-se sempre ao jornalismo, escrevendo em diversos jornais de Petrópolis, do Rio de Janeiro e de São Paulo. Pertenceu ao Instituto Histórico de Petrópolis e à Academia Petropolitana de Letras. Foi casado com Leonor de Oliveira Campos (Nonóca). Sem sucessão.

Antônio José de Oliveira Campos, do § 1º nº 8 (VII).

Coronel, casado na Capela do Hospital Militar em 1892. Consta, também ter sido joalheiro no Rio de Janeiro.

Judith Parasita de Caldas Campos (Sinhá), C.c. § 1º nº 11 (VII).

Irmã do cientista brasileiro Vital Brazil Mineiro de Campanha. Entusiasta lutadora pelos direitos e emancipação da mulher brasileira, dados estes obtidos pela tradição oral, por não serem disponíveis documentos a respeito. Casada com Alfredo de Oliveira Campos.

Alfredo Luiz Del Porto, C.c. § 10º nº VII.

Nascido em Havana, Cuba, em 1863, fez seus estudos na Itália. Era um jovem militante pela independência de seu país que ainda vivia sob o jugo da Espanha. Fugindo da repressão espanhola, refugiou-se nos Estados Unidos juntamente com o líder de seu grupo, o Dr. Manuel Quesada e outros. Procuram viver na Europa. A partir de 1888 se encontra na Argentina e, posteriormente, se fixa no Brasil. Casou-se com a brasileira Elmira Conrado de Oliveira Campos. Nestes tempos se dedica ao comércio. Com a libertação de Cuba, torna-se

Cônsul cubano junto ao governo brasileiro. Escrevia, agora, na imprensa cubana, externando sua vocação republicana. Falece no Rio de Janeiro, nos primeiros dias de setembro de 1917, sendo sepultado no Cemitério de São Francisco Xavier.



Alfredo Luiz Del Porto, esposo do § 10º nº VII.
Acervo Família Del Porto

Valentim Fernandes Bouças, C.c. § 29º nº VIII.

Nasceu em Santos/SP em 01-SET-1891 onde fez os seus estudos, filho de Francisco Bouças e de Maria José Fernandes. Vencendo uma série de dificuldades, conseguiu implantar no país o arrojado sistema de mecanografia Hollerith, operando com este nas áreas principalmente de contabilidade e estatística ministeriais. Seus equipamentos começaram a funcionar ainda na década de 1920, no Rio de Janeiro/RJ e em Santos/SP.

É oportuno, neste relato das atividades de Valentim Bouças, transcrever entrevista de Nair de Castro Weber, uma das primeiras funcionárias da Hollerith em Santos, esposa de Octávio Augusto Weber, parente de Valentim e também funcionário, naquela época na citada Hollerith santista:

“Comecei a trabalhar em julho de 1924. No primeiro dia saí com as novas colegas, moças do Rio que vieram para implantar o serviço já existente no Rio de Janeiro. Elas, Feliciane e Valkiria, foram procurar uma pensão para morar. Neste dia começaram também Risoleta Duarte, datilógrafa e sua irmã, (perfuradora), também Iracema e Celeste, datilógrafas, Aurora Mendonça, Laura, datilógrafa, Feliciane, tabuladora, Henriqueta Maia, perfuradora e conferidora, Georgina, datilógrafa. Dois rapazes, dias depois; Ache, parente também do Valentim.

O chefe em Santos era o Raul Cirilo e o escritório central era no Rio, do Valentim Bouças, primo do Octávio.

Tínhamos algumas máquinas perfuradoras e conferidoras para o preparo dos cartões. Na utilização desses cartões funcionavam as separadoras e as tabuladoras. Havia também a datilografia. Depois, veio a Estela Bezerra que, mais tarde, me deu presente quando me casei.

No fim do ano aparece o Octávio Weber para a tabulação, mapas confeccionados com os dados codificados da classificação das mercadorias desembaraçadas; ele elaborava estes mapas.

Veio também, depois Elizabeth Vale Porto da Motta, datilógrafa e Orlando Pinheiro. A Alaíde Pinto, perfuradora, depois se tornou esposa do Antônio Prado; também começou lá a tia das colegas do Liceu: Maria Divar e Maria Oliveira.

Dos blocos com os despachos saía a classificação das mercadorias e os impostos que, uma vez recolhidos, suas guias iam para a Arrecadação. Tudo isto, a partir desta época, passou a ser feito pela Hollerith do Valentim Bouças que funcionava no Armazém nº 14 (da Cia Docas) e, para trabalhar eu tomava o bonde 19, que ia para o cais do porto. Deixo com você algumas lembranças e documentos meus daqueles dias, tais como as cartas do Valentim, cartão perfurado por mim, etc”

Em sua cidade natal, em 16-JUN-1934, paraninfou a turma de contadorandos de 1933, da Associação Instrutiva José Bonifácio, assim como os bacharelandos de 1943 da Faculdade de Ciências Econômicas e Comerciais. Em 1944 paraninfou a turma de 1943 de secretárias do Curso Técnico de Comércio Valentim Bouças mantido pela Associação Feminina Santista.

A partir de 1937 foi nomeado secretário-técnico do Conselho Técnico de Economia e Finanças do Ministério do Trabalho, permanecendo neste até seu falecimento em 1964.

Sua colaboração e participação na vida do Instituto Histórico e Geográfico de Santos é notória!

Numa transcrição, Leda Maria Weber fornece, sobre o espírito de Valentim Bouças, o texto que segue:

“mas, sua maior preocupação, o que mais o afligia, eram os gastos fabulosos naquele hospital. As dores que sentia já o deixavam exausto, mas mais exausto ficava com a estada no hospital quando saía da faixa dos entorpecentes lhe vinha o martelar contínuo: como pagar tudo aquilo?”

Um dia bateu-lhe à porta: -Maestro, o Dr. Bouças manda visita-lo e entregar-lhe esta encomenda. Villa-Lobos abre o envelope. Que seria?

Era um cheque em branco para que ele lançasse a quantia de que necessitasse para seu tratamento. O compositor, que não conhecia Valentim Bouças emocionou-se profundamente com o coração generoso desse Homem de fortuna.

No entanto, apesar de todos os oferecimentos dos amigos, Villa-Lobos não aceitou nenhum deles a não ser uma ajuda conseguida pelo ministro César Berenger, do Itamarati, de 2 500 dólares e cinquenta mil cruzeiros concedidos pelo prefeito Mendes de Moraes, por iniciativa da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais.” (Afonso Arinos de Mello Franco e Américo Jacobina Lacombe, p 184 e 185).

A cidade de São Paulo, ao menos, lhe rendeu homenagem, denominando com seu nome um logradouro público: Rua Valentim Bouças, na Vila Mazzei, no Tremembé.

Laura Leopoldina de Oliveira Campos, do § 30º nº VII.

Fez ela seus estudos primários e ginasiais no Colégio Imaculada Conceição, no Botafogo, no Rio de Janeiro, no período provável de 1883 a 1891, matriculada sob o nº 140. Lá, foi agraciada com, pelo menos, 3 livros como prêmios escolares que são:

- “Lês Jeudis chez grandmère”, prêmio de Tapeçaria e Tradução. 4ª classe – 1888.
- “Trésor Littéraire des jeunes personnes”, prêmio de Aplicação em Inglês 3ª classe – 1889.
- “L’Italie pittoresque”, prêmio Gramática portuguesa escrita. 2ª classe- 1890.



Alunas do Colégio Imaculada Conceição.
Acervo Família Weber

Em meio a seus livros didáticos um deles era a “Pequena História Sagrada da Infância”.

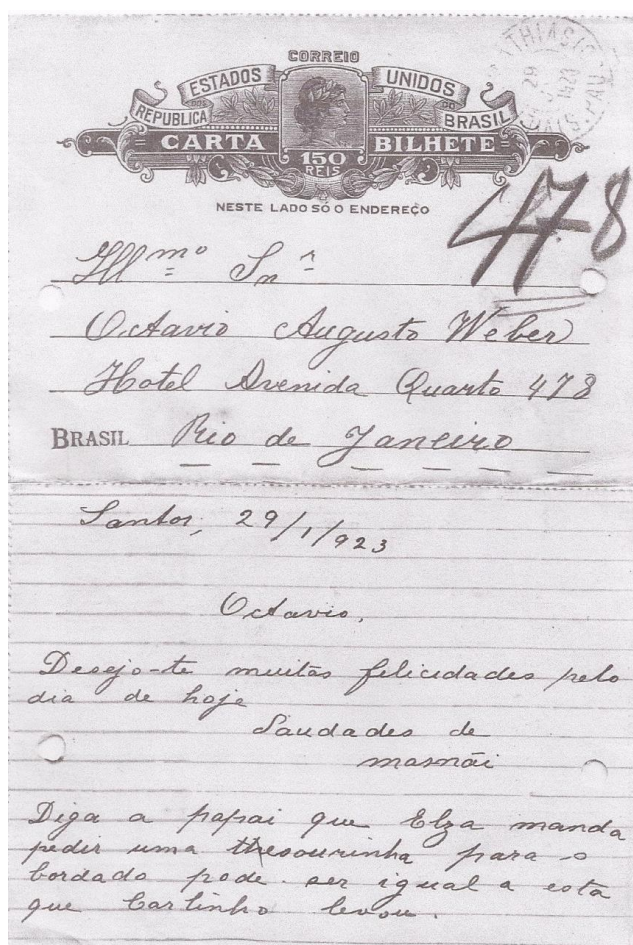
Dos seus tempos de criança, também existe uma pequena vasilha, de 3,50 cm de diâmetro, decorada internamente. Esta peça de porcelana branca delgada, era usada para dissolver tinta de aquarela ou para lavagem dos pincéis. (M.G.H.F.Weber 412-18)



Livros obtidos por prêmio.
Acervo Família Weber



Vasilha para pinturas em aquarela.
Acervo Família Weber



Carta-bilhete expedida em Vila Matias
por Laura de Oliveira Campos.
Acervo Família Weber

Mário Pires, C.c. § 31º nº VII.

Casado com Hermínia de Oliveira Campos, moradores em Niterói-RJ. Proprietário da conhecida “Farmácia Pires”, depois também administrada por seu neto Moahyr Pires.

&&&&&&&&&

Fontes Consultadas**I – Livros de Registro**

Batismos e Casamentos. Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

Batismos, Casamentos e Óbitos. Registros da Igreja Católica de Braga (Portugal), Rio de Janeiro,

Niterói e São Paulo (Brasil). Séries disponíveis em www.familysearch.org – Igreja Mórmon.

Batismos, Casamentos e Óbitos. Filmes dos Registros da Igreja Católica do Rio de Janeiro, Niterói e São Paulo, consultados através dos CHF de Santo Amaro, Carrão e Penha (São Paulo). Igreja Mórmon.

Sepultamentos. Cemitérios do Paquetá e Saboó (Santos/SP). Arquivo Memória de Santos. (Santos/SP).

ATAS E ENTREVISTAS, Livro 1 - M.G.H. Família Weber, p 22- verso e 23. Nair de Castro Weber, 19/01/1990.

II – Documentos

Certidões dos Cartórios Cíveis. Santos/SP

Certidões dos Cartórios Cíveis de São Paulo/SP

III- Livros, Revistas e Jornais

BARROS LAPOLLA, Luiz Carlos. Ampliando a genealogia do casal Luiz Pedroso de Barros e Maria de Nazaré. *Revista ASBRAP*, São Paulo, nº 11, p 191-210, 2005.

MELLO FRANCO, Afonso Arinos de, JACOBINA LACOMBE, Americo, *A vida dos grandes brasileiros-10*, p184 e 185.

RODRIGUES, Olao, *Nos tempos de nossos avós*, A Tribuna, 1976, 258p, p. 201 e 237.

VITAL BRAZIL, Lael. A Família Vital Brazil. Resumo histórico e genealógico. *Revista do Instituto Genealógico Brasileiro*, São Paulo, p 515-525, 1991. Edição Comemorativa do Cinquentenário (1939-1989).

WEHRS, Carlos, *Niterói, Cidade-Sorriso*, Rio de Janeiro, 1984, p 306 e 308.

Almanack Laemmert 1862 e seguintes – Biblioteca do Museu Paulista, São Paulo.

O Paiz – Rio de Janeiro/RJ – transcrição – 5-9-1917, 4ª.feira. Necrológio Alfredo Luiz Del Porto.

Folha de S. Paulo – Diário-06/11/205, p B 4. *O Café Society*. Luis Nassif.

IV – Internet

Wikipedia – Arthur Alves Barbosa – 36943991.

Petrópolis no século XX – Oazinguito Ferrera-17-12-2006 – Tribuna de Petrópolis Jan 2007.

CPDOC-FGV – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil –Fundação Getúlio Vargas- Valentim F. Bouças – 27-6-2017 16:30h

Guia Cartoplan São Paulo- 2011 – localização página 41 -Az – (mapa).

V - Entrevistas familiares

Alberto Allen

Ângela Werneck

Carlos Arthur Weber Júnior

Joel Carlos Allen

José Eduardo Weber

Leda Maria Weber

Luiz Victor Allen

Maria de Lourdes Weber Salles

Mercedes Weber Allen

Octavio Augusto Weber

Yara Del Porto Weber

TÍTULO CONRADO**§ 1º**

- I- JOSÉ CONRADO, nascido em Lisboa, Portugal e casado com MARIA DA PIEDADE CONRADO. Tiveram, pelo menos:
- 1 (II)- JOAQUIM FELIX CONRADO, que segue.
- II- JOAQUIM FELIX CONRADO, nascido em Lisboa, Portugal, funcionário do Passo Imperial no Rio de Janeiro, Brasil, Tenente-Coronel. Casado com MARIA JOSEPHA CARRERO, nascida em Montevideo, Uruguai, filha de Miguel Carrero e de Maria Rodrigues Carrero. Tiveram, pelo menos:
- 1 (III)- ANTÔNIO CONRADO, nascido em 05-DEZ-1829 no Rio de Janeiro e batizado em 10-MAIO-1830 na Igreja de São José (fls. 193v).
- 2 (III)- THOMASIA CONRADO, nascida em 22-DEZ-1831 no Rio de Janeiro e batizada em 21-MAR-1832 na Igreja de São José (fls. 268).
- 3 (III)- JOAQUIM FELIX CONRADO JÚNIOR, nascido cerca de 1834. Falecido em 22-JUN-1846 no Rio de Janeiro, queimado por gás e sepultado na Capela do Senhor Bom Jesus.
- 4 (III)- MARIA LEOPOLDINA CONRADO, que segue.
- 5 (III)- JANUÁRIO CONRADO, nascido em 11-JUN-1837 no Rio de Janeiro e batizado em 31-DEZ-1837 na Igreja de São José (fls. 442).
- 6 (III)- ADOLFO JOSÉ CONRADO, nascido em 19-MAR-1840 no Rio de Janeiro e batizado em casa por perigo de vida em 06-DEZ-1845 (Igreja de São José, fls. 100v). Em 29-NOV-1873 na Igreja Santíssimo Sacramento, Rio de Janeiro (fls. 3), casou-se com PISATJNA MINERVINA LOPES, nascida e batizada na Freguesia de Santa Rita desta cidade, filha do Coronel Norberto Augusto Lopes e de Maria Amália do Amaral Lopes.
- 7 (III)- GUILHERMINA CONRADO, nascida em 23-MAR-1843 no Rio de Janeiro e batizado em 01-NOV-1847 na Igreja Sant'Ana (fls. 268v).
- 8 (III)- CARLOS CONRADO, nascido em 08-OUT-1844 no Rio de Janeiro e batizado em 01-NOV-1847 na Igreja Sant'Ana (fls. 268v-269).

- 9 (III)- LEONOR LEOPOLDINA CONRADO, nascida em 17-SET-1846 no Rio de Janeiro e batizada em 01-NOV-1847 na Igreja Sant'Ana (fls. 269). Falecida em 05-AGO-1891 em São Paulo, sepultada no Cemitério da Consolação, Quadra geral 47, Sepultura 59. Em 15-NOV-1862 na Matriz de São Francisco Xavier (Igreja da Candelária, Rio de Janeiro, fls. 255v), casou-se com JOSÉ GOMES DE OLIVEIRA CAMPOS [da Família Gomes de Oliveira Campos, §1º nº VI], nascido em 07-MAIO-1825 no Rio de Janeiro, filho de Manoel Gomes de Oliveira Campos e Carlinda Francisca de Souza. Com geração acima.

III- MARIA LEOPOLDINA CONRADO, nascida em 13-JUL-1835 no Rio de Janeiro e batizada em 31-DEZ-1837 na Igreja de São José (fls. 442). Falecida em 20-FEV-1913 em Santos (SP), sepultada no Cemitério Paquetá, Jazigo do Carmo 97, Certidão 1º Subdistrito de Santos. Casada com JOÃO THOMAZ COELHO JÚNIOR, nascido em 15-MAR-1840 no Rio de Janeiro e batizado em 04-JUL-1840 na Igreja do Santíssimo Sacramento (fls. 175v), filho de João Thomaz Coelho, de Portugal, e de Rosa Carolina, do Rio de Janeiro. Faleceu ele em 15-JUL-1918 em Santos, sepultado no Cemitério Paquetá, Jazigo do Carmo, Certidão 1º Subdistrito de Santos. Tiveram, ao menos:

- 1 (IV)- ARTHUR THOMAZ COELHO, nascido em 15-SET-1866 no Rio de Janeiro e batizado em 19-NOV-1866 na Igreja N. Sr.ª da Glória (fls. 55v). Em 27-JUL-1887 Igreja N. Sr.ª da Glória, Rio de Janeiro (fls. 50), casou-se com sua prima MARIA JOSÉ DE OLIVEIRA CAMPOS (da Família Gomes de Oliveira Campos, § 23º nº VII), filha de José Gomes de Oliveira Campos e de Leonor Leopoldina Conrado Campos. Com geração acima.

&&&&&&&&&

Fontes Consultadas para a Família Conrado

Certidões de Óbitos – Cartório de Registro Civil de Santos/SP 1º Subdistrito.

Registros de Nascimentos, Casamentos e Óbitos das Igrejas de N.S. da Glória, do Santíssimo Sacramento e de São José do Rio de Janeiro/RJ, através do sítio www.familysearch.org/search. Filmes da Igreja Mórmon nos CHF de Santo Amaro, Carrão e Penha na cidade de São Paulo.

GENEBRA MACHADO, UM LAPSO A CORRIGIR

Maria Celina Exner Godoy Isoldi

Resumo: *Esclarecimentos sobre a filiação de Genebra Machado, paulista, que foi casada com o Capitão Antônio de Oliveira Viveiros, açoriano, e alguns apontamentos sobre a descendência do casal em Minas Gerais.*

Abstract: *Clarifications about the affiliation of Genebra Machado, from São Paulo, who was married to Captain Antônio de Oliveira Viveiros, Azorean, and some notes on the descendants of the couple in Minas Gerais.*

Num artigo do historiador Carlos da Silveira, publicado na Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, nº. XCVIII, em 1944, sob o título “*Notas sobre uns Cunhas do São Paulo seiscentista, os quais proliferaram e se expandiram tempo adiante (ensaio para o conhecimento dos troncos paulistas de Tiradentes)*”, **GENEBRA MACHADO**, de São Paulo, nascida por volta de 1715, é mencionada como sendo, “com muita probabilidade”, filha do Capitão José Tavares da Silva e de Francisca de Vasconcelos¹.

Décadas depois, o eminente genealogista Helvécio Vasconcelos Castro Coelho também publicou um trabalho sobre esse grupo familiar e, muito embora conhecesse aquelas *Notas*, silenciou a respeito da eventual filiação de **GENEBRA MACHADO**², pressentindo que a hipótese formulada pelo Dr. Carlos da Silveira estivesse equivocada.

De fato, não se confirmou a suposição sobre a filiação de **GENEBRA MACHADO**, aventada por Carlos da Silveira. Em 1999, ao obter dados do

¹ p. 151, nº. 6-1.

² Título “*Fagundes*” da *Ilha Terceira (Alguns descendentes nos Açores e em São Paulo)*, in Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro, p. 581-585.

inventário e do testamento de GENEBRA MACHADO, em São João Del Rei³, descobrimos que a inventariada era filha legítima de Sebastião Mendes Furtado e de Helena Machado (de Vasconcelos), casal citado por Luiz Gonzaga da Silva Leme⁴ e por Carlos da Silveira⁵. Desse modo, ela seria neta paterna do Capitão Roque Furtado Simões e de Maria Álvares de Siqueira⁶, bem como neta materna do Capitão Agostinho Machado Fagundes e Genebra Leitão de Vasconcelos⁷. Portanto, GENEBRA MACHADO seria prima e não filha de Francisca de Vasconcelos⁸.

Descendente de antigas cepas paulistas, GENEBRA MACHADO (ou MACHADA) era moradora da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Pouso Alto, em Minas Gerais, sendo casada com o Capitão ANTÔNIO DE VIVEIROS E OLIVEIRA ou ANTÔNIO DE OLIVEIRA VIVEIROS, com quem teve duas filhas: Maria de Viveiros, que foi casada com Manuel Antônio; e Escolástica de Viveiros, casada com João Fernandes de Freitas.

Em seu testamento, assinado a rogo por Leonel Rodrigues Simões, em data de 15-OUT-1748, no Sítio da Boa Vista dos Pousos Altos, ela declarou ser natural e batizada na Freguesia de Santo Amaro, Termo da Cidade de São Paulo.

GENEBRA MACHADO faleceu a 1º-MAIO-1751, na Freguesia de Pouso Alto e o corpo foi sepultado na Capela de Nossa Senhora da Penha de França, no Sítio Boa Vista. Seu inventário foi iniciado aos 22-AGO-1751, na paragem do Caminho Velho, no Sítio da Boa Vista. Seu marido foi nomeado testamenteiro e inventariante.

³ Agradeço a Cláudia Boscolo por copiar os dados do inventário e do testamento de Genebra Machado.

⁴ “*Genealogia Paulistana*”, v. 8, p. 478, § 6º, e p. 535, n. 3-10.

⁵ *Notas sobre uns Cunhas do São Paulo seiscentista, os quais proliferaram e se expandiram tempo adiante (ensaio para o conhecimento dos troncos paulistas de Tiradentes)*, in Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, v. XCVIII, p.158, nº. 4-10.

⁶ LEME, Luiz Gonzaga da Silva. “*Genealogia Paulistana*”, v. 4, p. 430, n. 2-6; v. 8, p. 460, Cap. 4º.

⁷ LEME, Luiz Gonzaga da Silva. “*Genealogia Paulistana*”, v. 8, p. 523, n. 2-2.

⁸ Helena Machado (de Vasconcelos), mãe de Genebra, era irmã de Agostinho Machado Fagundes de Oliveira, pai de Francisca de Vasconcelos (SILVEIRA, Carlos da. *Notas sobre uns Cunhas do São Paulo seiscentista, os quais proliferaram e se expandiram tempo adiante (ensaio para o conhecimento dos troncos paulistas de Tiradentes)*, in Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, v. XCVIII, p. 150, n. 5-1, e p. 158, n. 4-10).

Ela deixou 24 escravos e bens de raiz no sítio chamado da Boa Vista, com casa de telhas, ranchos de capins, senzala, com seu monjolo, com uma capela no mesmo terreiro e matas virgens com suas capoeiras, tudo pertencente ao mesmo sítio, além de seu rancho de passageiros.

Na ocasião do processamento do inventário, ambas as filhas de GENEBRA MACHADO já haviam falecido, de modo que seus herdeiros foram os netos: Maria, com 10 anos, Francisco, com 4 anos e Joaquim, com 3 anos (filhos de Escolástica de Viveiros); Bárbara, com 10 anos de idade; Manuel, com 8 anos (filhos de Maria de Viveiros).

§ 1º

- I- Capitão ANTÔNIO DE VIVEIROS E OLIVEIRA ou ANTÔNIO DE OLIVEIRA VIVEIROS ou, apenas, ANTÔNIO DE VIVEIROS nascido na Ilha de São Miguel dos Açores⁹, casou-se com GENEBRA MACHADO, com quem teve a seguinte descendência:
 - 1(II)- MARIA DE VIVEIROS MACHADO ou MARIA DE VIVEIROS E OLIVEIRA ou apenas MARIA DE VIVEIROS, casada com MANUEL ANTÔNIO, com geração descrita no § 2º.
 - 2(II)- ESCOLÁSTICA DE VIVEIROS casou-se com JOÃO FERNANDES DE FREITAS, que segue.
- II- ESCOLÁSTICA DE VIVEIROS casou-se com JOÃO FERNANDES DE FREITAS, o qual teve inventário iniciado em 1758, na Paragem do Bom Retiro da Boa Vista¹⁰. Pais de:
 - 1(III)- MARIA, já se encontrava casada com LOURENÇO DIAS BRAVO por ocasião do inventário do pai.
 - 2(III)- FRANCISCO, contava com 10 anos no inventário do pai.
 - 3(III)- JOAQUIM, com 9 anos, na mesma ocasião.

⁹ Ver ascendência do Capitão Antônio de Viveiros e Oliveira em: JUNQUEIRA, Regina Moraes. *Viveiros*, in www.projetocompartilhar.com (consultado em 14-NOV-2015).

¹⁰ Referido inventário encontra-se arquivado no Museu Regional de São João del Rei. A inventariante foi Vitória Nunes da Silva, segunda mulher de João Fernandes de Freitas, com quem ele teve os filhos: a) João, com 5 anos em 1758; b) José, com 3 anos na mesma ocasião; c) Maria, de 1 ano (agradeço a Cláudia Boscolo por copiar os dados desse inventário, em janeiro de 1999).

§ 2º

II- MARIA DE VIVEIROS MACHADO ou MARIA DE VIVEIROS E OLIVEIRA ou apenas MARIA DE VIVEIROS, nascida e batizada na Capela de Nossa Senhora da Penha, Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Pouso Alto, em Minas Gerais, filha do Capitão Antônio de Oliveira Viveiros e de Genebra Machado (nº. I do § 1º). Foi casada com o português MANUEL ANTÔNIO, natural de São Julião do Calendário, em Barcelos, do Arcebispado de Braga¹¹. Ela faleceu a 1º-MAIO-1749, na Freguesia de Pouso Alto, com testamento. Seu inventário foi iniciado em 4-AGO-1749, na Paragem do Caminho Velho, no sítio chamado Ponte Grande, do qual se depreende que ela tinha 21 escravos e bens de raiz: um sítio onde vivia, chamado Ponte Grande, com cerca de 300 braças de terras, que partem de um lado com a Fazenda Boa Vista, com casas de vivenda cobertas de capim, senzalas, ranchos de passageiros cobertos de capim, avaliados em 150\$000. O monte mor foi avaliado em 6:187\$830. Seu marido foi testamenteiro e inventariante¹². O casal teve:

- 1(III)- BÁRBARA MARIA DE VIVEIROS, com 8 anos em 1749, foi casada com o Capitão ANTÔNIO LOPES FIGUEIRA, com numerosa descendência^{13, 14}.
- 2(III)- MANUEL, com 4 anos por ocasião do inventário da mãe.
- 3(III)- MARIA DO CARMO VIVEIROS, que se casou com JOSÉ TEIXEIRA DE MELO, que segue.

III- MARIA DO CARMO VIVEIROS tinha 1 ano e meio de idade na época do inventário de sua mãe. Era natural da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Pouso Alto, Bispado de Mariana, tendo sido casada com o

¹¹ *Notas sobre uns Cunhas do São Paulo seiscentista, os quais proliferaram e se expandiram tempo adiante (ensaio para o conhecimento dos troncos paulistas de Tiradentes)*, in Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, v. XCVIII, p.151, nº. 6-1.

¹² Agradeço a Cláudia Boscolo, por copiar os dados do inventário de Maria de Viveiros e Oliveira (em janeiro de 1999).

¹³ SILVEIRA, Carlos da. “Apontamentos para o estudo de uma grande família: os Lopes Figueira, do Facão”, in Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, v. XXXV, p. 121, nº. 1-8; SILVEIRA, Carlos da. *Notas sobre uns Cunhas do São Paulo seiscentista, os quais proliferaram e se expandiram tempo adiante (ensaio para o conhecimento dos troncos paulistas de Tiradentes)*, in Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, v. XCVIII, p. 151-153, n. 8-1.

¹⁴ O Capitão Antônio Lopes Figueira e Bárbara Maria de Viveiros são hexavós de Carlos Alberto da Silveira Isoldi, falecido marido da autora.

Ajudante JOSÉ TEIXEIRA DE MELO, natural de São Tiago de Magueija, Bispado de Lamego, Portugal, filho de Domingos Teixeira de Melo e de Esperança João. Pais de:

- 1(IV)- JOSEFA MARIA DE MELO, batizada na Matriz de Campanha, Minas Gerais, aos 30-JUN-1765, sendo padrinhos: Reverendo Coadjutor Bernardo da Silva Lobo e D. Joana Felícia Moreira, mulher do Almotacel Caetano José de Almeida. Casou-se em Campanha, no dia 9-FEV-1791, com o Alferes ANTÔNIO DA SILVA REIS, batizado na Freguesia do Facão da Vila Nova de Cunha, Bispado de São Paulo, filho de Tomás da Silva Reis e de Emiliana Maria de Toledo.
- 2(IV)- MARIA, batizada com 8 dias de idade, na Igreja Matriz de Campanha, aos 27-FEV-1768, sendo padrinhos o Reverendo Dr. Manuel Caetano Rodrigues e Ana Maria, mulher de Antônio Luís Ferreira.
- 3(IV)- TERESA MARIA DE MELO foi batizada na Matriz de Campanha, a 1º-JUL-1770, com 10 dias de idade, sendo padrinhos: Reverendo Domingos da Silva Lobo e D. Maria Boena do Prado, mulher do Licenciado Manuel de Paiva e Silva. Casou-se em Campanha, aos 13-OUT-1790, com JOAQUIM PINTO DE CASTILHO, batizado em Taubaté, filho do Ajudante Francisco Tomás de Castilho e de Rita Maria de Jesus.

Referências Bibliográficas

COELHO, H. V. Castro. *Título "Fagundes" da Ilha Terceira (Alguns descendentes nos Açores e em São Paulo)*. In: Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro. São Paulo, 1991.

JUNQUEIRA, Regina Moraes. *Viveiros*. In: www.projetocompartilhar.com

LEME, Luiz Gonzaga da Silva. "*Genealogia Paulistana*", v. 4. São Paulo: Duprat & Cia., 1904.

LEME, Luiz Gonzaga da Silva. "*Genealogia Paulistana*", v. 8. São Paulo: Duprat & Cia., 1905.

SILVEIRA, Carlos da. “*Apontamentos para o estudo de uma grande família: os Lopes Figueira, do Facão*”, in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, v. XXXV. São Paulo, 1938.

SILVEIRA, Carlos da. *Notas sobre uns Cunhas do São Paulo seiscentista, os quais proliferaram e se expandiram tempo adiante (ensaio para o conhecimento dos troncos paulistas de Tiradentes)*, in *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, v. XCVIII. São Paulo, 1944.

FAMÍLIA SILVEIRA VASCONCELLOS, DE BRAGANÇA PAULISTA

Maria Celina Exner Godoy Isoldi

Resumo: *Genealogia da família Silveira Vasconcellos, originária de Bragança Paulista. Testamento e descendência do Padre José Jacinto da Silveira. A paternidade de Cândido José da Silveira, tabelião em Bragança.*

Abstract: *Genealogy of the family Silveira Vasconcellos, originally from Bragança Paulista. Testament and descent of Father José Jacinto da Silveira. The paternity of Cândido José da Silveira, notary in Bragança.*

“Você pode evitar descendentes. Mas não há nenhuma pílula para evitar certos antepassados” (Millôr Fernandes)

Há muitos anos iniciei uma pesquisa sobre os antepassados de meu bisavô Cândido José da Silveira (vô *Candico*), filho de Leopoldino Augusto Silveira Vasconcellos e de Maria Vitorina de Souza Azevedo, neto paterno de Cândido José da Silveira, tabelião na então Vila de Nova Bragança¹, e de Guilhermina Maria Nardy de Vasconcellos.

Na época, minha primeira providência foi lançar mão da grandiosa obra *Genealogia Paulistana*, de autoria do Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme, quando eu procurava algo acerca dessas pessoas.

Constatei, em diversas passagens da *Genealogia Paulistana*, que o nome de Cândido José da Silveira, tabelião de Bragança, vem mencionado sem qualquer referência aos seus genitores². Essa omissão do ilustre linhagista sempre me causou estranheza, pelas seguintes razões:

¹A Vila Nova Bragança passou a ser cidade de Bragança em 1856 e é a atual Bragança Paulista, no Estado de São Paulo (<http://as.camarabp.sp.gov.br> - consultado em 29-SET-2006).

² LEME, Luiz Gonzaga da Silva, *Genealogia Paulistana*, v. 2, p. 98, nº. 10-4; v. 3, p. 120, nº. 8-4; v. 5, p. 315, nº. 8-6, e p. 405, nº. 9-2; v. 8, p. 235, nº. 8-2.

- a) Luiz Gonzaga da Silva Leme era natural de Bragança, terra onde Cândido José da Silveira foi tabelião por muitos anos e morou a maior parte de sua vida.
- b) Ambos foram contemporâneos, pois Cândido José da Silveira nasceu em 1812 e veio a falecer em 1873, sendo que Luiz Gonzaga da Silva Leme nasceu em 1852 e faleceu em 1919.
- c) Lembro, ainda, que a mulher do tabelião, D. Guilhermina Maria Nardy de Vasconcellos, era tia-avó de Maria Salomé Nardy, que foi casada com o Tenente-coronel Ladislau Gonzaga da Silva Leme, irmão do célebre genealogista³. Além disso, Maria Salomé Nardy era filha de Salvador Nardy de Vasconcellos Filho e de Jacinta Osória de Moraes⁴, esta, por sua vez, prima-irmã do linhagista Luiz Gonzaga da Silva Leme⁵.

Nesse contexto, não seria crível admitir que Luiz Gonzaga da Silva Leme desconhecesse a filiação do tabelião Cândido José da Silveira. Logo imaginei que a omissão dessa informação na *Genealogia Paulistana* fora proposital e deveria haver uma forte razão para o autor da obra assim proceder.

Então, passei a suspeitar que meu quarto-avô Cândido José da Silveira, tabelião de Bragança, seria fruto de uma relação não permitida pela sociedade daquela época.

O historiador e genealogista Carlos da Silveira já havia estranhado “a parcimônia de dados da ‘Genealogia Paulistana’ em relação à descendência do capitão Marcelino José de Vasconcellos. Pois só a filha Guilhermina, que foi a mulher do escrivão Cândido José da Silveira, deixou doze filhos”⁶.

Acredito que o autor da *Genealogia Paulistana* quis preservar a imagem dos descendentes do tabelião, pois eram pessoas conhecidas na sociedade bragantina. Quatro filhos de Cândido José da Silveira foram vereadores em Bragança: Gabriel da Silveira Vasconcellos exerceu a vereança por duas vezes (de 1865 a 1868 e de 1883 até falecer em 1885); José Marcelino da Silveira (Vasconcellos) foi eleito suplente e exerceu mandato na legislatura de 1869-1872; Emídio da Silveira Vasconcellos foi presidente da Câmara Municipal de 1887 a 1889; e Daniel da Silveira Vasconcellos foi vereador de 1892 a 1896⁷.

³ LEME, Luiz Gonzaga da Silva, *Genealogia Paulistana* v. 2, p. 528, nº. 10-12.

⁴ LEME, Luiz Gonzaga da Silva, *Genealogia Paulistana*, v. 5, p. 405, nº. 10-1 e 9-1; v. 8, p. 77, nº. 6-10.

⁵ LEME, Luiz Gonzaga da Silva, *Genealogia Paulistana*, v. 2, p. 524, nº. 10-5.

⁶ *Subsídios Genealógicos* n. LXXIX, in Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, v. XLIV, p. 35.

⁷ Disponível em: <http://as.camarabp.sp.gov.br> (consultado em 29-SET-2006).

Quando consultei o assento de matrimônio de Cândido José da Silveira com Guilhermina Maria Nardy de Vasconcellos, celebrado em Bragança, no dia 11-OUT-1832, constatei que o nubente era natural de Jacaré, sendo filho de pai incógnito com Inácia Isabel.

Ao tomar conhecimento da naturalidade de Cândido José da Silveira, resolvi pesquisar os recenseamentos de Jacaré⁸, onde encontrei Inácia Isabel de Alvarenga (mãe do tabelião) ali residindo desde, pelo menos, 1798.

Inácia Isabel de Alvarenga, natural de Campanha, em Minas Gerais, filha de Inácio Barbosa Leite e de Ana Vitória de Alvarenga (ou Ana Teodósia de Alvarenga), foi casada com José Ribeiro da Costa, que vivia de vadiar⁹. No censo realizado em 1798, em Jacaré, onde estavam radicados, verifica-se que ela tinha 32 anos e seu marido 48, sendo que o referido casal teve os seguintes filhos: Inácio, natural de Minas Gerais, com 5 anos; Leonel, com 2 anos; e Emídio, com meses de idade.

A partir de 1801, inclusive, Inácia Isabel de Alvarenga figura no censo de Jacaré sem o marido. Neste ano, ela estava com mais um filho: Joaquim, com meses de idade. Nos censos seguintes, vê-se que Inácia Isabel de Alvarenga ainda teve os seguintes filhos: Isaías, que contava com 2 anos em 1802; Maria da Glória, com 1 ano em 1806; Felicidade com 2 anos em 1809 e, por fim, Cândido, com 4 meses em 1812.

Na consulta aos censos de Jacaré (1809 a 1817) pude constatar, ainda, que o Padre José Jacinto da Silveira residiu nessa localidade na mesma época em que Inácia Isabel ali se encontrava.

⁸ Arquivo Público do Estado de São Paulo.

⁹ Inácia Isabel de Alvarenga e José Ribeiro da Costa casaram-se no dia 5-DEZ-1785, na Capela de São Gonçalo do Brumado, filial da Matriz de São João del Rei, em cerimônia celebrada pelo Reverendo Capelão José de Faria Brum. Na ocasião, não receberam as bênçãos nupciais por ser tempo proibido, mas pediram certidão para com ela requererem as bênçãos na Freguesia de Campanha, para a qual se mudariam. As testemunhas do ato foram o Tenente Bonifácio Gonçalves d'Aguilar e Manuel Pinto dos Santos. As bênçãos nupciais foram dadas aos 21-JAN-1786, na Matriz de Campanha, pois o matrimônio foi realizado no advento.

José Ribeiro da Costa foi batizado aos 26-AGO-1756, em Campanha, tendo falecido de um tumor, no dia 5-JAN-1821, no Arraial de Pouso Alegre, onde morava, sendo sepultado na matriz desta localidade. Ele era filho do português Antônio Ribeiro da Costa, nascido em São Miguel da Borba de Godim, Concelho de Basto, Arcebispado de Braga, e de Ana Nunes do Rosário, natural de Baependi; neto paterno de Manuel Ribeiro, nascido da Vila Cova, e de Ana Ferreira, nascida em Borba de Godim; neto materno de Domingos Nunes, natural de Taubaté, e de Clara Moreira, nascida em Jacaré (agradeço à genealogista Marta Maria Amato pelos dados referentes a esse óbito e ao registro das bênçãos nupciais em Campanha, em pesquisas por ela realizadas em maio de 1997).

Em 1830, o Padre José Jacinto da Silveira aparece no censo de Bragança¹⁰, tendo como seus “agregados”: Cândido, com 18 anos; Matildes, com 11 anos; e José, de 8 anos, todos solteiros e brancos.

Posteriormente, ao consultar o registro de batismo de meu trisavô, Leopoldino Augusto Silveira Vasconcellos, filho de Cândido José da Silveira e de Guilhermina Maria (Nardy) de Vasconcellos, verifiquei que o sacramento foi ministrado em 13-SET-1834, na Matriz de Bragança, sendo que seus padrinhos foram o Reverendo Vigário José Jacinto da Silveira e Leonor Garcia, filha solteira do Capitão Marcelino José (Nardy de Vasconcellos), por procuração de Inácia Isabel de Alvarenga, da Vila de Jacaré. O termo foi lavrado pelo Padre Policarpo Joaquim de Oliveira César.

Todos esses elementos evidenciaram que havia uma grande proximidade entre o Padre José Jacinto da Silveira e Cândido José da Silveira e os familiares deste.

Diante disso, passei a ter uma fortíssima desconfiança de que o Padre José Jacinto da Silveira seria o genitor de Cândido José da Silveira, tabelião de Bragança.

Porém, eu ainda buscava uma prova incontestável do fato, a qual acabei conseguindo ao consultar os autos de inventário do Vigário José Jacinto da Silveira, na Comarca de Bragança Paulista. O processo foi iniciado em 6-DEZ-1852, tendo como inventariante Antônio Justiniano dos Reis.

No testamento cerrado do Padre José Jacinto da Silveira, datado de 30-SET-1852, “nesta Villa de Bragança”, devidamente aberto e trasladado para o processo de seu inventário, ele reconhece como seus herdeiros Cândido José da Silveira, Matildes Teresa, Bruna Francisca e José Antônio da Silveira.

Contudo, no corpo do testamento não há referência expressa de que esses “herdeiros” seriam filhos do sacerdote. No entanto, em outras passagens do inventário há menção expressa de que Cândido José da Silveira, Matildes Teresa (da Silveira Bueno), Bruna Francisca (da Silveira) e José Antônio da Silveira Bueno eram filhos e legítimos herdeiros do Padre José Jacinto da Silveira¹¹.

Não foi possível descobrir quem seria(m) a(s) mãe(s) de Matildes Teresa da Silveira Bueno, de Bruna Francisca da Silveira e de José Antônio da Silveira Bueno. Quanto a Cândido José da Silveira, é certo que nasceu da relação do Padre José Jacinto da Silveira com Inácia Isabel de Alvarenga¹².

¹⁰ Arquivo Público do Estado de São Paulo.

¹¹ Fls. 38, 110 v. e 146 v do inventário do Padre José Jacinto da Silveira.

¹² Os nomes em negrito que aparecem na genealogia adiante descrita são de antepassados da autora.

Inácia Isabel de Alvarenga foi batizada com 15 dias de idade, aos 23-JAN-1770, na Capela de São Gonçalo, em Campanha, tendo como padrinhos José Coelho dos Santos e Maria da Visitação, esta mulher do Capitão Bento Correa de Mello. Era filha de **Inácio Barbosa Leite**, natural de São João del Rei, e **Ana Teodósia de Alvarenga** (ou **Ana Vitória de Alvarenga**), nascida em Campanha, onde foi batizada em 11-AGO-1748, na Capela de São Gonçalo; sendo neta paterna de **Antônio Barbosa do Rego**, natural de Pindamonhangaba, e de **Antônia Leite** ou **Antônia Leite Barbosa**, nascida em São João del Rei; neta materna de **Antônio Soares de Almeida**, nascido em Itu¹³, e de **Maria Barbosa de Lima**, natural de Atibaia¹⁴.

§ 1º

- I- Padre **JOSÉ JACINTO DA SILVEIRA**, batizado na Sé de São Paulo, sua terra natal, em 13-MAR-1783, era filho legítimo do Guarda-Mor **José Bueno de Morais** e de **Joana Furquim de Campos** ou **Joana Maria de Santana**¹⁵. Seus padrinhos foram João Bueno da Silveira, casado, e a mãe deste, Rosa Buena da Silveira, viúva, freguesa da Conceição de Guarulhos, sendo os demais “desta freguezia”. O assento de batismo foi lavrado e assinado pelo Coadjutor José Joaquim da Silva. A habilitação de *genere et moribus* de José Jacinto da Silveira foi processada em 1805 e encontra-se arquivada na Cúria Metropolitana de São Paulo. Ele figura no recenseamento de Jacaré de 1809 a 1817. Foi coadjutor de seu irmão, Padre Francisco de Paula Campos, em Jacaré, no ano de 1811, segundo se depreende do censo dessa localidade.

¹³ **Antônio Soares de Almeida** (ou **Antônio Soares**) era filho de **João de Almeida Ferreira** (ou **João Ferreira Almeida**) e de **Francisca Soares de Godoy**, sendo neto paterno de **Miguel de Almeida** (ou **Miguel de Almeida Prado**) e de **Maria Soares** (ou **Maria Soares Ferreira**), neto materno de **Sebastião Gonçalves de Aguiar** e de **Isabel da Silva de Godoy**. Ver: LEME, Luiz Gonzaga da Silva, *Genealogia Paulistana*, v. 6, p. 166, nº. 3-4, e p. 153, nº. 2-1, no qual há equívoco na paternidade de João de Almeida Ferreira, corrigida pelo próprio autor da obra em apontamentos manuscritos posteriores (SILVEIRA, Carlos da. *Subsídios Genealógicos*, in Biblioteca Genealógica Brasileira, v. 3, p. 100). A respeito da ascendência de Miguel de Almeida Prado ver: LEME, Luiz Gonzaga da Silva, *Op. Cit.*, v. 5, p. 6, nº. 3-1, onde João de Almeida Ferreira é referido no nº. 4-2 com o nome de “João Soares Ferreira”. Sobre a ascendência de Sebastião Gonçalves de Aguiar e Isabel da Silva de Godoy, ver: LEME, Luiz Gonzaga da Silva, *Op. Cit.*, v. 6, p. 177, § 11º, e p. 458, nº. 3-4.

¹⁴ **Maria Barbosa de Lima** (ou **Maria Barbosa de Siqueira**) era filha de **Antônio de Siqueira de Alvarenga** e de sua primeira mulher **Ana Barbosa de Lima** (LEME, Luiz Gonzaga da Silva, *Genealogia Paulistana*, v. 3, p. 291, nº. 5-2 de 4-1).

¹⁵ LEME, Luiz Gonzaga da Silva, *Genealogia Paulistana*, v. 5, p. 162, nº. 5-5, e p. 164, nº. 6-7.

O Reverendo Vigário aposentado José Jacinto da Silveira faleceu na Vila de Bragança, a 1º-NOV-1852, de inflamação nos intestinos, com os sacramentos da penitência eucarística e extrema unção. Seu cadáver foi solenemente acompanhado pelas irmandades e sacerdotes existentes e sepultado no Cemitério do Santíssimo Sacramento, em Bragança, depois do ofício e missa cantada. O registro desse óbito foi assinado pelo Vigário Encomendado Simpício Bueno de Siqueira.

Do inventário do Reverendo Padre José Jacinto da Silveira, autuado em 6-DEZ-1852, na então Vila Nova Bragança (atual Bragança Paulista), consta que possuía vários bens, dentre eles: talheres, castiçais, copo, todos em prata; freio e par de esporas em prata; relógio de ouro, com correntinha do mesmo metal; três hábitos de cristo e par de botões de ouro para colarinho; objetos em cobre, ferro e vidro; móveis em madeira; animais cavaleiros, muas, vacuns e porcos; nove escravos; seis volumes da obra de Bailly. De plantações, havia uma roça de milho pelo valor de 6\$000 e um amoral por 6\$400. Como bens de raiz, possuía casas junto ao Taboão, excetuado um puxado pertencente ao herdeiro José Antônio da Silveira Bueno, com cafezal bastante deteriorado, um pequeno laranjal velho, monjolo, roda de ralar mandioca, um moinho velho, um pequeno mandiocal, tudo pela quantia de 2:200\$000. Nas últimas declarações, entre outros bens, ainda constam: domínio em uma morada de casas situadas na Cidade de São Paulo, na Rua do Jogo da Bola¹⁶, no valor de 28\$877, que houve por herança de seus pais, mais uma parte na mesma casa, correspondente a 65\$310, que comprou de seu irmão Joaquim; além da quantia de 2:008\$000 em moedas papel e prata, e em cobre mais 3\$400; além de 23 patações e outras moedas em prata; dívidas ativas e passivas. O monte mor foi avaliado em 10:581\$512. Abatendo-se a dívida passiva de 262\$100, restou o monte menor de 10:319\$412, sendo a vintena de 565\$970.

Com **INÁCIA ISABEL DE ALVARENGA**, o Padre José Jacinto da Silveira teve o filho:

1(II)- **CÂNDIDO JOSÉ DA SILVEIRA**, casado com D. **GUILHERMINA MARIA NARDY DE VASCONCELLOS**, com geração que segue.

Além desse filho, o Padre José Jacinto da Silveira também teve:

2(II)- **MATILDES TERESA DA SILVEIRA BUENO**, que foi casada com **FRANCISCO MARIANO DE OLIVEIRA** ou **FRANCISCO SERAFIM BUENO**. Do inventário do Padre José Jacinto da Silveira consta que esse casal estava separado havia muitos anos, sendo que ela residia na Vila Nova Bragança e ele na Vila de Jundiá. Por essa razão, ela obteve licença do juízo “para requerer de seo Direito”

¹⁶ Atual Rua Benjamin Constant, no centro da capital paulista.

no inventário¹⁷. Em uma procuração trasladada para os referidos autos, lavrada em 1853, ele declarou “que antigamente o seu nome héra Francisco Mariano de Oliveira, mas a dose annos mais ou menos mudou para o de Francisco Serafim Bueno”¹⁸.

- 3(II)- BRUNA FRANCISCA DA SILVEIRA, casada com ANTÔNIO JUSTINIANO DOS REIS.
- 4(II)- JOSÉ ANTÔNIO DA SILVEIRA BUENO, casado com D. FRANCISCA CAROLINA DA SILVEIRA E CRUZ. Residiam na Vila Nova Bragança (atual Bragança Paulista).

II- **CÂNDIDO JOSÉ DA SILVEIRA**, natural de Jacaré, Freguesia de Bragança, figura com 4 meses de idade, junto com sua mãe, Inácia Isabel de Alvarenga, no recenseamento dessa localidade realizado em 1812. Constatou do censo de sua terra natal, junto com sua mãe, até 1817. Ainda menor, residiu em Mogi-Guaçu por 8 anos, provavelmente entre 1821 e 1829. Depois, mudou-se para Bragança, onde figurou como agregado do Padre José Jacinto da Silveira, no censo de 1830.

Cândido José da Silveira casou-se, com 20 anos de idade, aos 11-OUT-1832, em Bragança, com D. **GUILHERMINA MARIA NARDY DE VASCONCELLOS**, natural de Sorocaba, filha do Capitão **Marcelino Nardy de Vasconcellos** (ou **Marcelino José de Vasconcellos**) e de **Francisca Leonisa**, esta já falecida¹⁹.

Guilhermina Maria Nardy de Vasconcellos nasceu aos 29-OUT-1811 e foi batizada no dia 16-NOV-1811, na Matriz de Nossa Senhora da Ponte, em Sorocaba, pelo Reverendo Bento Paes de Campos, tendo como padrinhos o Capitão José da Silva de Carvalho, casado, freguês de Santo Amaro, por procuração que em seu nome apresentou o ajudante José Joaquim dos Santos Prado²⁰. Mudou-se para a Cidade de São Paulo, onde residiu por 12 anos e daí passou para Bragança²¹. Ela ainda era viva em 1874.

Cândido José da Silveira foi vereador em Bragança na legislatura de 1841-1844. Nos “negócios eleitorais” de Bragança, em 1847, ele é qualificado como “escrivão do municipal”; em 1856, figura apenas como escrivão; em

¹⁷ Fls. 10, 13v., 17v, 18, 21

¹⁸ Fl. 101.

¹⁹ LEME, Luiz Gonzaga da Silva, *Genealogia Paulistana*, v. 5, p. 405, nº. 8-1 e 9-2, onde figura com o nome “Guilhermina da Silveira”.

²⁰ Agradeço ao genealogista Rodnei Brunete da Cruz, que localizou o batismo de Guilhermina Maria Nardy de Vasconcellos.

²¹ Cf. dispensa matrimonial, datada de 27-SET-1832, arquivada na Cúria Metropolitana de São Paulo.

1866 como escrivão do juízo municipal, e nos anos de 1872 e 1873 como tabelião²². Sua nomeação como tabelião de Bragança deu-se aos 14-MAR-1857. Figurou como proprietário, no *Almanak da Província de São Paulo para 1873*²³. Ele faleceu em Bragança, aos 30-OUT-1873.

Com o casamento de Cândido e Guilhermina formou-se a família Silveira Vasconcellos, de Bragança Paulista. Eles tiveram a seguinte descendência:

- 1(III)- EMÍDIO DA SILVEIRA VASCONCELLOS, que foi batizado em Bragança, a 2-AGO-1833, tendo como padrinho seu avô materno. Casou-se na Matriz de Bragança, aos 27-JAN-1857, com FABRÍCIA AURÉLIA DA PIEDADE E CRUZ, filha de Luís Alvares da Cruz e de Maria Joaquina da Piedade. As testemunhas do ato foram: José Antônio da Silveira Bueno e Manuel Batista Tavares. Nos “negócios eleitorais” de Bragança, em 1868, foi qualificado como secretário da Câmara Municipal de Bragança²⁴. No *Almanak da Província de São Paulo para 1873*, aparece no elenco de comerciantes com loja de ferragens e armarinhos, na Rua do Comércio, em Bragança²⁵. Foi presidente da Câmara Municipal de Bragança de 1887 a 1889²⁶. Em 1890, consta como casado e negociante²⁷.
- 2(III)- Capitão LEOPOLDINO AUGUSTO DA SILVEIRA VASCONCELLOS, que se casou com MARIA VITORINA DE SOUZA AZEVEDO. Com geração que segue no § 4º.
- 3(III)- JOÃO CRISÓSTOMO DA SILVEIRA VASCONCELLOS ou JOÃO CRISÓSTOMO DA SILVEIRA contraiu núpcias, pela primeira vez, aos 22-MAIO-1859, na Matriz de Bragança, com GUILHERMINA INOCÊNCIA DA PIEDADE E CRUZ ou GUILHERMINA ALVES DA CRUZ, filha de Luís Alvares da Cruz e de Maria Joaquina da Piedade. As testemunhas desse matrimônio foram José Antônio da Silveira e João Ferreira de Araújo. Ela faleceu e foi sepultada em Bragança. Ele casou-se, pela segunda vez, em 1º-MAR-1869, na Matriz de Amparo, com ANA CESARINA PINHEIRO, natural de Taubaté, filha de José Leite Pinheiro e de Francisca Cândida Assis Pinheiro. Na ocasião, ambos os nubentes eram fregueses de

²² Arquivo Público do Estado de São Paulo.

²³ p. 401.

²⁴ Arquivo Público do Estado de São Paulo.

²⁵ p. 403.

²⁶ <http://as.camarabp.sp.gov.br> (consultado em 29-SET-2006).

²⁷ Negócios Eleitorais de Bragança (Arquivo Público do Estado de São Paulo).

- Amparo e as testemunhas do ato nupcial foram o Dr. Francisco de Paula Leme e Antônia Eufrosina de Andrade Lima.
- 4(III)- Capitão GABRIEL DA SILVEIRA VASCONCELLOS, casado com FRANCISCA GALVÃO DA FONTOURA, com descendência que segue no § 3º.
- 5(III)- Capitão JOSÉ MARCELINO DA SILVEIRA VASCONCELLOS ou JOSÉ MARCELINO DA SILVEIRA, que se casou com BRANDINA AMÉLIA, com quem teve a descendência que segue.
- 6(III)- MARIA SALOMÉ SILVEIRA VASCONCELLOS, natural de Bragança, casou-se com o Capitão JOAQUIM MACIEL, filho de João Pedro da Silva e de Custódia Maria de Jesus. Com geração²⁸.
- 7(III)- FRANCISCA LEONÍSIA DA SILVEIRA, que faleceu em Bragança no dia 25-AGO-1904.
- 8(III)- GUILHERMINA DA SILVEIRA VASCONCELLOS, falecida em Bragança, aos 28-JAN-1919, com 66 anos de idade, solteira.
- 9(III)- FRANCELINA DA SILVEIRA VASCONCELLOS, também falecida em Bragança, no dia 8-MAIO-1919.
- 10(III)- CÂNDIDO DA SILVEIRA VASCONCELLOS, natural de Bragança, onde veio a se casar, no dia 16-JUL-1872, com AMÁLIA NARCISA PINHEIRO, filha de Joaquim de Souza Pinheiro e de Francisca Maria de Jesus Vale. O ato nupcial foi celebrado em oratório privado ereto em casa do pai da nubente, tendo como padrinhos: Tenente Joaquim Maciel e Joaquim Gomes de Faria. No *Almanak da Província de São Paulo para 1873*, ele figura como escrivão e tabelião em Bragança, com endereço na Rua General Osório, nº. 34, além de secretário do *Club Bragantino*²⁹. Dos “negócios eleitorais” de Bragança de 1873 consta que ele era tabelião, sendo que, em 1890, figura como escrivão do público³⁰. Com geração³¹.
- 11(III)- DANIEL DA SILVEIRA VASCONCELLOS, que foi casado com FRANCISCA CAROLINA GONZAGA ou FRANCISCA GONZAGA CINTRA e, após ficar viúvo, casou-se com ISABEL CELINDA DO NASCIMENTO. Com geração que segue no § 2º.

²⁸ LEME, Luiz Gonzaga da Silva, *Genealogia Paulistana*, v. 8, p. 235-236, nº. 8-2 e 7-1; SILVEIRA, Carlos da. *Subsídios Genealógicos* n. LXXIX, in Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, v. XLIV, p. 35.

²⁹ p. 397, 400 e 401.

³⁰ Arquivo Público do Estado de São Paulo.

³¹ LEME, Luiz Gonzaga da Silva, *Genealogia Paulistana*, v. 5, p. 315-316, nº. 8-6

12(III)- LAURA DA SILVEIRA VASCONCELLOS, falecida em Bragança, no dia 26-MAIO-1934.

III- Capitão JOSÉ MARCELINO DA SILVEIRA VASCONCELLOS ou JOSÉ MARCELINO DA SILVEIRA foi casado com BRANDINA AMÉLIA. Ele era natural de Bragança e, em 1866, figurou nos “negócios eleitorais” com 27 anos, casado e solicitador. Em 1876, aparece como residente na Rua do Comércio, com 37 anos, casado e solicitador. No ano de 1890 foi qualificado como proprietário³². Para a legislatura de 1869-1872, foi eleito suplente de vereador em Bragança e chegou a exercer o mandato³³. O casal teve:

1(IV)- BENEDITO DA SILVEIRA VASCONCELLOS, que contraiu núpcias com NATÉRCIA DE BARROS, com geração que segue.

2(IV)- MARIA CARMELITA DA SILVEIRA, que foi batizada na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, em Bragança, aos 27-SET-1867, com 10 dias de idade, sendo padrinhos: Cândido José da Silveira e Guilhermina Maria de Vasconcellos Nardy. Veio a se casar com seu primo Coronel JOSÉ CÂNDIDO DA SILVEIRA, filho de Leopoldino Augusto Silveira Vasconcellos e de Maria Vitorina de Souza Azevedo. Com geração no nº. IV do § 4º.

3(IV)- RAMIRA DA SILVEIRA, que se casou com ISIDRO GOMES TEIXEIRA.

4(IV)- JULIA MARCELINA DA SILVEIRA.

5(IV)- TEODOMIRA DA SILVEIRA, casada com ANTÔNIO MENDES DA SILVA.

6(IV)- LUCILA DA SILVEIRA, que foi casada com o Professor JOÃO BATISTA DE BRITO.

IV- BENEDITO DA SILVEIRA VASCONCELLOS nasceu em Bragança, tendo falecido em São Paulo, no dia 8-JUL-1937, com 52 anos de idade. Foi casado com NATÉRCIA DE BARROS, com quem teve³⁴:

1(V)- SÍLVIO DE BARROS VASCONCELLOS.

2(V)- CELSO DE BARROS VASCONCELLOS.

§ 2º

III- DANIEL DA SILVEIRA VASCONCELLOS, natural de Bragança, filho do tabelião Cândido José da Silveira e de Guilhermina Maria Nardy de

³² Arquivo Público do Estado de São Paulo.

³³ <http://as.camarabp.sp.gov.br> (consultado em 29-SET-2006).

³⁴ *Jornal O Estado de S. Paulo* de 9-JUL-1937.

Vasconcellos (n.º II do § 1º). Dos “negócios eleitorais” dessa localidade, constam as seguintes informações a seu respeito: em 1872, com 27 anos, solteiro, escrivo ajudante; em 1873, com 27 anos, vivia de agência e era solicitador; em 1876, com 31 anos, mestre de música, residente na Rua das Pedras³⁵. No *Almanak da Província de São Paulo para 1873*, ele figura como diretor da Orquestra Bragantina³⁶. Foi vereador em Bragança de 1892 a 1896³⁷. Casou-se, pela primeira vez, em 16-ABR-1873, na Matriz de Bragança, com FRANCISCA CAROLINA GONZAGA ou FRANCISCA GONZAGA CINTRA, filha do Alferes Luís Gonzaga de Moraes e de Francisca Emília da Silveira³⁸. As testemunhas desse matrimônio foram: Gabriel da Silveira Vasconcellos e João Batista Gonzaga Cintra. Aos 13-FEV-1901, em sua terra natal, contraiu núpcias com ISABEL CELINDA DO NASCIMENTO³⁹. Do primeiro matrimônio, ele teve apenas um filho, pois sua mulher faleceu no parto:

1(IV)- FRANCISCO GONZAGA DE VASCONCELLOS, que foi casado com ANDRELINA NÓBREGA e deixou descendentes⁴⁰.

Com a segunda mulher, Daniel da Silveira Vasconcellos teve mais um filho:

2(IV)- MOACYR DO NASCIMENTO VASCONCELLOS, nascido em Bragança, aos 18-NOV-1903, casado com NOÊMIA DE CARVALHO PINTO, natural de Joanópolis, onde nasceu em 25-JUL-1902, filha de Bernardo Avelino de Carvalho Pinto Júnior e de Palmira Ramos⁴¹. Ambos faleceram na capital paulista, ele a 2-JUL-1955 e ela em 8-NOV-1978, com descendência⁴².

³⁵ Arquivo Público do Estado de São Paulo.

³⁶ p. 401.

³⁷ <http://as.camarabp.sp.gov.br> (consultado em 29-SET-2006).

³⁸ CINTRA, Antonio Paes, *Genealogia dos Cintras*, p. 105, Qn. 70; LEME, Luiz Gonzaga da Silva, *Genealogia Paulistana*, v. 2, p. 98, n.º. 10-4 de 9-10.

³⁹ Cartório de Registro Civil de Bragança Paulista, livro 9, fl. 62, termo 29 ([site www.cartoriobraganca.com.br](http://www.cartoriobraganca.com.br), consultado em 28-MAIO-2017).

⁴⁰ CINTRA, Antonio Paes. *Genealogia dos Cintras*, p. 105, 5N.214 a 7N.453.

⁴¹ MOYA, Salvador de. *Barão de Cocais*, in *Revista Genealógica Latina*, v. XVIII-XIX, p. 45 P99 de Q33.

⁴² As informações das datas e locais de nascimento de Moacyr do Nascimento Vasconcellos e Noêmia de Carvalho Pinto foram gentilmente fornecidas pelo Dr. José Roberto de Vasconcellos, filho do casal.

§ 3º

III- Capitão GABRIEL DA SILVEIRA VASCONCELLOS, filho do tabelião Cândido José da Silveira e de Guilhermina Maria Nardy de Vasconcellos (nº. II do § 1º). Foi batizado em Bragança aos 19-NOV-1837, tendo como padrinhos o Sargento-Mor José Gomes Moreira, solteiro, e D. Maria ... de Campos, viúva. Casou-se em Bragança, em oratório privado, a 6-JUN-1871, com FRANCISCA GALVÃO DA FONTOURA, nascida em Itu, aos 21-OUT-1847, e falecida em São Paulo, no dia 12-OUT-1937⁴³, filha de Joaquim Galvão Pacheco de França e de Mariana Amália da Cunha Fontoura⁴⁴. As testemunhas do ato nupcial foram: Emídio da Silveira Vasconcellos e Francisco Antônio da Costa Carvalho. Figura nos “negócios eleitorais” de Bragança, em 1866, sendo residente no quarteirão da matriz e qualificado como boticário da Farmácia Popular. Em 1876, residia na Rua do Comércio, na mesma cidade⁴⁵. No *Almanak da Província de São Paulo para 1873*, ele figura como proprietário e com uma farmácia no Largo da Cadeia, em Bragança⁴⁶. Foi vereador em Bragança de 1865 a 1868 e de 1883 a 1885⁴⁷. Ele faleceu a 1º-JUN-1885, em Bragança, onde foi sepultado⁴⁸. Tiveram os seguintes descendentes:

1(IV)- GABRIEL DA SILVEIRA VASCONCELLOS, órfão de pai aos 13 anos de idade, diplomou-se em farmácia pela Escola de Ouro Preto. Residia em Bragança, onde teve uma farmácia. Casou-se em Bragança, em 16-JUL-1895, com OTÍLIA BARRA ou OTÍLIA OLINTA DA BARRA⁴⁹, filha de Nicolau Felizardo da Barra e de Claudina Maria Domingues Godoy⁵⁰. Homem de visão, fundou a Companhia Rede Telefônica Bragantina, inaugurada aos 17-JUL-1896, tendo como objetivo ligar todas as cidades de São Paulo por meio de linhas telefônicas⁵¹. A referida empresa acabou se tornando a maior do gênero a operar em território brasileiro na

⁴³ SILVA, Felipe Nery de Siqueira e. *Os Siqueiras de Bragança Paulista*, p. 106.

⁴⁴ LEME, Luiz Gonzaga da Silva, *Genealogia Paulistana*, v. 3, p. 120, nº. 8-4 e 7-6

⁴⁵ Arquivo Público do Estado de São Paulo.

⁴⁶ P. 401-403

⁴⁷ <http://as.camarabp.sp.gov.br> (consultado em 29-SET-2006).

⁴⁸ SILVA, Felipe Nery de Siqueira e. *Os Siqueiras de Bragança Paulista*, p. 105-106.

⁴⁹ Cartório de Registro Civil de Bragança Paulista, livro 6, fl. 170, termo 995 (site www.cartoriobraganca.com.br, consultado em 28-MAIO-2017).

⁵⁰ Anuário Genealógico Brasileiro, v. 1, p. 326-327, F5.

⁵¹ MARTINS, Nelson Silveira; LAURITO, Domingos. *Bragança (1763-1942)*, p. 247-256

época, com cerca de 1641km de linhas telefônicas. Ele faleceu aos 52 anos, sem filhos⁵².

- 2(IV)- MARIA FAUSTA, casada com FRANCISCO DE MESQUITA BARROS.
- 3(IV)- ARISTIDES DA FONTOURA SILVEIRA, que faleceu em Bragança, no dia 24-OUT-1895.
- 4(IV)- JOSEFINA DA FONTOURA faleceu em Bragança no dia 6-DEZ-1895. Foi casada com NICOLINO NACCARATI, com quem teve geração. Ele participou da fundação da Companhia Rede Telefônica Bragantina, juntamente com seu cunhado Gabriel Silveira Vasconcellos. No ano de 1903, Nicolino Naccarati, Daniel Peluso e Afonso da Silva Brandão obtiveram a concessão para explorar eletricidade e transporte coletivo (bonde) em Bragança, constituindo, assim, a Empresa Elétrica Bragantina⁵³. Veio a ser assassinado na capital paulista, em 1944.
- 5(IV)- MARIA ELISA, solteira.
- 6(IV)- VITALINA, solteira.
- 7(IV)- LAURA, solteira.
- 8(IV)- CÂNDIDO FONTOURA SILVEIRA (*tio Candinho*), casado com ELVIRA SIQUEIRA DE CASTRO, com geração que segue.

- IV- CÂNDIDO FONTOURA SILVEIRA, mais conhecido como CÂNDIDO FONTOURA (*tio Candinho*), nasceu em Bragança aos 14-MAIO-1885, tendo falecido na capital paulista, a 5-MAR-1974. Farmacêutico formado pela Escola de Farmácia Odontologia e Obstetrícia de São Paulo em 1905, ano em que retornou para sua cidade natal, onde instalou uma pequena farmácia. Aos 7-JAN-1910, em Bragança Paulista, em oratório particular, casou-se com ELVIRA SIQUEIRA DE CASTRO, nascida em Bragança, no dia 26-MAIO-1890, filha de Carlos Abdon Abreu Castro e de Julieta Rodrigues de Siqueira⁵⁴.
Certa ocasião, sua mulher ficou doente e, mesmo recebendo atendimento médico, não conseguia curar-se de forma definitiva. Então, Cândido Fontoura Silveira desenvolveu uma fórmula que a tirou da convalescença. Entusiasmado com o resultado do seu preparado, resolveu fabricá-lo para

⁵² MARTINS, Nelson Silveira; LAURITO, Domingos. *Bragança (1763-1942)*, p. 247-256

⁵³ ARAUJO, Francisco César Palma de; ARAUJO, Paula Raquel Palma de. *100 anos Empresa Elétrica Bragantina*, p. 32-34.

⁵⁴ Anuário Genealógico Brasileiro, v. 1, p. 388; CINTRA, Antonio Paes, *Genealogia dos Cintras*, p. 233, 5N.1605; SILVA, Felipe Nery de Siqueira e. *Os Siqueiras de Bragança Paulista*, p.91 (Capítulo III) e p. 105 (n. 1-3).

vender em sua farmácia, posteriormente batizado com o nome de “Biotônico Fontoura”⁵⁵ por sugestão de seu amigo Monteiro Lobato.

Em 1915, transferiu-se com sua família para a capital paulista, onde, no mesmo ano, fundou o “Instituto Medicamenta Fontoura S/A” e, depois, a “Produtos Químicos Fontoura S/A”, empresas das quais foi presidente⁵⁶.

Com o surgimento da penicilina, em 1945, as empresas de Cândido Fontoura Silveira passaram a fabricá-la. Em 1949, uniu-se à firma “Wyeth”, da Filadélfia, EUA, fundando as “Indústrias Farmacêuticas Fontoura Wyeth S/A”, maior fabricante de penicilina da América Latina naquela época⁵⁷.

Foi presidente da União Farmacêutica de São Paulo (1921/1922), fundador e primeiro presidente da Sociedade de Farmácia e Química de São Paulo (1924/1926), bem como presidente honorário e sócio benemérito da União Farmacêutica de São Paulo. Participou e presidiu diversos congressos de farmácia e bioquímica, além de publicar vários trabalhos nessas áreas⁵⁸.

Também foi presidente da Associação Paulista de Assistência aos Paraplégicos e membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Era comendador da Pontifícia Ordem dos Cavaleiros do Santo Sepulcro de Jerusalém e sua mulher tornou-se dama da mesma ordem⁵⁹. Tiveram os seguintes filhos:

- 1(V)- OLAVO CASTRO FONTOURA, mais conhecido como OLAVO FONTOURA, nasceu em Bragança, no dia 5-DEZ-1910, casou-se no Mosteiro de São Bento, em São Paulo, aos 25-JAN-1936, com OLGA SAMPAIO MOREIRA FERREIRA, nascida na capital paulista, em 28-AGO-1916, filha de Hermínio Ferreira e de Noêmia Sampaio Moreira. Prestou serviços à Revolução Paulista de 1932, como voluntário no Batalhão Piratininga. Formado pela Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade de São Paulo em 1938, fez curso de aperfeiçoamento em química industrial nos EUA (1939-1940). Piloto civil com brevê de 1936, serviu, como aviador, na II Guerra Mundial, em missões de patrulhamento do litoral brasileiro, tendo sido condecorado com as medalhas “Cruz da Aviação” e “Campanha do Atlântico Sul”. Tornou-se 1º tenente da reserva da Força Aérea Brasileira. Foi presidente da Viação Aérea São Paulo – VASP, bem como

⁵⁵ SANT’ANA, João Gabriel. *Repertório Biográfico e Genealógico Paulista*, p.346.

⁵⁶ SILVA, Felipe Nery de Siqueira e. *Os Siqueiras de Bragança Paulista*, p. 107-108.

⁵⁷ SANT’ANA, João Gabriel. *Repertório Biográfico e Genealógico Paulista*, p.347.

⁵⁸ SILVA, Felipe Nery de Siqueira e. *Os Siqueiras de Bragança Paulista*, p. 107-108.

⁵⁹ SILVA, Felipe Nery de Siqueira e. *Os Siqueiras de Bragança Paulista*, p. 105 e 109.

- diretor do Instituto Medicamenta S/A e das Indústrias Farmacêuticas Fontoura Wyeth S/A, além de deputado federal (1958-1963). Veio a falecer, no dia 9-MAR-1968, em decorrência de um acidente de helicóptero, logo após a decolagem, dos jardins de sua residência, na Rua Itália, n. 224, no bairro Jardim Europa, em São Paulo. Deixou descendência⁶⁰.
- 2(V)- RUTH CASTRO FONTOURA, nascida em Bragança, aos 21-FEV-1912. Casou-se em 8-JAN-1934, no Mosteiro de São Bento, em São Paulo, com o Dr. JOÃO ALBERTO SALLES MOREIRA (*Nei*), nascido aos 25-AGO-1909, em São Paulo, onde faleceu a 3-AGO-1958, filho do Dr. Roberto dos Santos Moreira e de Martha Salles. Ele bacharelou-se em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Direito da USP (turma 1935) e era industrial da área de tecelagem, tendo sido, ainda, diretor da Rádio Cultura (1939-1944) e da Rádio Eldorado, superintendente do Instituto Medicamenta Fontoura S/A e diretor do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo – CIESP. Foi, ainda, membro da Academia Paulista de Letras, comendador da Ordem de São Tiago da Espanha (Portugal) e oficial da Legião de Honra (França). Com geração⁶¹.
- 3(V)- DIRCEU CASTRO FONTOURA, que nasceu a 1º-OUT-1913, em Bragança Paulista, serviu como soldado na Revolução Paulista de 1932. Era piloto amador de aviões com brevê de 1933. Estudou na Escola de Engenharia da Universidade Mackenzie, onde se formou em química no ano de 1936. Fundador da Rádio Juqueri, depois transformada na Rádio Cultura, tendo sido seu dirigente por vários anos. Foi diretor comercial do Instituto Medicamenta Fontoura S/A, fundador e vice-presidente da Finto-Química, posteriormente “Indústrias Químicas Fontoura S/A. Aos 28-ABR-1943, no Mosteiro de São Bento, em São Paulo, casou-se com VERA AMARAL DELAMAIN, filha de Luís Gabriel Delamain e de Vera Amaral. Tiveram uma filha⁶². Ele veio a falecer no dia 16-OUT-1985⁶³.

⁶⁰ SILVA, Felipe Nery de Siqueira e. *Os Siqueiras de Bragança Paulista*, p. 118-121, n. 2-1.

⁶¹ SILVA, Felipe Nery de Siqueira e. *Os Siqueiras de Bragança Paulista*, p. 121-124, n. 2-2.

⁶² BROTERO, Frederico de Barros. *A família Jordão e seus afins*, p. 426, n. 4-1 de 3-3; SILVA, Felipe Nery de Siqueira e. *Os Siqueiras de Bragança Paulista*, p. 126-127, n. 2-3 e 3-1.

⁶³ SANT'ANA, João Gabriel. *Repertório Biográfico e Genealógico Paulista*, p.345.

- 4(V)- STELLA CASTRO FONTOURA, nascida em Bragança Paulista, aos 31-MAIO-1917, casou-se no Mosteiro de São Bento, em São Paulo, no dia 8-JAN-1937, com PLÍNIO DE BARROS LOUREIRO, filho de Manuel de Barros Loureiro e de Adelina Gomes Poyares. Com descendência⁶⁴.
- 5(V)- MARIA DO CARMO CASTRO FONTOURA, nascida no dia 1º-ABR-1919, em São Paulo, onde veio a falecer em 17-FEV-1920⁶⁵.

§ 4º

- III- Capitão **LEOPOLDINO AUGUSTO DA SILVEIRA VASCONCELLOS**, filho do tabelião Cândido José da Silveira e de Guilhermina Maria Nardy de Vasconcellos (nº. II do § 1º). Foi batizado na Matriz de Bragança, em 13-SET-1834, tendo como padrinhos o Reverendo Vigário José Jacinto da Silveira e Leonor Garcia, filha solteira do Capitão Marcelino José, por procuração de Inácia Isabel de Alvarenga, da Vila de Jacaré. O assento de batismo foi subscrito pelo Padre Policarpo Joaquim de Oliveira César. Casou-se com **MARIA VITORINA DE SOUZA** aos 23-FEV-1869, em Amparo, na fazenda do Sr. Joaquim Pinto de Araújo Cintra, o qual foi testemunha do ato juntamente com o Dr. Francisco de Paula Leme. Com o matrimônio, Capitão Leopoldino legitimou os filhos havidos anteriormente.

MARIA VITORINA DE SOUZA ou **MARIA VITORINA DE AZEVEDO** ou ainda **MARIA VITORINA DE SOUZA AZEVEDO** era natural de Portugal, filha de **Nicolau Francisco de Azevedo** e de **Rosa Maria da Conceição**.

O Capitão Leopoldino Augusto da Silveira Vasconcellos foi inventariado no ano de 1894, em Amparo⁶⁶. Maria Vitorina de Souza Azevedo veio a falecer em Amparo, às 9 horas do dia 1º-ABR-1917, no estado de viúva, com 75 anos de idade, sendo o cadáver solenemente encomendado pelo vigário da matriz⁶⁷. O casal deixou numerosa descendência:

- 1(IV)- Coronel **JOSÉ CÂNDIDO DA SILVEIRA**, casado com **MARIA CARMELITA DA SILVEIRA**, com geração que segue.
- 2(IV)- **CÂNDIDO JOSÉ DA SILVEIRA**, que se casou com **MARIA AUGUSTA VAZ PACHECO**, que segue no §7º.
- 3(IV)- **FRANCISCA DA SILVEIRA VASCONCELLOS**, que nasceu em Amparo, onde foi batizada com um mês de idade, em 14-MAIO-

⁶⁴ SILVA, Felipe Nery de Siqueira e. *Os Siqueiras de Bragança Paulista*, p. 126-128-130, n. 2-4.

⁶⁵ SILVA, Felipe Nery de Siqueira e. *Os Siqueiras de Bragança Paulista*, p. 126-130, n. 2-5.

⁶⁶ Cf. informação gentilmente fornecida pelo Professor Roberto Pastana Teixeira Lima.

⁶⁷ Do registro de seu óbito consta que era brasileira.

1866, na Igreja de Nossa Senhora do Amparo, tendo como padrinhos: Eduardo Augusto da Cunha Freire e sua mulher Francisca Cintra de Campos. Aos 23-FEV-1884, contraiu núpcias, na sua terra natal, em oratório particular, com GUSTAVO DE OLIVEIRA, natural de Amparo, filho de Zacarias Antônio de Oliveira Pires e de Maria Rosa de Oliveira. As testemunhas do matrimônio foram: Marcelino Penteado e Joaquim Pinto de Araújo Cintra.

- 4(IV)- MARIA EUGÊNIA DA SILVEIRA, nascida em Amparo, onde foi batizada aos 29-NOV-1868, com 40 dias de idade. Seus padrinhos foram: Eduardo Augusto da Cunha Freire e Francisca Cintra de Campos. Veio a se casar em Amparo, aos 24-DEZ-1891, com JOSÉ FERREIRA LOUZADA, natural de Bagagem, Minas Gerais, filho de Francisco de Paula Ferreira e de Emília de Lima Ferreira. As testemunhas do ato nupcial foram: Dr. Joaquim José da Silva Pinto Júnior, José Cândido da Silveira e sua mulher Maria Carmelita da Silveira. Após o casamento, ela passou a se chamar MARIA DA SILVEIRA LOUZADA. José Ferreira Louzada faleceu em Amparo, no dia 26-FEV-1910, com 42 anos.
- 5(IV)- GUSTAVO ADOLFO SILVEIRA VASCONCELLOS ou GUSTAVO SILVEIRA VASCONCELLOS, que se casou com ANA MARIA PUPO, com quem teve geração que segue no § 6º.
- 6(IV)- GUILHERMINA DA SILVEIRA VASCONCELLOS, que contraiu núpcias em Amparo, aos 26-JUN-1886, com LINO CUNHA, filho de Inácio Gonçalves da Cunha e de Maria Antônia de Oliveira. Os nubentes eram fregueses da paróquia de Amparo e as testemunhas do matrimônio foram Francisco Pedro de Campos e Julia Julieta de Araújo Cintra.
- 7(IV)- MARIA DA NATIVIDADE nasceu em 8-SET-1873 e foi batizada na Igreja Matriz de Amparo no dia 28 subsequente, tendo como padrinhos: Cândido José da Silveira e sua mulher D. Guilhermina de Vasconcellos Silveira, fregueses da paróquia de Bragança, por procuração que apresentaram João Crisóstomo da Silveira e sua mulher Ana Cesário Pinheiro da Silveira.
- 8(IV)- FLÁVIO DA SILVEIRA VASCONCELLOS, batizado em Amparo no dia 3-AGO-1875, com 4 meses de idade, sendo padrinhos João Crisóstomo da Silveira e Ana Pinheiro da Silveira. Ainda era solteiro, em 1894, por ocasião do inventário paterno. Foi casado com ALBERTINA RIBEIRO, com geração⁶⁸.

⁶⁸ Os Martins Ferreira e os Ribeiro de Bragança, p. 59, § 8º.

- 9(IV)- JULIA DA SILVEIRA VASCONCELLOS, batizada na Matriz de Nossa Senhora do Amparo, em 15-AGO-1876, com 39 dias de idade. Seus padrinhos foram: Joaquim Pinto de Araújo Cintra e sua mulher Ana Cintra. Figura como solteira no inventário do pai, em 1894. Veio a se casar na referida igreja, em Amparo, a 1º-SET-1900, com PRETEXTALDO FERNANDES DE SIQUEIRA, de 33 anos de idade, natural do Rio Grande do Sul, filho dos finados Genuíno Fernandes de Siqueira e de Francisca Naves da Siqueira.
- 10(IV)- JOAQUIM, batizado aos 28-DEZ-1878, na Matriz de Nossa Senhora do Amparo, com 49 dias de idade, pelo Vigário Colado Antônio José Pinheiro. Teve como padrinhos Gabriel da Silveira Vasconcellos e Francisca Galvão da Fontoura Silveira, representados por João Crisóstomo da Silveira e Ana Cesarina Pinheiro.
- 11(IV)- ANA DA SILVEIRA VASCONCELLOS, que se casou com FRANCISCO LUÍS DA SILVA, passando a se chamar ANA DA SILVEIRA E SILVA.
- 12(IV)- VITALINA SILVEIRA VASCONCELLOS, casada com HENRIQUE JENS, que segue no § 5º.
- 13(IV)- ARISTIDES DA SILVEIRA VASCONCELLOS, que figura no inventário do pai, em 1894. Foi batizado no dia 16-AGO-1881, na Igreja de Nossa Senhora do Amparo, em Amparo.
- 14(IV)- RAMIRA, nascida aos 31-JUL-1882, veio a ser batizada na Matriz de Nossa Senhora do Amparo, em 14-OUT-1882, tendo como padrinhos: Doutor José Pinto do Carmo Cintra e sua irmã Maria Joaquina da Silveira Cintra.
- 15(IV)- ADÉLIA DA SILVEIRA VASCONCELLOS ou apenas ADÉLIA VASCONCELLOS, batizada a 4-OUT-1884, na Matriz de Nossa Senhora do Amparo. Casou-se em Amparo, na mesma igreja, no dia 4-MAIO-1902, com FRANCISCO LEITE DA COSTA, natural de Amparo, com 21 anos de idade, filho de Francisco da Costa Bispo de Inocência Leite da Costa, ambos falecidos na ocasião. As testemunhas do ato nupcial foram Francisco ... Silva e Antônio Cândido de Camargo.
- IV- Coronel JOSÉ CÂNDIDO DA SILVEIRA, que por longo tempo foi tabelião em São Paulo. Foi batizado na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, em Bragança, com 8 dias de idade, sendo filho de pai incógnito⁶⁹ e Maria

⁶⁹ Com o casamento entre Leopoldino Augusto da Silveira Vasconcellos e Maria Vitorina de Souza, em 1869, os filhos dessa casal havidos antes do matrimônio foram legitimados.

Vitorina de Souza, tendo como padrinhos João Rodrigues Bueno da Rocha e sua filha Maria Joana da Rocha. Casou-se, no dia 4-OUT-1883, na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, em Bragança, com sua prima MARIA CARMELITA DA SILVEIRA, filha do Capitão José Marcelino da Silveira Vasconcellos e de Brandina Gomes (ver n.º. III do § 1º). As testemunhas do matrimônio foram: Gabriel da Silveira Vasconcellos e o Dr. Antônio Joaquim Leme. Houve dispensa de impedimento em 2º grau de consanguinidade em 23-AGO-1883⁷⁰. Tiveram, pelo menos:

1(V)- ALZIRA DA SILVEIRA, nascida em Amparo em 22-MAR-1886. Casou-se com GUILHERME LIENERT, com geração.

§ 5º

- IV- VITALINA SILVEIRA DE VASCONCELLOS, filha do Capitão Leopoldino Augusto da Silveira Vasconcellos e de Maria Vitorina de Souza Azevedo (n.º. III do § 4º). Natural de Amparo, onde foi batizada na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Amparo, no dia 27-MAIO-1880. Contraiu núpcias no dia 10-JAN-1903, em oratório particular, em São Paulo, com HENRIQUE JENS, natural da Alemanha, com 28 anos de idade, filho de Henrique Jens e de Rebeca Jens. O matrimônio foi registrado perante a Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Santa Ifigênia, em São Paulo, onde os nubentes eram fregueses. Pais de:
- 1(V)- HENRIQUE JENS JÚNIOR (*Nini*).

§ 6º

- IV- GUSTAVO ADOLFO SILVEIRA VASCONCELLOS ou GUSTAVO DA SILVEIRA VASCONCELLOS, filho do Capitão Leopoldino Augusto da Silveira Vasconcellos e de Maria Vitorina de Souza Azevedo (n.º. III do § 4º). Era solteiro e contava com 24 anos de idade por ocasião do inventário do pai em 1894. Foi Prefeito Municipal de Amparo, onde faleceu em FEV-1946. Casou-se na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Amparo, no dia 14-NOV-1896, com ANA MARIA PUPO, filha de Inácio da Silveira Pupo⁷¹ e de Maria Marcolina de Campos⁷². Tiveram⁷³:

⁷⁰ Agradeço ao genealogista Rodnei Brunete da Cruz por localizar os dados sobre essa dispensa matrimonial.

⁷¹ LEME, Luiz Gonzaga da Silva, *Genealogia Paulistana*, v. 2, p. 64, n.º. 11-1 e 10-2, onde ela figura com o nome de “Maria da Silveira”.

⁷² LEME, Luiz Gonzaga da Silva, *Genealogia Paulistana*, v. 1, p. 116, n.º. 7-3.

⁷³ CINTRA, Antonio Paes, *Genealogia dos Cintras*, p. 60, 5N.12.

- 1(V)- BENEDITA, que se casou com JOAQUIM CAMARGO SIQUEIRA, com quem teve geração.
- 2(V)- MARIA VASCONCELLOS, casada com o Dr. ARMINDO LACERDA GUARANÁ, médico, nascido na capital paulista, em 14-MAIO-1898. Com geração⁷⁴.
- 3(V)- RISOLETA PUPO VASCONCELLOS, que se casou com RODRIGO ARRUDA BOTELHO.
- 4(V)- DIÓGENES PUPO VASCONCELLOS, que contraiu primeiras núpcias com MAURÍCIA DÓRIA, depois com LAURA BIERRENBACH DE CASTRO. Teve geração.
- 5(V)- INÁCIO PUPO VASCONCELLOS, que foi casado com MARINA MAGALHÃES.
- 6(V)- ELZA SILVEIRA VASCONCELLOS, que contraiu matrimônio com RENATO PINTO DE CAMARGO, nascido em Amparo, onde residiu, filho do Dr. Francisco Salles de Camargo, médico, e de Antônia da Silveira Cintra, neto paterno do Major Joaquim Antônio de Camargo e de Francisca Corrêa Leite⁷⁵, neto materno do 3º Barão de Campinas, Joaquim Pinto de Araújo Cintra, e de Ana Francisca da Silveira Cintra⁷⁶. Com descendência.

§ 7º

- IV- **CÂNDIDO JOSÉ DA SILVEIRA** (vô *Candico*), filho do Capitão Leopoldino Augusto da Silveira Vasconcellos e de Maria Vitorina de Souza Azevedo (nº. III do § 4º). Foi batizado com 20 dias de idade, na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Amparo, em Amparo, a 1º-MAIO-1865, sendo legitimado por posterior casamento de seus pais. Teve como padrinhos: Hermenegildo Antônio de Almeida e Cândida Fausta de Souza Pinto. Casou-se em Amparo, na mesma igreja, aos 26-JUN-1888, com **MARIA AUGUSTA VAZ PACHECO** ou **MARIA AUGUSTA PACHECO** (vô *Mariquinha*), sendo testemunhas: Joaquim Otávio Ribeiro de Castro, Paula Emília Ribeiro de Toledo, Lino Cunha e Pedro Pinto. Os nubentes eram fregueses em Amparo e o Padre Pedro Maria D'Amato celebrou o matrimônio. Maria Augusta Vaz Pacheco, nascida em Capivari, no dia 12-JUN-1869, e falecida em São Paulo, aos 16-ABR-1942, era filha do Tenente-coronel

⁷⁴ Anuário Genealógico Brasileiro, v. 1, p. 364.

⁷⁵ BROTERO, Frederico de Barros. *Descendentes do Ouvidor Lourenço de Almeida Prado*, p. 263, n. 2-4, e p. 264, n. 4-5; LEME, Luiz Gonzaga da Silva, *Genealogia Paulistana*, v. 4, p. 201, n. 5-4, e p. 203, nº. 7-5, de 6-1.

⁷⁶ Anuário Genealógico Brasileiro, v. 1, p. 114.

Manuel José Vaz Pacheco (que foi presidente da Câmara e prefeito Municipal em São José do Rio Pardo)⁷⁷ e de **Joaquina Augusta Ribeiro de Camargo**⁷⁸, neta paterna de **Francisco de Almeida Pacheco**⁷⁹ e de **Maria Assunção Arruda Amaral** (ou **Maria Augusta Vaz de Arruda Amaral**)⁸⁰, neta materna do Comendador **Querubim Uriel Ribeiro de Camargo e Castro**⁸¹ e de **Maria Gertrudes dos Santos Camargo**⁸².

Cândido José da Silveira era advogado provisionado e “foi um dos pioneiros das ligações telefônicas interurbanas no Brasil, construindo, como concessionário, uma linha telefônica ligando as cidades de Amparo, Itapira, Mogi-Mirim, Espírito Santo do Pinhal e São João da Boa Vista, posteriormente vendida à Companhia Telefônica Brasileira”⁸³. Ele faleceu em São Paulo, aos 28-ABR-1925. Tiveram numerosa descendência:

- 1(V)- PLÍNIO PACHECO SILVEIRA, nascido em Amparo, aos 24-AGO-1889, foi batizado em 20-NOV-1889, na Matriz de Nossa Senhora do Amparo, sendo padrinhos os avós paternos. Professor normalista, foi alto funcionário da Companhia Telefônica Brasileira em São Paulo, tendo sido, por muitos anos, gerente da mesma empresa em Santos. Casou-se em Campinas, no dia 28-dez-1909, com JULIETA DE MAGALHÃES, professora normalista, filha de João Damasceno Magalhães, cirurgião-dentista, e de Ana Barreto Magalhães. Com descendência⁸⁴.
- 2(V)- Dr. DÉCIO PACHECO SILVEIRA, que nasceu em Amparo, no dia 12-NOV-1891, vindo a se casar com AÍDA VIANA, professora

⁷⁷ Sobre o Tenente-coronel Manuel José Vaz Pacheco, ver: ISOLDI FILHO, “Major” Pacheco, in Revista da ASBRAP nº 6, p. 259-264,

⁷⁸ Joaquina Augusta Ribeiro de Camargo, natural de Campinas, faleceu com 54 anos, aos 18-OUT-1899, em sua casa no Largo da Matriz, em São José do Rio Pardo. Ver: DAUNT, Ricardo Gumbleton. *Diogo Antônio Feijó na tradição da família Camargo*, in RIHGSP v. XLIII, p. 136, n. 7-6.

⁷⁹ LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 4º, p. 467, nº. 7-3 de 6-1.

⁸⁰ LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 4º, p. 114, nº. 5-12.

⁸¹ MENDONÇA, Luiz Carlos Sampaio de. *Os Andradas (ascendentes e colaterais)*, in Brasil Genealógico, Tomo I, nº. 3, p. 261, nº. IV-2

⁸² DAUNT, Ricardo Gumbleton. *Diogo Antônio Feijó na tradição da família Camargo*, in RIHGSP v. XLIII, p. 119-120, n. 6-1.

⁸³ DAUNT, Ricardo Gumbleton. *Diogo Antônio Feijó na tradição da família Camargo*, in RIHGSP v. XLIII, p. 136, n. 8-1.

⁸⁴ DAUNT, Ricardo Gumbleton. *Diogo Antônio Feijó na tradição da família Camargo*, in RIHGSP v. XLIII, p. 136-137, n. 9-1.

normalista, nascida em Monte Alegre (Amparo), no dia 28-OUT-1893, filha de Felix Bento Viana Júnior e de Maria Marques⁸⁵. No ano de 1912, Décio Pacheco Silveira diplomou-se pela Escola de Comércio Álvares Penteado. Foi contador, subgerente e, depois, gerente do Banco do Estado de São Paulo - Banespa. Participou da fundação do Esporte Clube Banespa, em 1930, sendo presidente na primeira diretoria. Em 1932 e 1933, foi vice-presidente do Sindicato dos Contabilistas de São Paulo. Ainda em 1933, fundou a Rádio Difusora de São Paulo, vendida dez anos depois para os Diários Associados. Graduiu-se bacharel pela Faculdade de Ciências Econômicas de São Paulo, em 1934. No ano seguinte, criou o programa *Hora da Saudade*, difundido pelo referido veículo de comunicação. Foi conselheiro da Ordem dos Economistas de São Paulo (1937, 1939-1941 e 1942-1944). Escritor e musicista, fez várias composições musicais, dentre as quais destacamos: *Nossa Senhora do Amparo* (Hino de Amparo), *Saudades de Minha Terra*, *Noite de Reis*, *Folha Caída*, *Mãe Preta* e *Aída*, esta última em homenagem a sua mulher. Com geração⁸⁶.

- 3(V)- CLÓVIS PACHECO SILVEIRA, nascido em Amparo, no dia 16-MAR-1897. Transferiu-se para São José do Rio Pardo, onde foi nomeado coletor de rendas estaduais no dia 2-SET-1921. Foi provido na serventia vitalícia do ofício de 1º tabelião de notas e anexos da Comarca de São José do Rio Pardo, aos 23-FEV-1926. Casou-se no dia 8-JAN-1923, em São José do Rio Pardo, com GUIOMAR DE MELLO LIMA, nascida no dia 2-MAIO-1899, em São José do Rio Pardo, filha de Antônio Caetano de Lima (*Totó de Mello*) e de Paulina Cândida de Mello (*Noca*)⁸⁷. Ambos faleceram em São José do Rio Pardo, ele no dia 17-MAIO-1976 e ela em 15-SET-1991. Foram proprietários da Fazenda Santa Maria da Fartura, em São José do Rio Pardo, cuja centenária casa-sede até hoje pertence a seus descendentes⁸⁸.

⁸⁵ NEGRÃO, Francisco. *Genealogia Paranaense*, v. 5, p. 197, nº. 4-2 de 3-1.

⁸⁶ DAUNT, Ricardo Gumbleton. *Diogo Antônio Feijó na tradição da família Camargo*, in RIHGSP v. XLIII, p. 137-138, n. 9-2.

⁸⁷ ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy; ISOLDI FILHO, Carlos Alberto da Silveira. *A família Mello de São José do Rio Pardo e região*, in Revista da ASBRAP nº 2, p. 299, n. 2(VI); e ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy. *A família Lima de Casa Branca e região*, in Revista da ASBRAP nº. 20, p. 609, n. 4-2.

⁸⁸ Sobre a descendência desse casal, ver: DAUNT, Ricardo Gumbleton. *Diogo Antônio Feijó na tradição da família Camargo*, in RIHGSP v. XLIII, p. 138, n. 9-3; ISOLDI, Maria

- 4(V)- LAVÍNIA, nascida em Amparo, veio a falecer com 37 dias de idade, às 3 horas da tarde do dia 5-OUT-1898, na casa do avô materno, situada no Largo da Matriz, n. 8, em São José do Rio Pardo.
- 5(V)- Dr. CIRO PACHECO SILVEIRA, que nasceu em São José do Rio Pardo, no dia 9-AGO-1899. Músico de fina sensibilidade, diplomou-se pela Escola Normal de São Paulo em 1920 e pela Escola de Medicina Veterinária de São Paulo em 1922. Faleceu aos 23-ABR-1923⁸⁹.
- 6(V)- CÂNDIDA PACHECO SILVEIRA (vovó Candy), professora, nascida em Amparo, aos 29-AGO-1901. Veio a se casar em São Paulo, no dia 6-JAN-1926, com **MESSIAS DE MELLO GODOY**, nascido em Amparo, aos 27-DEZ-1898, filho de **Adão Avelino de Godoy**⁹⁰ e de **Ana Elisa do Amaral Mello**⁹¹. Foi funcionário graduado no departamento jurídico do Banco do Estado de São Paulo - Banespa, onde se aposentou. Concomitantemente, dedicou-se ao comércio, estabelecendo-se, por muitos anos, no centro da capital paulista, na Rua Sete de Abril, com a loja *A Principal*. Também foi diretor financeiro da Metalúrgica Nossa Senhora Aparecida, em Sorocaba. Era proprietário da Fazenda Santa Cândida, em Tabatinga, no interior paulista, onde se dedicava à criação de gado nelore. Ambos faleceram em São Paulo, ele no dia 30-JAN-1981 e ela em 7-JUN-1988. Tiveram descendência⁹².

Celina Exner Godoy; ISOLDI FILHO, Carlos Alberto da Silveira. *A família Mello de São José do Rio Pardo e região*, in Revista da ASBRAP nº 2, p. 299-303, n. 2(VI).

⁸⁹ DAUNT, Ricardo Gumbleton. *Diogo Antônio Feijó na tradição da família Camargo*, in RIHGSP v. XLIII, p. 138, n. 9-4.

⁹⁰ ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy. *Um Ramo da Família Bueno de Camargo*, in Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro, p. 308, nº. 7-2.

⁹¹ ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy. *A descendência de Elias de Mello Castanho*, in Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro, p. 292, nº. 2-1; e p. 295, nº. 3-6.

⁹² Sobre a descendência de Messias de Mello Godoy e Cândida Pacheco Silveira (que são avós paternos da autora), ver: DAUNT, Ricardo Gumbleton. *Diogo Antônio Feijó na tradição da família Camargo*, in RIHGSP v. XLIII, p. 138-139, n. 9-5; ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy. *Um Ramo da Família Bueno de Camargo*, in Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro, p. 308-311, nº. 8-3.

FONTES DE PESQUISA

Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo

Arquivo Público do Estado de São Paulo

Câmara Municipal de Bragança Paulista. Site: <http://as.camarabp.sp.gov.br>

Cartório de Registro Civil de Registro Civil de Bragança Paulista. Site: www.cartoriobraganca.com.br

Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Site: <http://familysearch.org> (livro de batismos digitalizado de Bragança Paulista-SP e livros de casamentos digitalizados de São Paulo-SP, de Bragança Paulista-SP e de São João del Rei - MG)

Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (livros de batismos, casamentos e óbitos microfilmados de Amparo-SP, Bragança Paulista-SP e Campanha- MG)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANUÁRIO GENEALÓGICO BRASILEIRO (publicação do Instituto de Estudos Genealógicos), v. 1. São Paulo: Revista dos Tribunais.

ARAUJO, Francisco César Palma de; ARAUJO, Paula Raquel Palma de. *100 anos Empresa Elétrica Bragantina*. Bragança Paulista, 2003.

BROTERO, Frederico de Barros. *A família Jordão e seus afins*. São Paulo, 1948.

BROTERO, Frederico de Barros. *Descendentes do Ouvidor Lourenço de Almeida Prado*. São Paulo: Escola Profissionais Salesianos, 1938.

CINTRA, Antonio Paes. *Genealogia dos Cintras*. 1º “Araujo Cintra” 2º “Costa Cintra” 3º “Ulhoa Cintra” 4º “Coelho Cintra”. Rio de Janeiro, 1949.

- DAUNT, Ricardo Gumbleton. *Diogo Antônio Feijó na tradição da família Camargo*. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, v. XLIII. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1944.
- ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy. *A descendência de Elias de Mello Castanho*. In: Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro (1939-1989), São Paulo, 1991.
- ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy. *A família Lima de Casa Branca e região*. In: Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia – ASBRAP n.º 20, 2015.
- ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy. *Um ramo da família Bueno de Camargo*. In: Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro (1939-1989). São Paulo, 1991.
- ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy; ISOLDI FILHO, Carlos Alberto da Silveira. *A família Mello de São José do Rio Pardo e região*. In: Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia - ASBRAP n.º 2, 1995.
- ISOLDI FILHO, Carlos Alberto da Silveira. *“Major” Pacheco*. In: Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia – ASBRAP n.º 6, 1999.
- LEME, Luiz Gonzaga da Silva, *Genealogia Paulistana*, vol. 2, 3, 4 e 5. São Paulo: Duprat & Comp., 1904.
- LEME, Luiz Gonzaga da Silva, *Genealogia Paulistana*, vol. 8. São Paulo: Duprat & Comp., 1905.
- LUNÉ, Antonio José Baptista de; FONSECA, Paulo Delfino da (org. e publ.). *Almanak da Província de São Paulo para 1873*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado – Arquivo do Estado, 1985.
- MARTINS, Nelson Silveira; LAURITO, Domingos. *Bragança (1763 – 1942)*. São Paulo: Ed. Mário M Ponzini & Cia, 1943 (Coleção S. Paulo através da História vol. III).

MENDONÇA, Luiz Carlos Sampaio de. *Os Andradas (ascendentes e colaterais)*. In: Brasil Genealógico - Revista do Colégio Brasileiro de Genealogia, Tomo I, nº. 3, 1962.

MOYA, Salvador de. *Barão de Cocais*. In: Revista Genealógica Latina, v. XVIII-XIX. São Paulo: Instituto Genealógico Brasileiro, 1966-1967.

NEGRÃO, Francisco. *Genealogia Paranaense*, v. 5. Curitiba: Imprensa Paranaense S/A, 1946.

O ESTADO DE S. PAULO, de 9-JUL-1937.

Os Martins Ferreira e os Ribeiro de Bragança. São Paulo: Indústria Gráfica Siqueira, 1945.

SANT'ANA, João Gabriel. *Repertório Biográfico e Genealógico Paulista*. São Paulo, 1987.

SILVA, Felipe Nery de Siqueira e. *Os Siqueiras de Bragança Paulista*. São Paulo, 1963.

SILVEIRA, Carlos da. *Subsídios Genealógicos*. In: Biblioteca Genealógica Brasileira, v. 3. São Paulo: Instituto Genealógico Brasileiro, 1942.

SILVEIRA, Carlos da. *Subsídios Genealógicos* n. LXXIX. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, v. XLIV. São Paulo. 1948.

**ASCENDÊNCIA DE GAETANO FIERRO E DE MARIA TERESA MENCHISE
NA PUGLIA E NA BASILICATA (ITÁLIA)**

Aguinaldo Cristofani Ribeiro da Cunha

***Para minha avó, Maria Fierro, mais tarde
Maria Fierro Cristofani, a querida avó Marieta***

Resumo: *Gaetano Fierro, natural de Spinazzola (província de Andria-Barletta-Trani), na Puglia, casou-se em segundas núpcias, em 1897, com Maria Teresa Menchise, natural de Genzano di Lucania (província de Potenza), na Basilicata. Em 1901 o casal imigrou para o Brasil, juntamente com a filha mais velha, Maria Fierro, então com dois anos, fixando-se na cidade de São Paulo – onde nasceram mais dez filhos do casal. Este texto apresenta a ascendência de Gaetano e de Maria Teresa (meus bisavós maternos), desde início do século XVIII, tendo toda a pesquisa sido feita pelo arquiteto e genealogista italiano Francesco Glionna, casado com minha prima Lucretia Fierro, natural de Nova York, onde residem (Lucretia é bisneta de Paolo Fierro, irmão de Gaetano Fierro).*

Abstract: Resumo: *Gaetano Fierro, a native of Spinazzola (province of Andria-Barletta-Trani) in Puglia, married in 1897 with Maria Teresa Menchise, a native of Genzano di Lucania (province of Potenza) in Basilicata. In 1901 the couple immigrated to Brazil, together with their eldest daughter, Maria Fierro, then two years old, and settled in the city of São Paulo - where the couple's ten children were born. This text presents the ancestry of Gaetano and Maria Teresa (my maternal great-grandparents) since the beginning of the eighteenth century, all the research being done by the Italian architect and genealogist Francesco Glionna, married to my cousin Lucretia Fierro, born in New York, where (Lucretia is the great-grandson of Paolo Fierro, brother of Gaetano Fierro).*

Apresentação

Em 2006 publiquei na Revista da ASBRAP n.º 11 um texto sobre as famílias de meus avós maternos, Benedicto Cristofani e Maria Fierro, intitulado

“*As Famílias Cristofani e Fierro, na Itália e no Brasil*”. No ano passado, em outubro de 2016, os descendentes dos Fierro aqui estudados, todos brasileiros, descendentes de Gaetano Fierro – meu bisavô - fomos descobertos por uma prima americana, Lucretia Fierro – bisneta por sua vez de um irmão mais velho de Gaetano, Paolo Fierro.

Foi uma grande emoção para todos nós essa descoberta. Lucretia leu na internet um texto que escrevi sobre minha querida prima e amiga Myriam Muniz, por ocasião de seu falecimento em dezembro de 2004. Esse texto hoje é a biografia de Myriam na Wikipédia e lá consta ser a atriz neta de Gaetano Fierro, de Spinazzola, e de Maria Teresa Menchise, de Genzano di Lucania. Isso bastou para que Lucretia redescobrisse a família Fierro no Brasil – da qual se lembrava, na infância, por ouvir o avô contar de sua visita a São Paulo, dos primos Fierro aqui existentes, e também por ter conhecido um deles, Orlando Ferri (no Brasil, em São Paulo, muitos dos nossos Fierro viraram Ferro e Ferri, culpa dos cartórios; minha avó Maria foi a exceção, por ter nascido na Itália e ter vindo com dois anos, portando o sobrenome original, Fierro).

De minha parte, lembro-me perfeitamente bem da visita do avô dela, Anthony Fierro - o primo Tony - em 1962. Ele veio de Nova York para visitar os primos-irmãos brasileiros. Em janeiro de 2017, tive o prazer de conhecer pessoalmente a prima Lucretia Fierro e seu marido, Francesco Glionna, em Nova York. No dia 12 de janeiro fomos almoçar no restaurante Casa Nonna, na W 38 Street: Lucretia, Francesco, minha prima Cris Ferri (filha de Orlando), sua filha Daniela Ferri e seu neto Daniel Ferri (Cris e família moram em New Jersey, Lucretia e Francesco em Long Island).

A seguir, a genealogia dos FIERRO e dos MENCHISE, mais a dos Lechiancole e dos Lepore, segundo pesquisa efetuada por meu caro primo, o arquiteto e genealogista FRANCESCO GLIONNA, um grande entusiasta do passado da Puglia e da história de suas famílias.

FIERRO

- I - NICOLA FIERRO, nasceu em Spinazzola em 1710, casado com TONIA DI RICCARDO, nascida em Spinazzola em 1713. Filho:
- II - PASQUALE FIERRO, nasceu em Spinazzola, em 1734, casado com MADDALENA LANZAROTTA. Filho:
- III- FRANCESCO SAVERIO FIERRO, nasceu em Spinazzola em 1766 e morreu em 1840, aos 74 anos. Casado com RAFFAELLA CARAMUTA, nascida em Spinazzola em 1771 e morta em 1828 aos 57 anos, filha de NICOLA CARAMUTA e de MATILDE STUMPO. Filhos:
 - 1 (IV) – GERARDO FIERRO, que segue no § 2º.
 - 2 (IV) – CANIO FIERRO, que segue no § 5º.
 - 3 (IV) – ROSA MARIA FIERRO nasceu em Spinazzola em 1806.
 - 4 (IV) - MICHELE FIERRO, que segue no § 11º.

§ 2º.

- IV – GERARDO FIERRO, nasceu em Spinazzola em 1795 e morreu em 1825 aos 30 anos. Casado com MARIANNA VIGILANTE, nascida em 1798 e morta em 1836, aos 38 anos, filha de NICOLA VIGILANTE (1768 a 1831, faleceu aos 63 anos) e de MADDALENA BUSSONE (1760 a 1850, faleceu aos 90 anos), neta materna de GIUSEPPE VIGILANTE e de LUCREZIA CASTORO, e neta materna de MICHELE BUSSONE. Casados em 30.04.1820. Pais de:
 - 1 (V) - FRANCESCO FIERRO, nasceu em 1821, casado em primeiras núpcias, em 1841, com ROSA LANZALOTTA, nascida em 1822 e morta em 1847, aos 25 anos; em segundas núpcias, casou-se em 1847 com MARIA FELÍCIA BELLANTUONO, nascida em 1826.
 - 2 (V) – NICOLA FIERRO, nasceu em 1823, que segue.

- V - NICOLA FIERRO, nasceu em 1823 e morreu em 1884 aos 59 anos. Casou-se com MARIA MICHELA LECHIANCOLE, nascida em 1823 e falecida em 1880, aos 57 anos, filha de PASQUALE LECHIANCOLE e de MARIA VALENTE. Neta paterna de GERARDO LECHIANCOLE (1766 – 1832, faleceu aos 66 anos) e de MARIA MICHELA STORNELLI (1773 – 1829, faleceu aos 56 anos), bisneta paterna de PASQUALE LECHIANCOLE e ANGELA BRUNO e de NICOLA STORNELLI e ROSA DI CEGLIA. Pais de:
- 1 (VI) – GERARDO FIERRO, nasceu em 1845.
 - 2 (VI) – PASQUALE FIERRO, nasceu em 1847.
 - 3 (VI) - LETIZIA FIERRO, nasceu em 1848.
 - 4 (VI) - GIUSEPPE FIERRO, nasceu em 1851 e morreu em 1861.
 - 5 (VI) – ANTONIO FIERRO, nasceu em 1854.
 - 6 (VI) – ROCCO FIERRO, nasceu em 1858.
 - 7 (VI) – MARIA FIERRO, nasceu em 1860 e morreu em 1863.
 - 8 (VI) - MARIANNA FIERRO, nasceu em 1863.
 - 9 (VI) - PAOLO FIERRO, que segue no § 3º.
 - 10 (VI) - GAETANO FIERRO, que segue no § 4º.

§ 3º.

- VI – PAOLO FIERRO nasceu em Spinazzola, em 1866. Casou-se em 10.06.1888, com LUCIA TUFAROLI, nascida em 1859. Pais de:
- 1 (VII) - NICOLA FIERRO, nasceu em 1890 e morreu em 1918, aos 28 anos, na Primeira Guerra Mundial.
 - 2 (VII) - ANTONIO FIERRO (TONY), que segue.
- VII - ANTONIO FIERRO (TONY), nasceu em 1900 e morreu em 1984, aos 84 anos, em Nova York. Casou-se com LUCREZIA D'ITRIA. Pais de:
- VIII - NICOLA FIERRO, casado com LORETTA ABRUZZO. Pais de:
- 1 (IX) – TONY FIERRO, nascido em 1956.
 - 2 (IX) - LUCRETIA MARIE FIERRO, nascida em 1958. Casada em segundas núpcias com FRANCESCO GLIONNA.

3 (IX) – PHYLLIS FIERRO, nascida em 1960.

§ 4º.

VI – GAETANO FIERRO, nasceu em Spinazzola em fevereiro de 1868 e morreu em São Paulo em outubro de 1951, aos 83 anos.

Casou-se em primeiras núpcias com VINCENZA DI CIOMMO, com quem teve dois filhos: MARIA MICHELA FIERRO (nascida em 1893 e morta logo a seguir) e NICOLA FIERRO (nascido em 1895 e falecido em 1901 durante a viagem para o Brasil).

Casou-se em segundas núpcias, em 13.03.1897, com MARIA TERESA MENCHISE, nascida em agosto de 1880, em Genzano de Lucania, e falecida em São Paulo, em maio de 1943, aos 62 anos. Pais de:

1 (VII) - MARIA FIERRO, nasceu em Spinazzola, no Vico Spada, em junho de 1899 e morreu em Santos, estado de São Paulo, em maio de 1969. Casou-se com BENEDICTO CRISTOFANI em 25.10.1919, em São Paulo. Pais de:

1 (VIII) - GUIOMAR CRISTOFANI, nasceu em São Paulo em janeiro de 1921 e morreu em maio de 1979, aos 58 anos. Casada em 28.01.1947 com AGUINALDO RIBEIRO DA CUNHA (1912 a 1999, faleceu aos 87 anos), filho de ARLINDO RIBEIRO DA CUNHA (1883 a 1946, faleceu aos 63 anos) e de JOANNA TARDELLI (1884 a 1966, faleceu aos 82 anos). Pais de:

1 (IX) - AGUINALDO CRISTOFANI RIBEIRO DA CUNHA.

2 (VIII) - HENRIQUE CRISTOFANI, nasceu em São Paulo em janeiro de 1922 e morreu em setembro de 1993, aos 71 anos. Casado com MARIA DE LOURDES DE FREITAS RODRIGUES (1923 a 2001, faleceu aos 58 anos), filha de SERAFIM RODRIGUES e de MARIA JÚLIA DE FREITAS. Pais de:

1 (IX) - MYRIAN CRISTOFANI.

2 (IX) - CÉSAR BENEDICTO CRISTOFANI.

3 (IX) - CARLOS HENRIQUE CRISTOFANI.

2 (VII) - NICOLA FERRO, casado com HERCILIA SANTOS. Filhos:

1 (VIII) - CAETANO FERRO.

2 (VIII) - OSWALDO FERRO.

3.(VIII) - MIGUEL FERRO.

4 (VIII) - RUBENS FERRO.

3 (VII) - PAULO FERRO, casado com TERESA FERRO. Filhos:

1 (VIII) - GRAZIA FERRO.

2 (VIII) - NANCY FERRO.

3 (VIII) - PAULO FERRO JUNIOR.

4 (VII) - GRAZIA FERRO, casada com NICOLA VITERITE. Filhos:

1 (VIII) - MARIA JOSÉ VITERITE.

2 (VIII) - MILCIADES VITERITE.

5 (VII) - MARIANNA FERRI, casada com MÁRIO MARTINELLI,
sem descendência..

6 (VII) - ROSÁRIA FERRI, casada com AGOSTINHO MUNIZ DE
MELLO. Filhos:

1 (VIII) - JOSÉ MUNIZ DE MELLO.

2 (VIII) - MYRIAM MUNIZ DE MELLO.

7 (VII) - JOSÉ FERRO, casado com BRUNA LANCCEZZI. Filhos:

1 (VIII) - MARIA ANTONIA FERRO.

2 (VIII) - CARLOS ANTONIO FERRO.

3 (VIII) - BRUNO JOSÉ FERRO.

8 (VII) - LUCIA FERRO, casada com JANUÁRIO BERGAMO. Filho:

1 (VIII) - JANUÁRIO BÉRGAMO JUNIOR.

9 (VII) - CARLOS MIGUEL FERRO, casado com ISAURA FERRO, sem descendência.

10 (VII) - HENRIQUE FERRI, casado com EMÍLIA FERRI. Filho:
1 (VIII) - HENRIQUE FERRI JUNIOR.

11 (VII) - ORLANDO FERRI, casado com ANTONIETA DEROSA.
1 (VIII) - TERESA MARIA FERRI.
2 (VIII) - ORLAMDO FERRI JUNIOR.
3 (VIII) - MARIA CRISTINA FERRI.

§ 5º.

IV – CANIO FIERRO, nasceu em Spinazzola em 1800 e morreu em 1845, aos 45 anos. Casou-se com MARIA TERESA DI VITTORIA. Pais de:
1 (V) - ANTONIO FIERRO, que segue.
2 (V) - FRANCESCA FIERRO, casada com GERARDO BILANZONE, filho de PASQUALE BILANZONE e de ANNA VALENTE.

VI - ANTONIO FIERRO e sua mulher ROSA DI VIETRI. Pais de:
1 (VII) - FRANCESCO FIERRO, que segue no § 6º.
2 (VII) - CANIO FIERRO, que segue no § 9º.
3 (VII) - RAFFAELE FIERRO.

§ 6º

VII - FRANCESCO FIERRO e sua mulher ROSA D'INNELLA. Pais de:
1 (VIII) - VINCENZO FIERRO, que segue.
2 (VIII) - GIUSEPPE FIERRO, que segue no § 7º.

VIII – VINCENZO FIERRO e sua mulher MRIA IRENE ROSATO, pais de:

IX - ROSA FIERRO, casada com SAVERIO D'ERCOLE, pais de:

X - ANGELA D'ERCOLE, casada com LUIGI CARBONE.

§ 7º.

VIII - GIUSEPPE FIERRO, casado com CARMELA LANUBILE, pais de:

IX - FRANCESCO FIERRO, casado com LETIZIA BARBUZZI, pais de:

1 (X) - GIUSEPPE FIERRO, que segue.

2 (X) – CARMELA FIERRO, que segue no § 8º.

X – GIUSEPPE FIERRO e sua mulher VINCENZA ROTONDELLA, pais de:

1 (XI) - LETIZIA FIERRO.

2 (XI) - FRANCESCO FIERRO.

§ 8º.

X - CARMELA FIERRO, casada com NICOLA DI NARDI.

§ 9º.

VII -. CANIO FIERRO, casado com ANNA ROSA DE FEO. Filhos:

1 (VIII) - RAFFAELE FIERRO.

2 (VIII) - PASQUALE FIERRO, casado com ROSA VALENTE.

3 (VIII) - ROCCO ANTONIO FIERRO, que segue.

VIII - ROCCO ANTONIO FIERRO, casado com MALVINA AGLIETA, pais de:

IX - SABINO FIERRO, casado com ANNA CABONE, pais de:

X - ANTONIO FIERRO.

§ 10º.

IV - MICHELE FIERRO e sua mulher ANGELA CALABRESE, pais de:

V - RAFFAELE FIERRO, casado com TERESA PALUMBO, pais de:

VI - ROCCO FIERRO, casado com ANTONIA MONTANARO.

MENCHISE

- I - ANTONIO MENCHISE, nasceu em Genzano di Lucania, c. 1750, casado com LUCIA LAGINESTRA. Pais de:
- II - MICHELE MENCHISE, nasceu em Genzano di Lucania, em 1785, casado em 13.05.1810, com MARIANTONIA BATTAGLINO, nascida em Genzano di Lucania em 1793. Mariantonia era filha de CANIO BATTAGLINO, nascido em Genzano di Lucania em 1764 e morto em 1843 aos 70 anos, e de CARMELA MUSCILLO. Neta paterna de GIUSEPPE BATTAGLINO e de CATERINA TARTAGLIA. Pais de:
- III - GIUSEPPE MARIA MENCHISE, nasceu em Genzano di Lucania em 1829. Casado em 14.02.1846 com Maria Teresa Loguercio, nascida em 1828. Maria Teresa era filha de FRANCESCO ANTONIO LOGUERCIO, nascido em Genzano di Lucania em 1783, e de COSTANZA PIETRAPERIOSA. Neta paterna de MICHELANGELO LOGUERCIO.
- IV - NICOLA MARIA MENCHISE, nasceu em Genzano di Lucania em 1853 e morto em 1894 aos 41 anos. Casou-se com Maria Grazia Lepore, nascida em Genzano di Lucania em 1854 e falecida em São Paulo em 1927, aos 73 anos.

LECHIANCOLE

- I – PASQUALE LECHIANCOLE, nascido em Spinazzola. Casado com ANGELA BRUNO. Pais de:
- II – GERARDO LECHIANCOLE, nasceu em 1766 em Spinazzola em 1766 e morto em 1832, aos 66 anos. Casou-se com MARIA MICHELA STORNELLI, nascida em 1773 e morta em 1829 aos 56 anos, filha de NICOLA STORNELLI e de ROSA DI CEGLIA.

- III – PASQUALE LECHIANCOLE, nascido em Spinazzola. Casado com MARIA VALENTE. Pais de:
- IV – MARIA MICHELA LECHIANCOLE, nascida em Spinazzola em 1823 e falecida em 1880, aos 57 anos. Casada com NICOLA FIERRO, nascido em 1823 e morto em 1884, aos 59 anos.

LEPORE

- I - MATTEO LEPORE, nascido em Genzano di Lucania, c. 1755, casado com FAUSTINA BANENZA. Pais de:
- II - DOMENICO ANTONIO LEPORE, nasceu em Genzano di Lucania em 1786. Casou-se em 15.02.1810 com ANGIOLA MARIA MUSCILLO, nascida em 1784, filha de CANIO MUSCILLO e de COSTANZA GIORDANO. Pais de:
- III - ROCCO MARIA LEPORE, nasceu em Genzano di Lucania em 1820. Casou-se em 25.06.1850 com MARIA TEODOROA LAGINESTRA, nascida em 1825, filha de VITO LAGINESTRA, nascido em 1806, e de MARIA ANTONIA D'EUGENIO, nascida em 1808 (casados em 08.10.1826). Neta paterna de MICHELE LAGINESTRA e de TEODORA MONTÉGONO e neta materna de GIUSEPPE D'EUGENIO e de MARIA MICHELA GALATINO.
- 1(IV) - MARIA GRAZIA LEPORE, nasceu em Genzano di Lucania em 1854 e morreu em São Paulo, em 1927, aos 73 anos. Casou-se com NICOLA MARIA MENCHISE, nascido em Genzano di Lucania em 1853 e morto em 1894, aos 39 anos. Segue no parágrafo 1º.
- 2(IV) – MIGUEL LEPORE.
- 3(IV) – DOMINGOS LEPORE.
- 4(IV)- VITTORIO LEPORE.

5(IV) - MARIA ANTONIA LEPORE.

6(IV) – FAUSTINA LEPORE.

Parágrafo 1º.

V – MARIA GRAZIA LEPORE e NICOLA MARIA MENCHISE foram pais de:

1 (V) - MARIA TERESA MENCHISE, nascida em Genzano di Lucania em 1880 e falecida em São Paulo em 1943, casou-se com GAETANO FIERRO, nascido em Spinazzola em 1868 e falecido em São Paulo em 1951.

2 (V) – TEODORA MENCHISE, nascida em falecida em Genzano di Lucania nos anos 1970.

3 (V) – LUCIA MENCHISE , nascida em Genzano di Lucania em 1894 e falecida em São Paulo em 1976.

4 (V) – JOSÉ MENCHISE, nascido em Genzano di Lucania e falecido em São Paulo nos anos 1970.

5 (V) – MIGUEL MENCHISE, nascido em Genzano di Lucania e falecido em São Paulo em 1967.